

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUACAO EM ANTROPOLOGIA

JAIME XAMEN WAI WAI

**ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DAS ALDEIAS ANTIGAS DO RIO
KIKWO, PARÁ, BRASIL**

Belo Horizonte

2022

JAIME XAMEN WAI WAI

**ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DAS ALDEIAS ANTIGAS DO RIO KIKWO, PARÁ,
BRASIL**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Antropologia - Área de Concentração em Arqueologia - da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientação: Prof. Dr. Ruben Caixeta de Queiroz

Belo Horizonte

2022

306	Wai Wai, Jaime Xamen.
W145a	Arqueologia e história das aldeias antigas do rio Kikwo,
2022	Pará, Brasil [manuscrito] / Jaime Xamen Wai Wai. - 2022.
	147 f. : il.
	Orientador: Ruben Caixeta de Queiroz.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Antropologia – Teses. 2. Indígenas - Teses. 3. História oral - Teses. 4. Paisagens – Teses. I. Queiroz, Ruben Caixeta de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA DE JAIME XAMEN WAI WAI
(MATRÍCULA N.º 2019662013)**

Aos 26 (vinte e seis) dias do mês de agosto de 2022 (dois mil e vinte e dois), reuniu-se às 15 hs no Auditório prof. Baesse, sala F-4059 4º andar do prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas, a Comissão Examinadora para julgar em exame final a Dissertação intitulada: *“Etnografia e História das Aldeias Antigas do Rio Kikwo, Pará, Brasil”*, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Antropologia, área de concentração: Arqueologia - linha de pesquisa: Arqueologia do Mundo Moderno e Contemporâneo. A Comissão Examinadora foi composta pelos professores doutores: **Ruben Caixeta de Queiroz – (PPGAn/UFMG) – Orientador; Camila Pereira Jácome (Universidade Federal do Oeste do Pará -UFOPA) - Por videoconferência; Igor Morais Mariano Rodrigues (Universidade Federal de Rondônia - UNIR) e Mariana Petry Cabral - PPGAn/UFMG.** Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Ruben Caixeta de Queiroz, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao mestrando Jaime Xamen Wai Wai para apresentação da sua Dissertação. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após a arguição dos examinadores, a Comissão se reuniu, sem a presença do mestrando, para julgamento e expedição do resultado final. Concluída a reunião, os membros da Comissão Examinadora aprovaram a Dissertação por unanimidade e o resultado foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 26 de agosto de 2022.

Membros da Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Ruben Caixeta de Queiroz - Orientador

Profa. Dra. Camila Pereira Jácome

Prof. Dr. Igor Morais Mariano Rodrigues

Profa. Dra. Mariana Petry Cabral



Documento assinado eletronicamente por **Igor Morais Mariano Rodrigues, Usuário Externo**, em 29/08/2022, às 15:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Petry Cabral, Professora do Magistério Superior**, em 29/08/2022, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ruben Caixeta de Queiroz, Professor do Magistério Superior**, em 30/08/2022, às 09:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Pereira Jácome, Usuário Externo**, em 30/08/2022, às 17:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1711109** e o código CRC **BBA5C227**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de deixar os meus agradecimentos à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por nos ter acolhido como estudantes indígenas, em especial aos coordenadores do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAn), que se empenharam na criação de vagas específicas para estudantes indígenas na pós-graduação.

Agradeço muito à Capes por ter financiado uma bolsa de mestrado, que nos permitiu nos manter e ir fazer as disciplinas do curso em Belo Horizonte, longe da nossa casa, da nossa família, de nossas filhas.

Ana Mercês (Aninha), muito obrigado pela ajuda, pela sua alegria, pela contribuição ao nosso trabalho e pelo serviço na secretaria do PPGAn.

Agrademos à coordenadora do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena (Iepé), Denise Fajardo, por ter financiado em parte nossa viagem de campo para Roroymo, e por ter pago nossas passagens de Santarém para Belo Horizonte e nos dado uma ajuda de custo para nos manter em Belo Horizonte no momento da escrita final e defesa da nossa dissertação.

Agradeço a todas professoras e a todos professores do PPGAn, que dividiram conhecimentos e ensinamentos, em especial aqueles com os quais cursei disciplinas: Luis Cláudio Pereira Symanski, Andrés Zarankin, Ruben Caixeta, Mariana Cabral, Andrei Isnardis e Aderval Costa.

Ao Ruben Caixeta, Renata e Olívia, obrigado por ter me acolhido na residência da família em Belo Horizonte, pelas nossas conversas e carinho.

Ruben Caixeta, além da orientação do trabalho, da escrita, das conversas longas sobre o meu povo e suas histórias, fez parte da equipe na expedição de campo no início de 2020, junto com minha família, no contexto desta pesquisa. Além disso, sempre esteve presente junto ao meu povo, seja para demarcar nosso território, seja para a discussão e implementação do Plano de Gestão Ambiental e Territorial (PGTA) do território Wayamu. Obrigado por todo este compartilhamento, pela força e exemplo para minha caminhada.

À professora Camila e família (Sérgio, Ravi e Pedro) pela amizade para sempre, ela que me ajudou na tradução e na escrita, na revisão deste trabalho, que me mostrou o caminho que devia percorrer, dicas preciosas e verdadeiras, por fim, me incentivou a iniciar isso tudo e a realizar uma pós-graduação na UFMG.

Agradeço aos meus amigos Igor Waca e Sara Connor Hissa, apelidos que eles ganharam de nós (de mim e de Roque Yaxikma), e ao filho deles, Etevan. Fui acolhido na casa deles em Belo Horizonte, durante parte de nossos estudos na UFMG, nossas conversas incentivaram toda minha trajetória. Obrigado a Igor pela contribuição no trabalho de campo, do qual ele também participou, ajudou a tirar fotos e a fazer croquis. Nesta viagem, Igor perdeu o seu GPS, na cabeceira do rio Kikwo, o que deixou muito triste. Obrigado, Waca, pelas suas animações, pelo incentivo que eu realizasse essa pós-graduação.

A Leonor Valentino, muito obrigado pela amizade, e pela viagem realizada para a pesquisa de campo, você que me ajudou na gravação de áudio, é sempre uma pessoa alegre, somou muito para que este trabalho acontecesse. Obrigado pelo incentivo a participar de eventos acadêmicos, como a SALSA.

A meu amigo Rui Hayarama, obrigado pelo incentivo, você que sempre me deu apoio para realizar o mestrado.

Aqui deixo também meu agradecimento a Socorro, uma pessoa que me deu importantes conselhos quando eu quis desistir do curso na graduação da UFOPA, obrigado pelo apoio.

Aos professores Claide e Anne, obrigado pelo incentivo em realizar uma pós-graduação, pelas dicas e por me auxiliar na participação de eventos acadêmicos, como a SABNorte, na apresentação de palestras e participação em projetos de pesquisa.

Professora Gabriela, você é uma das pessoas com quem muito conversava no período da graduação na UFOPA, você fez parte desta caminhada e dos meus estudos. Professora Mryan, te conheci durante minha entrada para a graduação, obrigado pelo convite a participar de uma pesquisa entre os povos Katukina, no Estado da Amazônia, uma etapa muito importante para minha formação.

Eu queria registrar meus agradecimentos aos meus cunhados que me deram orientação durante o trabalho de campo: Pirimaw, Roquenaldo (e sua esposa Wosîkra), são essas pessoas que ouviram as minhas histórias e as de meus avôs durante nossa viagem, vocês foram fundamentais nesta pesquisa, aprendi muito com vocês. Nesta viagem também aprendi muito com Matateya, Roserinho, Clovis, Almir, Ratija, Miriyan e Lucia, meus sobrinhos, vocês que ensinaram e aprenderam junto com a gente, por meio de nossos pais e avôs, serão testemunhos futuros de nossa história e dos lugares que visitamos, obrigado por essa caminhada juntos.

Eu queria registrar que nunca vou esquecer o que aprendi dos meus pais, antes e durante esta dissertação. Todo o conhecimento que eles me passaram ficará guardado para sempre, serei o guardião dessa história. Meu pai, com quem sempre mantive conversas sobre nosso passado, foi um pai e um amigo, gostava de brincar, mesmo durante o trabalho. Foi ele quem concordou e incentivou o que eu proponha a fazer, o que pensei em fazer. E meu sobrinho Roque, da mesma forma, sempre seguiu de perto o incentivo e as brincadeiras de meu pai.

Meu pai Poriciwi, minha mãe Wahciki, minha irmã Irene, todos eles nos acompanharam na expedição de campo para a presente pesquisa. Juntos, escrevemos história, isso estará para sempre registrado. Descanse em paz meu pai, todas as lutas valeram à pena, às vezes o que acontece não depende de nós. As suas alegrias e suas brincadeiras sempre permanecerão em todos os lugares que você mostrou para nós.

Por fim, eu queria agradecer à minha esposa, Rubiane, às minhas duas filhas, Jamyle e Raika, obrigado por tudo quando estive longe e tive saudades, por me aguentarem e terem tido paciência na espera, obrigado pelo apoio de vocês, amo vocês.

Resumo

Este trabalho, inicialmente, traz uma reflexão sobre minha vivência no meio do mundo não indígena. Nasci, cresci e vivi na aldeia Mapuera, norte do estado do Pará, até os 24 anos de idade, quando me mudei para estudar na cidade de Oriximiná (PA), passei a conviver com os brancos e a aprender a falar português. No presente trabalho, vou apresentar uma pequena discussão sobre as arqueologias indígenas, pois penso que, antes de tudo, um trabalho acadêmico feito por um indígena, precisa dialogar com a história dos povos indígenas, precisa dialogar com as teorias, as metodologias e os conhecimentos tradicionais. Com base na história oral wai wai, ouvida durante uma viagem/expedição para trabalho de campo no início de 2020, descrevo as aldeias antigas situadas no rio Kikwo e os lugares importantes (por onde andavam nossos ancestrais) e presentes na memória de meu povo. Considero que não somente os artefatos arqueológicos são marcadores das culturas indígenas, mas também a memória ancestral contida nos relatos orais. Trago aqui o relato de meu pai sobre os lugares do rio Kikwo, incluindo aldeias e acampamentos antigos, aqueles que foram habitados pelos nossos antepassados, conforme foi relatado pelo xamã Mapofo (avô materno de Poriciwi, meu pai) e foi passado para o meu pai. Num outro tópico, descrevo, as festas tradicionais do povo wai wai (chamadas yamo, merpa e xorwiko) que ocorriam com frequência naqueles lugares, até a chegada na região dos missionários cristãos e americanos, por volta da década de 1950. Naquelas festas havia a participação de pessoas de várias aldeias, de perto e de longe, casamentos, trocas de objetos e artefatos, muita dança e consumo de bebida fermentada. Por fim, descrevo a saída dos Wai Wai das antigas aldeias Yowtho, Wawkumîti e Ahrumîti (localizadas no rio Kikwo) para a aldeia-missão Kanaxen no sul da Guiana e como os Wai Wai, convertidos pelos missionários na aldeia Kanaxen, organizaram expedições para buscar os povos isolados ou não vistos (enîhnî komo) e que ainda permaneciam do lado do Brasil.

Palavras chaves: Wai Wai, Arqueologia indígena, História indígena, Amazônia, Karib.

Ekatîmto

On yehcamhokacho, kesekatîmyas ka. Mapuera Kewruiyakñe kpormamye ewto po, Pará rowon po, norte wece, 24 cimnipu, eropyimaw tak kîwcekne *karaiwa* cheka ehcamhokaxi Oriximiná (PA), pona. Yîmtapotarî komo poko ehcamhokaxi. On mewrexapu, ka wekatîmyasî, ahkeyoroxiya poko kehcamhokacho nas tooto yehtoponhîrî poko, oyehcamhokacho indígena niritho, erowa cixapu kehtoponhîrî cexpore nay anarî komo ñenîrme, kehtopo komo nas teorías, metodologías, komo kîwya so yîhtînotopo xa marha. Amna totopo ho yimaw entaxapu, amna cehcamhokaco citopo nihciyakne 2020 yihcirî cimnipu po, ewtotho komo wekatimyas, Kikwo kwawno nho komo, ekenînhî komo, amna porin pen komo yetaritoponho, nas rma amna poyeno komo nînhîtînorî me. Ahcenamko nay ewto tho poso, yinirîthîrî komo, ero makî pîn, nay marha, yîhtîpîrî komo yaw, kporin pen komo nekatîmtho. Apapa ñekátîmtho etathîrî komo Kikwo yewku kwaw, pahxa amna porin men komo yewtontho, yaskomo Maporo ñekátîmtho (noro tí xakne apapa yíson yîmme), noro ñekátîmyakne apapa ya. Ta anarî poko wîmewres hara etahworetoponhîrî komo (yamo, merpa e xorwiko), eroyipu komo tí niratkene etahworetopo komo, paranakarî komo mokuhnaw, 1950 cimnipu wa. Eroyipu yenso tí mokyatkene mehxa mehxa waray komo, meyhara, anarî komo moxe mokyatkene, anarî komo nipiwatkene, warawanatkeñe, manatkene, ñesewokpetkene. Wai Wai komo totoponho cewtontîrî komo poy Yowtho, Wawku mîtî e Ahru mîtî (Kikwo kway), Kanaxen pona, Kayana pona. Enîhnî wece totoponhîrî hara, eroyimaw rmaka xatkeñe Brasil rowon po so há anarî komo.

Tapota Yeukacho: Wai Wai, Pahxantho Poko Kehcamhokacho, Ehtoponhîrî, Comota Cewno, Karib.

Abstract

This dissertation, initially, brings a reflection about my experience in the middle of the non-Indigenous world. I was born, grew up and lived in the Mapuera village, north of the state of Pará, until I was 24 years old, when I moved to study in the city of Oriximiná (PA), started living with white people and learning to speak Portuguese. In this dissertation I will present a short discussion on indigenous archeologies, because I think that, before anything else, an academic work done by an indigenous person needs to dialogue with the history of indigenous peoples, needs to dialogue with theories, methodologies, and traditional knowledge. Based on the Wai Wai oral history, heard during a trip/expedition for fieldwork in early 2020, I describe the ancient villages located on the Kikwo River and the important places (where our ancestors walked) and present in the memory of my people. I consider that not only archeological artifacts are markers of indigenous cultures, but also the ancestral memory contained in oral histories. I bring here my father's account of the places on the Kikwo River, including ancient villages and settlements, those that were inhabited by our ancestors, as reported by the shaman Mapofo (my father Poriciwi's maternal grandfather) and passed on to my father. In another topic, I describe the traditional festivals of the Wai Wai people (called *yamo*, *merpa*, and *xorwiko*) that occurred frequently in those places until the arrival of Christian and American missionaries in the region around the 1950s. In those parties there was the participation of people from various villages, from near and far, weddings, exchange of objects and artifacts, a lot of dancing, and consumption of fermented beverages. Finally, I describe the departure of the Wai Wai from the old villages Yowtho, Wawkumîti, and Ahrumîti (located on the Kikwo River) to the mission village Kanaxen in southern Guyana and how the Wai Wai, converted by the missionaries in the village Kanaxen, organized expeditions to search for the isolated or unseen peoples (*enîhnî komo*) who still remained on the Brazilian side.

Key Words: Wai Wai, Amazon, Indigenous Archeology, Indigenous History, Karib.

Résumé

Cette dissertation apporte, dans un premier temps, une réflexion sur mon expérience au sein du monde non-indigène. Je suis née, j'ai grandi et j'ai vécu dans le village de Mapuera, au nord de l'État du Pará, jusqu'à l'âge de 24 ans, lorsque je suis partie étudier dans la ville d'Oriximiná (PA), que j'ai commencé à vivre avec des Blancs et à apprendre à parler portugais. Dans le présent document, je présenterai une brève discussion sur les archéologies indigènes, car je pense qu'avant tout, un travail académique réalisé par une personne indigène doit dialoguer avec l'histoire des peuples indigènes, il doit dialoguer avec les théories, les méthodologies et les connaissances traditionnelles. Sur la base de l'histoire orale Wai Wai, entendue lors d'un voyage/expédition pour un travail de terrain début 2020, je décris les anciens villages situés sur la rivière Kikwo et les lieux importants (où nos ancêtres ont marché) et présents dans la mémoire de mon peuple. Je considère que non seulement les artefacts archéologiques sont des marqueurs des cultures autochtones, mais aussi la mémoire ancestrale contenue dans les histoires orales. J'apporte ici le récit de mon père sur les lieux de la rivière Kikwo, y compris les anciens villages et campements, ceux qui étaient habités par nos ancêtres, tel que rapporté par le chaman Mapofo (grand-père maternel de Poriciwi, mon père) et transmis à mon père. Dans un autre sujet, je décris les fêtes traditionnelles du peuple Wai Wai (appelées *yamo*, *merpa* et *xorwiko*), qui se déroulaient fréquemment dans ces lieux jusqu'à l'arrivée des missionnaires chrétiens et américains dans la région vers les années 1950. Lors de ces fêtes, les habitants de différents villages, proches ou lointains, participaient à des mariages, des échanges d'objets et d'artefacts, de nombreuses danses et la consommation de boissons fermentées. Enfin, je décris le départ des Wai Wai des anciens villages Yowtho, Wawkumîti et Ahrumîti (situés sur la rivière Kikwo) vers le village-mission Kanaxen au sud de la Guyane et comment les Wai Wai, convertis par les missionnaires du village Kanaxen, ont organisé des expéditions à la recherche des peuples isolés ou invisibles (*enîhni komo*) qui restaient encore du côté brésilien.

Mots clés: Wai Wai, archéologie indigène, histoire indigène, Amazonie, Karib.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapas

Mapa 1: Território Wayamu (Iepé 2021)	20
Mapa 2: Localização das antigas aldeias do povo wai wai	25
Mapa 3: Localização das principais aldeias habitadas pelos Wai Wai na região das Guianas	26
Mapa 4: Principais Rotas de deslocamento dos Wai Wai	26
Mapa 5: Aldeias antigas; Lugares históricos ou míticos; Aldeia atual.	27
Mapa 6: Aldeia Mapuera atual: dividida de acordo com os bairros por cada povo.	27

Diagramas

Diagrama 1: A família de Poriciwi na viagem para Roroymo	49
Diagrama 2: Genealogia dos Moradores da aldeia Kentawno, e descendentes	58
Diagrama 3: Rede de parentesco e alianças matrimoniais na antiga aldeia Yowtho	72
Diagrama 4: Os Xamãs Muywa e Ewka	86
Diagrama 5: Genealogia de parentesco wai wai, de acordo com os casamentos interétnicos	145
Diagrama 6: Genealogia de parentesco wai wai, de acordo com a habitação por aldeia	146

Croquis

Croqui 1 (a partir de uma imagem mental) do acampamento de Roroymo	73
Croqui 2 (a partir de uma imagem mental) da aldeia Yowtho	74
Croqui 3 (a partir de uma imagem mental) divisão da casa grande	75
Croqui 4: (a partir de uma imagem mental) da aldeia Ahrumîfî	76

Fotografias

Imagem 1: Urubu-rei	86
Imagem 2: Onça	87
Imagem 3: Vários animais	87
Imagem 4: Urubu-rei	87
Imagem 5: Missão de pesquisa dinamarquesa na aldeia Kanaxen, 1955	111
Imagem 6: Vestimenta de <i>yamo</i> feita de entrecasca da árvore <i>wawku</i>	112
Imagem 7: Ewka e Ahmuri na aldeia Kanaxen	112
Imagem 8: Vestimenta do <i>xorwiko</i> , trançada de folha de buriti	113

Imagem 9: Homem coloca pena de gavião no cabelo	113
Imagem 10: Viagem entre aldeias	114
Imagem 11: Dança no terreiro da aldeia	114
Imagem 12: Homens com cabelos compridos, penas amarradas no cabeça	115
Imagem 13: Fabricação de cerâmica	115
Imagem 14: Preparação para passar resina por dentro do vaso	116
Imagem 15: Um homem colocando ponta de flecha (<i>cijaxkem</i>)	116
Imagem 16: Homem chegando na aldeia com caça	117
Imagem 17: Mulher extraindo suco venenoso da massa da macaxeira	117
Imagem 18: Cesto (<i>pakara</i>), no qual o xamã guardava os seus <i>ñokwa</i>	118
Imagem 19: Saída da expedição da aldeia Mapuera em direção a Roroymo	119
Imagem 20: Xamen e Poriciwi, na canoa, já chegando na aldeia Yowtho	120
Imagem 21: Xamen Wai Wai anotando no seu caderno de campo as paisagens	120
Imagem 22: Ouriço de castanha do Pará, nas proximidades da aldeia Ahrumitî	121
Imagem 23: Pirimaw olhando a vegetação de embaúba (<i>taratara</i>)	121
Imagem 24: Sapinho chamado <i>kepetî</i>	122
Imagem 25: Pedra no porto de Roroymo, sulcada pelos polimentos	122
Imagem 26: Pé de jenipapo no meio de uma ilha, onde se vê os ninhos de japim	123
Imagem 27: Japim, o artesão <i>xakwaru</i> (<i>kahñeme kiñe yîhtînoñeme marha</i>)	123
Imagem 28: A aldeia do <i>xakwaru</i>	124
Imagem 29: Vista de longe da casa do <i>xakwaru</i>	124
Imagem 30: Pedra de <i>xamataymo</i>	125
Imagem 31: Pirimaw sentado na pedra de <i>worokyam toopu</i> (espírito da pedra)	125
Imagem 32: Lugar e aldeia (Apoxiri) onde o urubu rei tinha levado o menino	126
Imagem 33: Cachoeira Gavião (Yaimo), acima de Apoxiri	126
Imagem 34: Construindo um acampamento de nome <i>pawxi matko</i> , no sítio de Roroymo	127
Imagem 35: Casa no acampamento de Roroymo	127
Imagem 36: Defumação de peixe e macaco guariba em Roroymo	128
Imagem 37: Poriciwi, no acampamento de Roroymo	128
Imagem 38: Folha de uma árvore chamada <i>paru</i>	129

Imagem 39: Amostra de casca e de folha de <i>paru</i>	129
Imagem 40: Porto da aldeia Ahrumîtho	130
Imagem 41: Pirimaw fazendo um corte para reconhecer uma árvore <i>paru</i>	131
Imagem 42: Pé de tucumã, em Yowtho	131
Imagem 43: Toco de uma <i>mapata</i> , possivelmente usada como esteio de casa	132
Imagem 44: Árvore <i>warma</i> ainda jovem	133
Imagem 45: Folha da árvore <i>warma</i> (aldeia Yowtho)	133
Imagem 46: Árvore nova de <i>karakru yepu</i>	134
Imagem 47: Folha árvore <i>kamuywa</i>	134
Imagem 48: Toco de uma árvore cortada por machado na antiga aldeia Yowtho	135
Imagem 49: Árvore <i>katuwaru</i> , ainda pequena	136
Imagem 50: Carvão achado na aldeia Yowtho	137
Imagem 51: Carvão na superfície da aldeia Yowtho	137
Imagem 52: Pé de castanheira, ainda jovem, na aldeia antiga de Yowtho	138
Imagem 53: Palmeira de tucumã (<i>mentho</i>), aldeia Yowtho	139
Imagem 54: Patauá (<i>kwanamari</i>), na aldeia Yowtho	140
Imagem 55: Eu e meu sobrinho, Roque Yaxikma	140
Imagem 56: Roque Yaxikma, Leonor Valentino e eu, Jaime X. Wai Wai	141
Imagem 57: O arqueólogo Igor Mariano	141
Imagem 58: O antropólogo Ruben Caixeta, conversando com o meu Pai	142
Imagem 59: Eu, Jaime Xamen, sentado com o meu pai Poriciwi	142
Imagem 60: Minha formatura na UFOPA, 2017	143
Imagem 61: Participação na VI Semana Internacional de Arqueologia Discente MAE/USP	143
Imagem 62: Participação na VI Semana Internacional de Arqueologia Discente MAE/USP	144
Imagem 63: Minha participação num encontro da UFPEL, em 07/08/2019	144

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
2	A MINHA TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE: DA GRADUAÇÃO AO MESTRADO	28
3	AS ARQUEOLÓGICAS INDÍGENAS E A ARQUEOLOGIA WAI WAI	33
4	AS ALDEIAS ANTIGAS, SUAS PAISAGENS, PESSOAS E SERES ENCANTADOS	47
4.1	O conceito de história para os Wai Wai	47
4.2	Aprendendo com meus parentes e amigos: o que é uma pesquisa coletiva e colaborativa?	48
4.3	Etnografias das aldeias antigas do rio Kikwo	56
4.3.1	Kentawno.....	56
4.3.2	Ahrumîti e Roroymo	60
4.3.3	Yowtho.....	67
5	OUTRAS HISTÓRIAS DE LUGARES DO RIO KIKWO: NOSSOS SERES ENCANTADOS.....	77
5.1	A história do menino que virou urubu-rei	77
5.2	<i>Worokyam toopu</i> : o espírito da pedra.....	81
6	Algumas encontros e festas (nas aldeias antigas): Yamo, Merpa e Xorwiko.....	88
7	A saída dos Wai wai da aldeia antiga de Yowtho para Kanaxen.....	93
7.1	Relatos dos antigos moradores de Yowtho, no rio Kikwo.	93
7.2	A chegada em Erpoymo	97
7.3	A partida em busca dos índios isolados (<i>enîhnî komo</i>), os Katwena.....	100
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
9	Bibliografia	108
10	Caderno de fotografia 1.	111
11	Caderno de Fotografia 2.....	119
12	Caderno de Fotografia 3: Minha experiência na Universidade	143
13	Anexo 1: (Diagrama 5) Genealogia de parentesco wai wai, de acordo com os casamentos interétnicos.....	145
14	Anexo 2: (Diagrama 6) Genealogia de parentesco wai wai, de acordo com a habitação por aldeia	146

CONVENÇÕES

Nesta dissertação, tomamos aqui de empréstimo as convenções que foram utilizadas por Leonor Valentino de Oliveira (2019) na sua tese de doutorado. Estão grafados em itálico os termos em outras línguas que não a portuguesa, exceto os nomes próprios, etnônimos e topônimos. A ortografia wai wai foi proposta pelos missionários Neil e Robert Hawkins. Os fonemas correspondem ao alfabeto fonético internacional (IPA):

a /a/

e /e/

i /i/

o /o/

u /u/

î /i/

c /tʃ/

h /h/

k /k/

m /m/

n /n/

ñ /ɲ/

p /p/

r /r/

ř /r̥/

s /s/

t /t/

w /w/

x /ʃ/

y /j/

Dois alofones frequentes nessas línguas são o [d] e o [b]. O [d] é alofone de /n/ após /k/, como em *oyakno* [oyakdo], “meu irmão/irmã de mesmo sexo que eu”. O [b], por sua vez, é alofone de /m/ após /k/, como em *kmokyasî* [kbokyasî], “eu voltarei”, e *Tuxkma* [Tuxba].

Algumas outras indicações de pronúncia:

a, e, i, o, u - soam como em língua portuguesa;

î - inexistente em português, é uma vogal central fechada não-arredondada;
c - como tx em português;
h - é aspirado, como no inglês hat;
k - como o c em “casa”;
m - como em português, exceto se antecedido por k, quando adquire som de b;
n - como em português, exceto se antecedido por k, quando adquire som de d;
ñ - como nh em português;
p - fricativa bilabial inexistente em língua portuguesa, soa próxima a um f;
r - alveolar inexistente em língua portuguesa, soa próxima a um l, exceto que sua realização não é gradual, mas estourada, o que a aproxima também de um r, como em “pare”;
r̃ - alveolopalatal inexistente em língua portuguesa, soa como um l ou um r pronunciados junto com um i rápido;
s - como o ss no português;
t - é palatalizado, como em “tatu” em português;
w - tem som de u, como em inglês;
x - como em português;
y - consoante semivogal frontal alta, soa próxima a um i rápido no português.

Nas línguas waiwai duas vogais iguais seguidas indicam vogal longa, como em taamu, “tio”. Palavras com duas ou três sílabas são, geralmente, oxítonas. Nas palavras com quatro sílabas a tônica é, quase sempre, a penúltima. Alguns verbos, independentemente do número de sílabas, também são paroxítonos, como ‘wasî’, “ser”/“estar”; *kîmtapo’wasî*, “eu estou falando”/“eu vou falar”; *ketapi’ckesî*, “eu estou trabalhando”/“eu vou trabalhar” – utilizei o apóstrofo nesses exemplos para indicar as sílabas tônicas.

1 INTRODUÇÃO

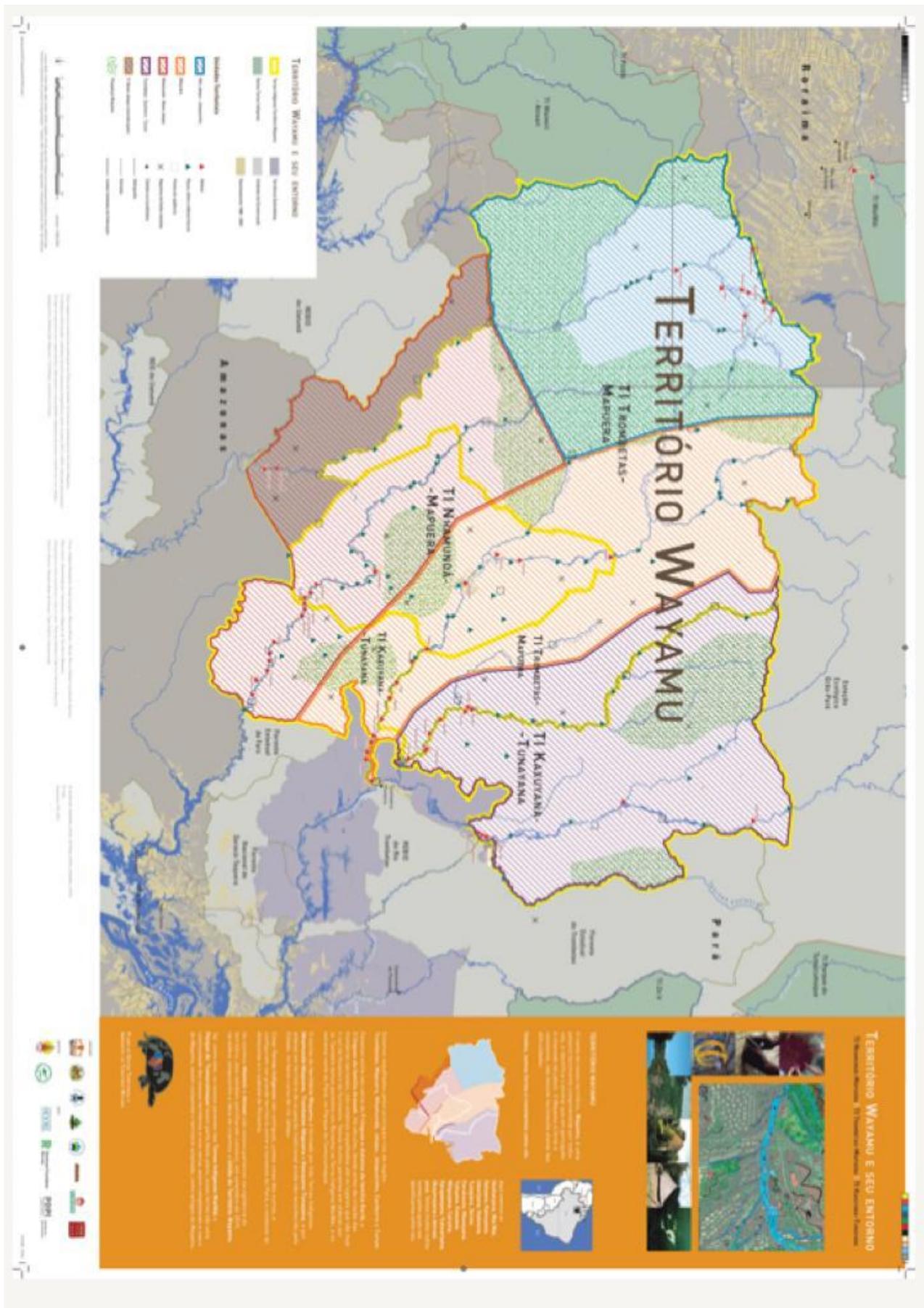
Este trabalho narra a história dos Wai Wai, em particular dos Wai Wai-Pinipici, de acordo com as informações contadas por alguns dos anciões com os quais conversei: meu pai (Poriciwi), minha mãe (Wahciki), um xamã do tempo anterior aos missionários (Yakutá). Todos eles falaram muito de um parente que viveu na época antiga e que era *yaskomo* (xamã), chamado Mapoño, meu bisavô paterno (pai da mãe de meu pai). Obtive ainda informações de pessoas mais velhas de outros povos, mas que atualmente são conhecidos como Wai Wai.

Os Wai Wai atualmente moram em aldeias situadas nas terras indígenas Trombetas-Mapuera, Nhamundá-Mapuera, Kaxuyana-Tunayana e WaiWáy (nos estados do Pará, Amazonas e Roraima, no Brasil), e também ao sul da Guiana e Suriname. Eu nasci e cresci na aldeia Mapuera, localizada no rio Mapuera, dentro do que hoje é chamado de território Wayamu (uma unidade territorial que contém três terras indígenas contíguas: Trombetas-Mapuera, Nhamundá-Mapuera e Kaxuyana-Tunayana). O rio Mapuera é afluente da margem direita do rio Trombetas, tributário da margem esquerda do rio Amazonas. O meu trabalho foi desenvolvido dentro das Terras Indígenas Trombetas-Mapuera e Nhamundá-Mapuera (ou seja, dentro de parte do Território Wayamu) (ver mapa 1, retirado de Iepé 2021).

Os Wai Wai são povos indígenas falantes em sua maioria de línguas da família Karib. Mas, também há entre os Wai Wai indígenas que se reconhecem como Mawayana e Wapixana e que falam uma língua do tronco Arawak.

Os povos Wai Wai de hoje resultam do que na minha língua se chama *etîchewre*, que significa pessoas reunidas e misturadas, mais ou menos. Então, entre os Wai Wai há gente de vários outros povos, como os Xerew, Katwena, Hixkaryana, Mawayana, dentre outros.

Eu sou do povo Wai Wai, descendente de diferentes povos como Waiwai e Xerew. Eu queria trazer as nossas histórias que são contadas de geração a geração. Quero contar uma versão da história do que aconteceu antes da chegada dos missionários evangélicos, ocorrido por volta de 1950, na aldeia Êpoymo, no sul da Guiana. Naquele tempo os Wai Wai viviam nos dois lados da fronteira, entre Guiana e Brasil.



Mapa 1: Território Wayamu (Iepé 2021)

Para fazer esse trabalho eu pensei em reunir outras pessoas da minha família, e também pesquisadores não indígenas. Quis levar essas pessoas para o rio Kikwo (afluente direita do rio Mapuera, conhecido também como Baracuxi) para pesquisar a história dos Waiwai-Pinipici, visitar lugares importantes (acampamentos de caça e pesca, moradia dos seres sagrados) e antigas aldeias onde meu povo viveu. No rio Kikwo, viveram meus avós e bisavós. Com a etnografia feita com meus pais, aprendi sobre vários lugares nas paisagens que precisam ser respeitados por nós. Muitas vezes, as paisagens têm sinalizações dos acontecimentos antigos. Nelas estão presentes vários *worokyam* (“espíritos da natureza”). Essas paisagens contam sobre diversos acontecimentos da vida dos Wai Wai. Por exemplo, a orientação que os xamãs recebiam dos diversos espíritos da natureza, e a orientação que os pajés davam para seus filhos e netos sobre essas paisagens durante os deslocamentos pelo território. Esse é o principal foco da minha pesquisa.

Esse trabalho foi pensado e colocado em prática a partir da oportunidade que tive de cursar o mestrado em antropologia (área de concentração em arqueologia) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Eu acho muito importante trazer a perspectiva dos Wai Wai para a arqueologia. Eu sou o primeiro arqueólogo do meu povo, formado pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Depois vieram outros alunos Wai Wai, ali se formarem também em arqueologia, como Cooni Wai Wai e Otekmi Wai Wai, que fizeram suas pesquisas igualmente sobre nosso povo. As bibliotecas que usamos para descrever as nossas culturas são provenientes das histórias de nossos parentes, nossos velhos. Todas nossas pesquisas são, assim, trabalhos coletivos e colaborativos com nossos professores indígenas e não indígenas.

Esta pesquisa feita em nosso território, juntamente com os anciões, é uma construção da nossa percepção sobre arqueologia, a partir da nossa visão do mundo, ou seja, da maneira pela qual podemos ver as evidências da nossa cultura. Minha pesquisa sobre nossa história ou nossa arqueologia pretende mostrar como os Wai Wai, através de nossos conhecimentos de hoje, estabelecem relações entre as culturas do presente com o passado. Para isso, fizemos, ao longo desta pesquisa, uma expedição que tinha como objetivo levar e fazer mais pessoas da minha família conhecerem lugares e histórias dos antepassados; e também estimular outros habitantes do rio Mapuera a investigar histórias específicas de seus povos e famílias

em determinadas partes do território. E assim, restabelecer as relações com paisagens ancestrais específicas.

Esta dissertação está dividida em seis capítulos.

O primeiro deles trará uma reflexão da minha vivência na cidade e na Universidade. Quanto tinha mais ou menos 24 anos, mudei-me da aldeia de Mapuera para a cidade de Oriximiná (PA). Antigamente, os jovens não vinham para cidade estudar, passear, comprar os objetos industriais, o acesso à cidade era muito difícil. Além disso, quando fundaram a aldeia Mapuera, no início dos anos de 1970, o nosso cacique Ewka não deixava os jovens irem para a cidade, pois ele não queria que os jovens se misturassem ou casassem com não indígenas, isso era muito proibido. Mais tarde, os jovens fugiram até a vila de Cachoeira Porteira (uma comunidade de quilombolas situada na boca do rio Mapuera) para fazer trabalhos braçais nas fazendas da região. Depois de muito tempo, eles começaram a aprender a língua portuguesa, e alguns deles, hoje, ainda trabalham na área de saúde ou na Funai. Aos poucos começamos a aprender mais a cultura dos brancos, e para estes os Wai Wai passaram a vender farinha, banana, castanha, tracajá. Os velhos e velhas começaram a se aposentar, e passaram a ir até a cidade de Oriximiná (PA) para receber os seus benefícios. Este município também começou a contratar professores indígenas. No meu tempo de juventude, a escola de primeiro a quinto ano começou a funcionar na aldeia. Nós, jovens, crescemos sabendo um pouco da escola dos brancos, a escrever e a ler. Sabendo um pouco da cidade de Oriximiná (PA), a partir de 2008, vários jovens começamos a morar nesta cidade, e a viver coisas muito diferentes. Não tivemos mais contato de perto com nossas famílias e com nossos costumes, mas nas férias voltávamos para nossas aldeias. Embora nossos pais proibissem que casássemos com mulher de branco, muitos jovens wai wai quebraram essa proibição e passaram a conviver com brancos para aprender a falar português. Outros começaram a fazer cursos de informática ou profissionalizantes. Naquele tempo pouca gente usava celular, mas hoje todos os jovens sabem usá-lo, na aldeia já há *Wi-fi* e o acesso é de graça. Quando entrei na Universidade, em 2012, pude ampliar todo esse conhecimento do mundo dos brancos. Cursei a graduação em arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) por 6 anos, até 2017. Ali aprendi com meus professores, com meus amigos e colegas, aprendi sobre as novas tecnologias (como usar computador), ou seja, aprendi coisas fora de nossos costumes. Agora eu sei escrever, e posso fazer este estudo para o mestrado em

antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Agora eu sou arqueólogo wai wai.

No segundo capítulo, vou apresentar uma pequena discussão sobre as arqueologias indígenas, especialmente pelos meus colegas indígenas do Brasil e pelos Wai Wai. Atualmente pode-se dizer que há uma boa quantidade de estudos em arqueologia (muitos trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações e teses) realizados em comunidades indígenas e, às vezes, conduzidos pelos próprios indígenas e meus parentes. Penso que a arqueologia e a história dos brancos precisam dialogar mais com a arqueologia e a história dos povos indígenas, a ciência dos brancos precisa dialogar com os conhecimentos, as teorias e as metodologias dos conhecimentos tradicionais. Ainda mais que, hoje em dia, no meu próprio povo, há jovens fazendo cursos de graduação e de pós-graduação em várias áreas (incluindo arqueologia), eles que são descendentes dos povos originários, sobreviventes da invasão europeia. Irei mostrar como, através da memória ancestral de nosso povo, estamos conseguindo mapear a maneira como viviam nossos antepassados, para além dos vestígios materiais. Creio que esse jeito específico de fazer arqueologia indígena pode contribuir para a pesquisa arqueológica no Brasil de uma forma geral, ainda, essa é uma contribuição sobre nosso modo de vida antes dos aldeamentos promovidos pelos missionários evangélicos (a partir de 1950), e, por fim, para a valorização de nosso patrimônio cultural. Na minha pesquisa específica, as informações colhidas junto aos velhos do meu povo que vivem no rio Mapuera ajudaram muito a entender nosso passado, a partir da perspectiva indígena. Como sou um arqueólogo indígena, formado na universidade dos brancos, creio que posso fazer uma ponte entre os saberes tradicionais e aqueles da academia. Hoje posso compreender melhor as nossas práticas culturais antigas, que somos outros, temos nossa própria história. Quando conversava com meu pai, Poriciwi, que viveu no tempo antes da chegada dos missionários, ele me dizia: "somos descendente dos nossos antepassados, já não moramos e nem vivemos do jeito deles, mas podemos resgatar o passado deles, saber onde eles viviam, onde está depositado sua história ou parte dela".

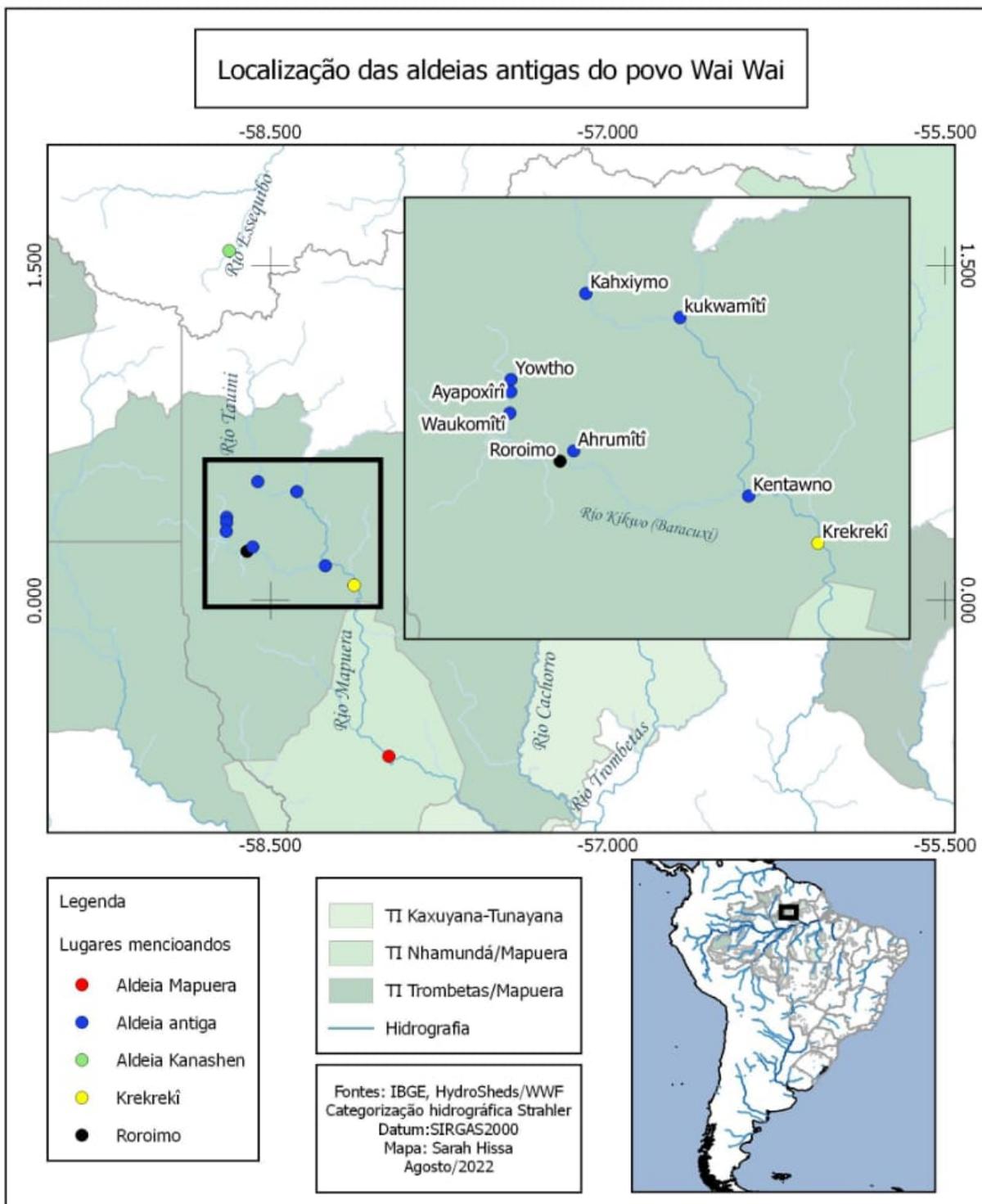
No terceiro capítulo, com base nas informações relatadas na história oral wai wai, ouvida durante a viagem/expedição em janeiro de 2020, irei descrever as aldeias antigas situadas no rio Kikwo. Da boca até o alto curso do rio, são elas: Kentawno, Kuyuwí, Ahrumîti, Wawkumîti e Yowtho (ver mapas 2, 3 e 4). Todas estas aldeias (e

seus entornos) são considerados lugares importantes, e muito presentes na memória de meu povo. Antes mesmo de ir lá pessoalmente, onde eles estão situados, o meu pai falava sobre aquelas paisagens, onde ele e sua família viviam, por onde andavam nossos ancestrais. Portanto, julgo que não somente os artefatos arqueológicos são marcadores das paisagens, mas também a memória ancestral deve ser considerada se quisermos registrar e descrever o que aconteceu naqueles lugares e naquele tempo mais antigo. A paisagem aqui é tudo isso: os lugares onde estão as moradas dos “seres espirituais” ou míticos, as nossas aldeias antigas.

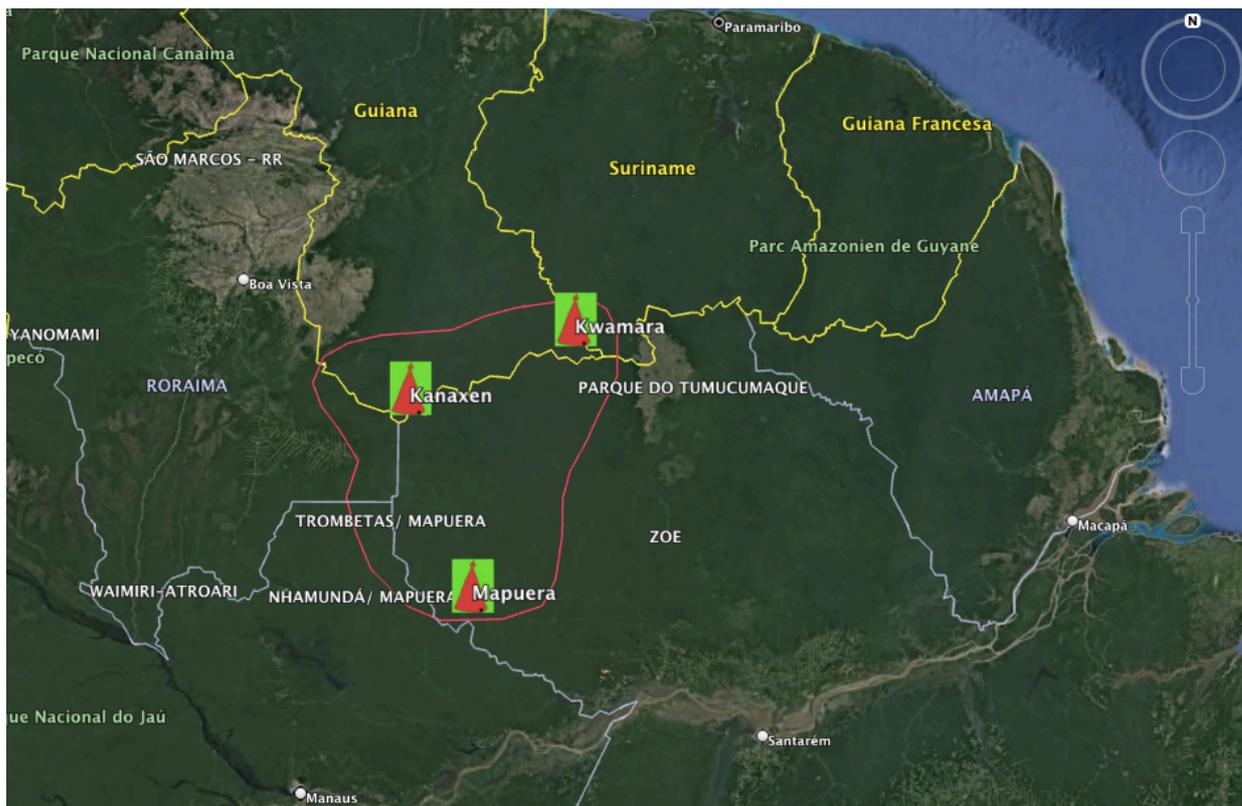
No quarto capítulo, vou trazer as histórias que meu pai contou acerca dos lugares do rio Kikwo, incluindo aldeias e acampamentos antigos, aqueles que foram habitados pelos nossos antepassados e ainda o são pelos seres encantados. Conto igualmente a história de um menino que se transformou num urubu-rei, conforme foi relatado pelo xamã Mapofo (avô materno de Poriciwi, meu pai), relato que foi passado para o meu pai, que, por sua vez, me repassou. Outra história que vou relatar é aquela em torno do *worokyam toopu*, espírito da pedra, espírito auxiliar do xamã.

No quinto capítulo, descrevo as festas chamadas como *yamo*, *meŋpa* e *xorwiko*. Nestas festas, que ocorriam com frequência antes da chegada dos missionários, havia visitas de parentes de aldeias de perto e de longe, casamentos, trocas de objetos e artefato e de conhecimentos.

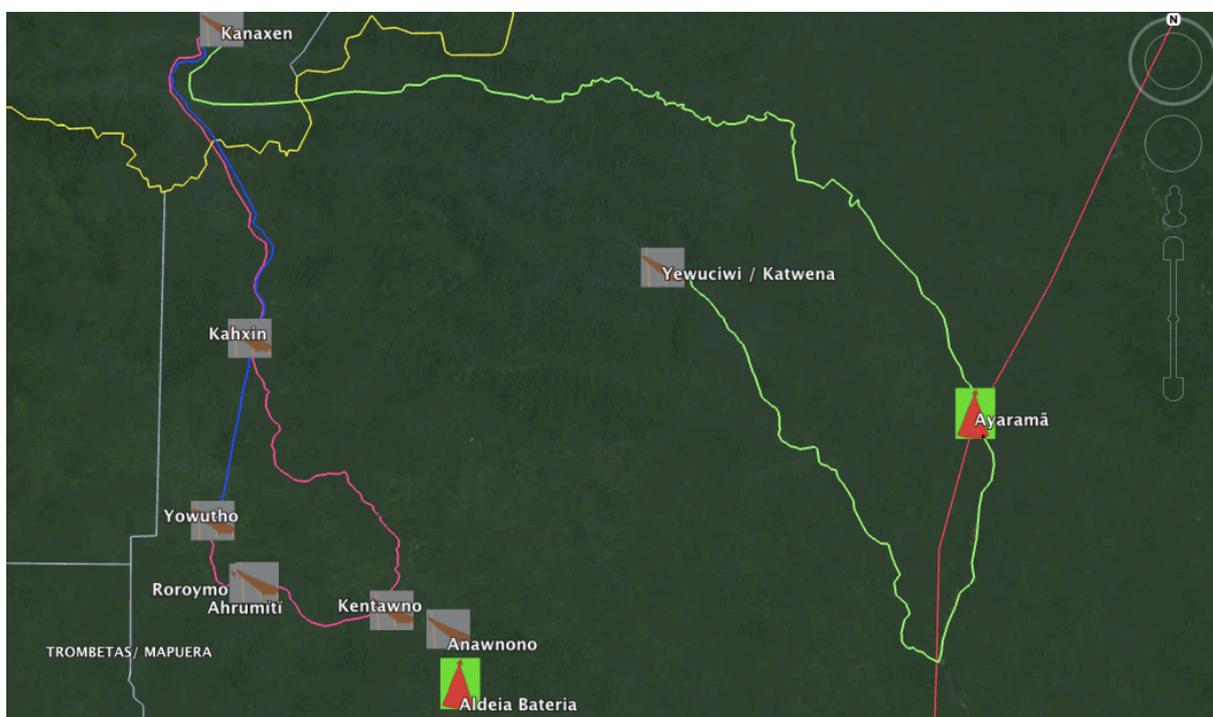
Por fim, no sexto e último capítulo, apresento a saída dos Wai Wai das antigas aldeias Yowtho Wawkumîti e Ahrumîti, no rio Kikwo, para a aldeia-missão Kanaxen, no sul da Guiana. Poriciwi conta como e por quê foram para a Guiana, seguindo os apelos dos missionários, que diziam que lá viveríamos melhor do que do lado do Brasil, sobretudo porque teríamos acesso às ferramentas de metal. Finalmente, conto como os Wai Wai recentemente convertidos pelos missionários na aldeia Kanaxen, organizaram expedições para buscar os povos isolados ou não vistos (*enîhnî komo*, na língua wai wai) que ainda estavam do lado do Brasil e levá-los para a Guiana, sobretudo os Katuena.



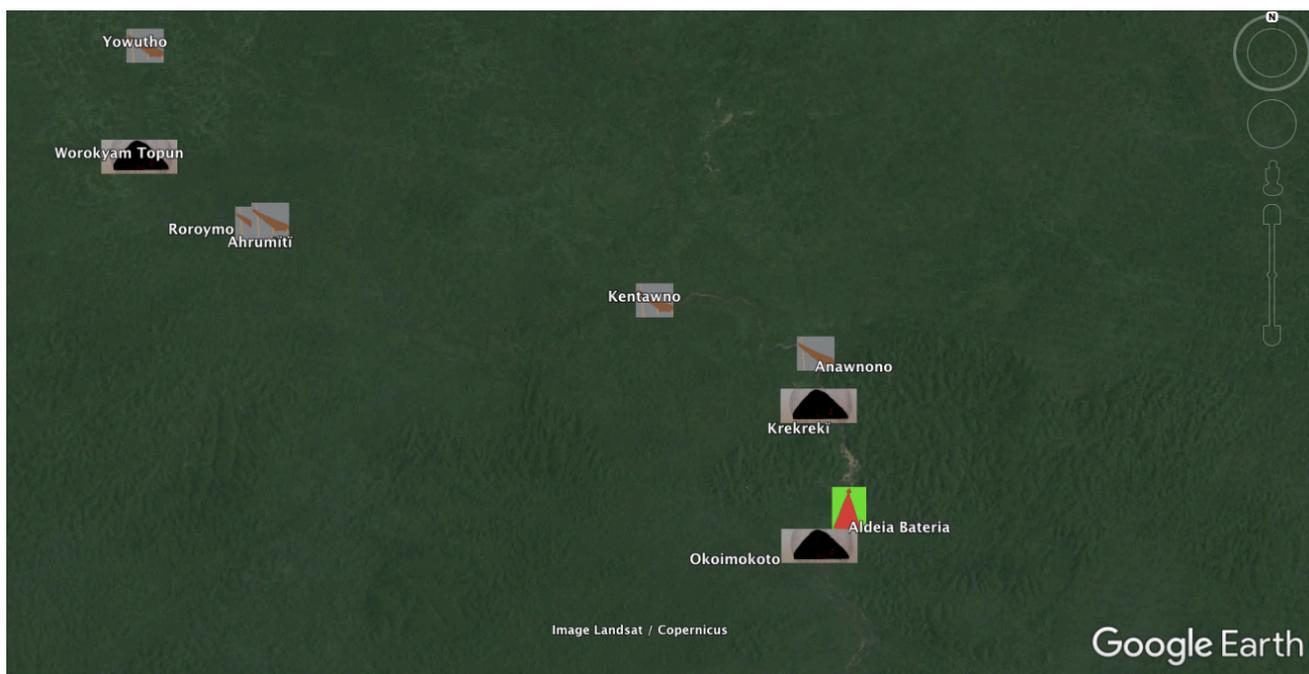
Mapa 2: Localização das aldeias antigas do povo Wai Wai (Elaborado por Sarah Hissa)



Mapa 3: Localização das principais aldeias habitadas pelos Wai Wai na região das Guianas (Mapuera e Kwamãra são atuais, Kanaxen é aldeia antiga)



Mapa 4: Principais Rotas de deslocamento dos Wai Wai: 1) Kanaxen-Yowutho (caminho azul); 2) Yowutho-Kanaxen (caminho cor de rosa); 3) Kanaxen-Katwena (caminho verde claro).



Mapa 5: Aldeias antigas: ; Lugares históricos ou míticos: ; Aldeia atual: 



Mapa 6: Aldeia Mapuera atual: dividida de acordo com os bairros por cada povo.

2 A MINHA TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE: DA GRADUAÇÃO AO MESTRADO

Eu nasci na aldeia Mapuera no dia 06 de março de 1986. Nessa aldeia, eu cresci, estudei do 6º ao 9º ano, junto com outros jovens que também hoje estão fazendo graduação na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). No ano de 2009, fui morar na cidade de Oriximiná. Nesse tempo não tinha ensino médio na minha aldeia, então, eu conversei com meu pai e minha mãe, pois eu queria continuar a estudar. Quando estudei o ensino fundamental do 6º ao 9º ano, os professores que ministravam a aula eram brancos, então, eu queria dar aula como professor na aldeia. Eu tinha um sonho de me formar como professor de história. Por esse motivo eu fui para a cidade, mas meu pai não queria isso. Ele me falou que a gente não tinha parente e nem conhecido que poderia me ajudar na cidade.

Em 2012, assim que terminei o ensino médio, meus pais queriam que eu fizesse curso de teologia em Manaus, onde meu irmão mais velho, Fernando Makari, estudou para se formar como pastor. Porém, como a maioria dos meus amigos fez inscrição para fazer graduação em Santarém, que fica mais perto de Oriximiná, eu também pensei em fazer essa inscrição: ficaria mais feliz e animado se fosse estudar junto com eles. Assim, fomos 12 jovens Wai Wai concorrer ao Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI) na UFOPA. Naquela ocasião, estávamos muito preocupados, pois era a primeira vez que tentávamos fazer este tipo de prova, com redação escrita. Dos 12 jovens, passaram 8. Essa foi a primeira turma de acadêmicos wai wai do rio Mapuera a entrar num curso de graduação na universidade. Começamos a fazer o curso no Centro de Formação Interdisciplinar (CFI), onde, na UFOPA, é uma espécie de formação básica para todas as cursos. Lá tinha várias áreas do conhecimento e nós assistíamos aulas de disciplinas muitos difíceis, sobre língua portuguesa, por exemplo. Nós custamos a compreender o caminho da Universidade. O que nos ajudou bastante foi a monitoria oferecida por não indígenas, dentro e fora das salas de aulas, pois às vezes havia professor que não tinha paciência com indígenas. Com a monitoria, começamos a nos expressar e a perguntar para saber melhor. Marcávamos horários para tirar as dúvidas, assim, começamos a aprender e a acompanhar mais as aulas e os conteúdos das disciplinas.

Depois do CFI, os alunos wai wai começaram a se espalhar: eu, junto com Walter e Dalvin, fomos fazer aulas no Instituto de Ciência da Educação (ICED), outros

foram para a área de tecnologia e ciências das águas. Lá, eu fiz algumas disciplinas antes de escolher entrar na Graduação de História, que foi a minha primeira opção antes de conhecer a Arqueologia. Durante três meses de curso no ICED, eu conheci outros professores, de outras graduações. Duas professoras do Departamento de Antropologia, Myrian e Carla, eram da comissão do Processo Seletivo Especial Indígena e me indicaram que, além de História, existiam outros cursos, como os de Arqueologia e Antropologia, os quais eu podia cursar. Quando entraram novos alunos indígenas na UFOPA, em 2013, a professora Myrian me convidou para auxiliá-la como assistente, pois aqueles tinham mais dificuldades do que os da minha turma. Eu fui monitor na disciplina "Estudos Integrativos da Amazônia", e ajudei jovens wai wai, munduruku e outros alunos não indígenas que precisavam de monitoria.

Depois eu e meus colegas wai wai, Jonas e Walter, queríamos trocar de curso: estávamos no Instituto de Ciência da Educação (ICED) e queríamos ir para o Instituto de Ciências da Sociedade (ICS). Fomos procurar o coordenador de curso do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS) e conhecemos o professor Raoni, que nos orientou para ficarmos atentos para a possibilidade de mobilidade interna de curso. A partir daí, nós conhecemos outros professores dos cursos de Arqueologia e Antropologia. Eu fiquei na dúvida entre esses dois cursos, entre Arqueologia e Antropologia, e, depois que conheci o professor Claide, eu decidi fazer Arqueologia.

Foi assim que aprendi com Claide, e muitos outros professores da UFOPA, sobre os caminhos da Arqueologia dos brancos. Quando chegou a fase de escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), eu pedi para o Claide me orientar no trabalho de pesquisa (WAI WAI, J. X., 2017). Quando eu já estava no quarto ano do curso de graduação, a professora Camila Jácome ingressou como docente na UFOPA. Imediatamente, o professor Claide sugeriu que eu a procurasse para discutir o meu trabalho, já que ela tinha feito pesquisa de arqueologia junto ao povo wai wai, se possível, a convidasse para ser minha co-orientadora. Naquele momento, eu ainda nem conhecia Camila, mas meu colega Cooni Wai Wai, sim, desde a época que Camila foi na Terra Indígena Trombetas-Mapuera, por volta de 2010, com o objetivo de fazer pesquisa para o seu mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais (JÁCOME, 2011). Cooni havia trabalhado com Camila e outros pesquisadores não indígenas em nosso Território, acompanhando atividades de escavação naquela ocasião. Essa experiência influenciou muito Cooni, a ponto de ele pensar e fazer também graduação em Arqueologia na UFOPA (WAI WAI, C., 2019).

Quando terminei a graduação em arqueologia, em 2017, pensei logo em fazer um mestrado, mas achava que não conseguiria ser aprovado num concurso. Além disso, fui indicado também para ser membro da coordenação da Associação dos Povos Indígenas do Mapuera (APIM), associação que representa os povos que vivem nas aldeias do rio Mapuera. Mesmo assim, em 2018, tentei me ingressar no mestrado da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Manaus, pelo fato desta cidade estar mais próxima de Oriximiná (tentei entrar no mestrado em antropologia, já que na UFAM não há o curso de mestrado em arqueologia). Porém, eu não consegui ser aprovado no processo seletivo da UFAM. Como no mesmo ano estava aberto o processo seletivo de pós-graduação para a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com vagas específicas para alunos indígenas, conversei com a professora Camila para me ajudar a fazer a inscrição para o mestrado em arqueologia. Desta vez eu consegui ser aprovado, mas, tive que ir para um lugar muito distante da minha aldeia, muito longe da minha família. Pelo menos eu não passei sozinho neste concurso, pois meu sobrinho, Roque Wai Wai, também entrou num mestrado da UFMG, em Antropologia.

No começo do curso, em 2019, eu e Roque fomos morar na cidade grande, bem longe. Depois de saber do resultado do concurso, entramos em contato com Ruben Caixeta e Igor Rodrigues, dois amigos que já conhecíamos, queríamos ver se podíamos ficar na casa deles por algum tempo. Eles nos permitiram, e ficamos muito agradecidos por eles e suas famílias.

Eu conheci o Ruben Caixeta quando tinha mais ou menos 8 anos de idade. Quando ele foi na aldeia Mapuera, em 1994, eu perguntei para ele onde ficava a aldeia dele, e ele me respondeu que era Belo Horizonte. Ruben era muito amigo do meu cunhado Pirimaw, e sempre entrevistava meu pai, Poriciwi, sogro de Pirimaw. Nesse tempo eu não sabia o que Ruben fazia. Eu não conhecia o que era antropologia e arqueologia, muito menos que Ruben estava ali fazendo uma pesquisa de campo para o seu doutorado. Quando eu estava um pouco maior, eu via Ruben ajudando no processo de demarcação do nosso território (que veio a ser a Terra Indígena Trombetas-Mapuera), a partir dos anos de 2000. Quando eu estava morando na aldeia Xaari, na Terra Indígena WaiWáy, localizada no Estado de Roraima, eu me encontrei com ele na aldeia, durante o natal de 2007 ou 2009. Eu sempre me perguntava porque ele estava lá, o que estava fazendo.

Hoje em dia eu consigo compreender melhor porque ele sempre está visitando os Wai Wai, sei que o seu trabalho de demarcação ajudou nosso povo a ter acesso aos lugares onde nossos antepassados moravam antes de irem para Kanaxen, na Guiana. Quando eu fui para Belo Horizonte fazer o meu mestrado em 2019, pude me aproximar mais dele e hoje em dia somos amigos para além da orientação acadêmica.

Eu conheci Igor Rodrigues em 2014, na cidade de São Paulo, quando estudava na UFOPA e fui realizar uma mobilidade acadêmica na Universidade de São Paulo (USP). Igor tinha ido ali fazer uma breve apresentação de um trabalho sobre os Wai Wai, com base numa pesquisa de campo anterior no rio Mapuera. Foi quando ele veio até a mim se apresentar, dizendo que já tinha ido na minha aldeia e que era colega e amigo da professora Camila Jácome e de Cooni Wai Wai.

Depois disso, em 2015, eu fui para a cidade de Belo Horizonte dar um curso de construção de arco e flecha e ajudar a professora Camila Jácome na análise das cerâmicas arqueológicas do rio Mapuera. Nesta ocasião, fiquei duas semanas na casa de Igor em Belo Horizonte, foi aí que nos conhecemos melhor. Depois disso, em 2017, Igor ingressou no doutorado em arqueologia pelo MAE-USP (sob a orientação da professora Fabíola A. Silva) justamente com o foco de pesquisa sobre o meu povo Wai Wai. Ainda em 2017, ele foi para Oriximiná consultar as lideranças wai wai sobre a possibilidade de fazer sua pesquisa de doutorado na região, quando nos encontramos novamente. Ele retornou para as aldeias do rio Mapuera em 2018, justamente para mais uma etapa do trabalho de campo do seu doutorado, ocasião na qual o acompanhei e o ajudei a fazer apresentação de slides, traduzindo o conteúdo para a língua wai wai. Novamente, quando comecei a fazer meu mestrado pela UFMG, em 2019, voltei a morar por um período na casa do Igor em Belo Horizonte. Ele já tinha ficado amigo de meus parentes da aldeia de Mapuera, e muito próximo da minha família. Assim, nos tornamos mais amigos, trabalhamos e estudamos juntos.

Já no mestrado da UFMG, a partir de 2019, comecei a cursar disciplinas, conheci outros estudantes indígenas, os Xacriabá e os Pataxó. As disciplinas foram bem interessantes e, às vezes, difíceis para mim, algumas tinham textos em outras línguas, como inglês e espanhol. Senti dificuldades para ler esses textos, pois continham muitas palavras técnicas, que apresentavam várias formas de fazer pesquisa, e muitas teorias de arqueologia e de antropologia. Às vezes tenho a impressão que os brancos são muitos confusos, pois fazem uma teoria e depois jogam fora para fazer nova teoria, que, por sua vez, também vai ser descartada.

Depois de entrar no mestrado, eu e meu sobrinho (Roque Wai Wai) tivemos que fazer uma prova de proficiência em língua estrangeira, no caso, em língua portuguesa, já que nossa língua materna é wai wai. Nosso orientador, Ruben Caixeta, solicitou apoio de nossas colegas de pós-graduação, Flora e Helena, que nos deram aulas de leitura e escrita de português. Este apoio foi muito importante para nosso sucesso no exame de língua, requisito necessário para a continuidade de nossos estudos de mestrado [veja caderno de fotografia 3].

Depois de cursar as disciplinas do curso, quis realizar pesquisa de campo sobre as antigas aldeias do meu povo. Já tinha conversado com meu pai e minha família sobre isso, dizendo-lhes que queria saber sobre nossas histórias antigas, os antigos lugares e aldeias que nossos antepassados moravam, pois poucas pessoas da minha geração os conhecem. Meu próprio pai, Poriciwi, queria rever sua aldeia antiga e queria visitar, antes de morrer, o lugar de uma antiga aldeia, chamada Yowtho, na qual a mãe dele, Mihña (minha avó), foi enterrada. Como eu sabia que o professor Ruben já tinha feito muita pesquisa entrevistando anciões (CAIXETA DE QUEIROZ, 1999; 2008), e tinha andado por esses lugares ouvindo sobre nossas histórias, eu quis que ele me orientasse a escrever sobre os Wai Wai.

Ao escrever esta dissertação, pude refletir sobre e descobrir muitas coisas que eu não sabia. Pude saber de muitas histórias que meu pai não tinha contado para mim até então. Pude saber de assuntos que os jovens não chegaram a perguntar. Tudo isso só foi possível com a pesquisa. Neste trabalho vou contar sobre nossos lugares importantes, muitos deles que não são muito conhecidos atualmente pelos mais jovens. Creio que conhecer sobre os lugares e paisagens que nossos ancestrais construíram ajuda no fortalecimento e na valorização do nosso conhecimento tradicional. Então, este é o tipo de arqueologia que me proponho a fazer.

3 AS ARQUEOLOGICAS INDÍGENAS E A ARQUEOLOGIA WAI WAI

Nesse capítulo interesse-me em mostrar qual tipo de arqueologia tem sido feito hoje pelos indígenas e sobre suas sociedades, e em especial a arqueologia feita recentemente pelos próprios Wai Wai, ou seja, quero refletir sobre a arqueologia indígena e a arqueologia wai wai. Por fim, tentarei mostrar minha própria perspectiva de uma arqueologia indígena e wai wai. Antes disso, quero comentar sobre alguns trabalhos que foram feitos por arqueólogos não indígenas sobre os povos indígenas. Todos estes trabalhos foram importantes na minha formação e me ajudaram a pensar esta dissertação de mestrado pela UFMG. Nós, os Wai Wai, estamos hoje em dia iniciando a escrita de nossas histórias dentro da academia, e precisamos lançar mão dos trabalhos já feitos por outros sobre nossos povos para melhor saber qual caminho trilhar, qual tipo de arqueologia queremos fazer.

Antes de chegar os estrangeiros não indígenas em nossos territórios, existiram muitas populações originárias ocupando todo o território que virou o Brasil. Esses povos tinham seus territórios, seus modos de ocupações, seus manejos das florestas, suas formas de fazer seus artefatos e desenhos, enfim, tinham suas maneiras de registrar e repassar os seus saberes. Todos sabem, falo aquilo que os nossos povos acreditam, que a floresta tem mistério, e que nossos ancestrais sabiam que a natureza tem seus criadores e tem seus donos até hoje. De início, digo que as florestas, os rios, os animais, a terra a qual pertencemos, a paisagem, enfim, isso tudo não é apenas "objeto de estudo" para nós, indígenas, mas é parte de nossas vidas.

Durante meu trabalho de campo pensei em buscar a percepção dos Wai Wai, o seu modo de ver o mundo, e contrastá-lo, na medida do possível, com o modo de ver dos não-indígenas. Hoje em dia, onde eu moro, no rio Mapuera, vivem juntos muitos povos que antes eram separados. Esses grupos se misturaram pelo casamento. Eles sobreviveram aos tempos antigos, aos tempos das doenças, hoje nós quase 2.000 pessoas ocupando somente as aldeias do rio Mapuera (há ainda gente wai wai espalhada em outros rios, do lado do Brasil, da Guiana e do Suriname, ao todo somos mais ou menos 5 mil pessoas).

Em outros lugares do Brasil e das Américas vivem também outros grupos indígenas originários deste imenso território desde muito antes da invasão europeia de 1500. Os conhecimentos tradicionais reconhecem sua ancestralidade, onde os parentes passaram anteriormente, onde fixaram moradia, fundaram aldeias, se

organizaram em sociedade. Na maioria dos lugares do Brasil e em todos os territórios indígenas nós encontramos uma grande quantidade de sítios arqueológicos, cheios de artefatos, como, por exemplo, os fragmentos cerâmicos produzidos pelas mulheres.

Inúmeras pesquisas arqueológicas e antropológicas no Brasil, conduzidas por pesquisadores indígenas e não indígenas, vem revelando a grande quantidade e diversidade destes artefatos deixados pelos povos originários. Meu trabalho de mestrado foi pensado para ser feito no meu território, no rio Mapuera, a partir de uma perspectiva coletiva e colaborativa, conforme detalharemos a seguir. Neste sentido, foi muito importante a realização de uma expedição de pesquisa junto com minha família, como forma de buscar e ampliar o conhecimento sobre nossa própria história, ou seja, minha arqueologia é uma forma de busca de conhecimento não só para mim, mas para o meu povo e minha família. Antes de aprofundar na minha própria arqueologia, vejamos a arqueologia dos "outros" sobre os povos indígenas, ou seja, vejamos como os não indígenas fazem e relatam suas pesquisas sobre nós mesmos, isso sempre em comparação com a minha própria pesquisa e percepção.

O trabalho de Mariana Petry Cabral (2013) descreve a "prática de uma pesquisa de arqueologia com um grupo indígena do tronco tupi, os Wajãpi do Amapá", e faz a seguinte pergunta: "E se todos fossem arqueólogos?". Aqui a arqueóloga descreve como os Wajãpi leem e veem as marcas e sinais deixados pelos ancestrais, como relatam os acontecimentos e os inscrevem numa paisagem. Da mesma forma, para os anciões e sábios wai wai os vestígios do passado não são apenas artefatos ditos pelos brancos de culturais, mas também as árvores, as montanhas, os igarapés, as cachoeiras, os lagos, as pedras. Como veremos a seguir, este tipo de paisagem faz parte da história do meu povo e, aprendi com meu pai Poriciwi, ele vem dos nossos antepassados, é preciso melhor conhecê-lo e ter para com ele cuidado. Por isso mesmo, na nossa expedição para a realização do trabalho de campo nos rios Mapuera e Kikwo (no início de 2020), fomos catalogando cada marca deixada ou cada aldeia ocupada pelos nossos ancestrais ao longo do percurso, de acordo com a lembrança de meus parentes que nos acompanhavam. Nesta prospecção da memória, encontramos os marcadores da vida dos antigos, os lugares pelos quais eles andaram. As marcas deixadas e inscritas pelos Wai Wai no passado continuam presentes até hoje, são circunscritas e nomeadas.

Fabíola Silva (2002), no seu artigo intitulado "Mito e arqueologia: a interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos no parque indígena Kuatinemu - Pará" conta também que mobilizou as comunidades indígenas para contar suas histórias de antigamente, suas festas, artefatos e significados, apostando num tipo de arqueologia colaborativa. Num outro artigo, "Arqueologia e etnoarqueologia na aldeia Lalima e na Terra Indígena Kayabi: reflexões sobre arqueologia comunitária e gestão do patrimônio arqueológico", Fabíola Silva (2009), a partir do seu projeto denominado "Arqueologia, etnoarqueologia e história indígena", relata o seu trabalho feito entre 2007 e 2009 sobre trajetórias históricas e culturais do povo indígena Kaiabi, dentre outros. Este trabalho está "em consonância com uma perspectiva social, política, dialógica e reflexiva de pesquisa arqueológica". Segundo a autora, "o objetivo principal era identificar os processos de continuidades, mudanças e rupturas nas trajetórias dessas populações, bem como a dialética entre o passado e o presente, sujeito e objeto". Mais especificamente, um objetivo específico era "perceber o modo como os Kaiabi e os índios de Lalima - Terena, Guaikuru, Kinikinau e Laiana - interpretam o seu passado e outros processos históricos e culturais dos seus territórios" (Silva, 2009, p. 205-206)

Já a arqueóloga Camila Jácome, que trabalha no rio Mapuera desde 2010 (ela defendeu uma dissertação de mestrado em 2011 pela UFMG, e uma tese de doutorado em 2017 pelo MAE/USP) tem proposto tanto um diálogo com a etnologia quanto com as comunidades indígenas, buscando "investigar um problema teórico tanto para arqueologia como para a etnologia, a questão da organização social e política das sociedades amazônicas" (JÁCOME, 2011, p. 1). Além disso, a autora traz uma atualização das principais fontes históricas e etnológicas da região das Guianas, como a obra de Peter Rivière (2001), "Indivíduo e Sociedade na Guiana: Um estudo comparativo da organização social ameríndia". Além disso, especialmente, Jácome tem atualizado as informações sobre as pesquisas em arqueologia no baixo Trombetas, baixo Tapajós, Amazônia central e Guiana (litoral da Guiana Francesa e Suriname) (idem, p. 3). Pode assim tratar de como as ocupações das populações indígenas na Amazônia foram percebidas por outros arqueólogos, sobretudo aqueles da vertente norte-americana, como Julian Steward (1948) e Betty Meggers (1954). Estes últimos autores, como é muito conhecido, não acreditavam que a floresta tropical pudesse dar suportes materiais (em termos de solos férteis e disponibilidade de proteínas) para o desenvolvimento local de sociedades com maior nível de

organização social e política. Para Meggers, "a cultura marajoara evidenciava isto, o seu declínio era a prova de que a floresta não tinha condições de manter grupos com alta densidade demográfica, pressuposto básico para o desenvolvimento de culturas com estruturas políticas e sociais" (JÁCOME, 2011, p.10).

Do ponto de vista metodológico, Jácome vem praticando uma arqueologia que podemos chamar de colaborativa, num diálogo intenso com os estudantes wai wai. Sem dúvida, isso tem permitido a esta arqueóloga não indígena ampliar sua visão de vestígios materiais e de sítio arqueológico, como ela mesmo diz, "aparentemente, o que permite reconhecer as aldeias antigas é o tipo de vegetação e de animais que lá circulam. Certas palmeiras e cipoais, assim como a presença de determinados pássaros, são indicativos de uma vegetação recomposta em tempos recentes" (JÁCOME, 2011, p.57). E ainda, na sua tese de doutorado (JÁCOME, 2017, p. 45), a autora destaca que, metodologicamente, "as etnografias arqueológicas envolvem diversas práticas como: etnografias multilocalizadas, pesquisa etnohistórica, entrevistas formais e não formais, observação participante, pesquisa de arquivos, visitas a sítios arqueológicos, diálogos com as comunidades, assim como membros da equipe de pesquisa e colegas da academia" (JÁCOME, 2017, p.45). Desta forma, a autora dá mais detalhes sobre o seu método:

A escolha dos locais para a pesquisa e, conseqüentemente, a avaliação da inserção da paisagem destes sítios, foi construída coletivamente entre a equipe arqueológica e vários membros das comunidades consultadas pela equipe do Projeto Norte-Amazônico sobre a execução de um projeto de pesquisa arqueológica em seu território. Se, inicialmente, tínhamos como objetivo escavar os sítios de abrigo e os sítios de terra preta e registrar os rochedos com gravuras nos rios, essa intenção teve que ser atualizada considerando as intenções dos indígenas e outras subjetividades não humanas. O que quero dizer com isso é que, não necessariamente, escavamos os locais com maior quantidade de material cerâmico ou melhor preservados, mas locais que eram importantes para aqueles/as interlocutores/as que estavam conosco. Assim como, não fomos a determinados abrigos rochosos devido à presença de outros seres, espíritos ou de outro tipo de humanidade. (JÁCOME, 2017, p. 52)

Num outro contexto etnográfico, norte-americano, temos visto o florescimento de uma arqueologia indígena que pode ser também uma inspiração para meu trabalho. A arqueóloga Sonya Atalay (2013), indígena do povo Anishinaabe-Ojibwe, realizou pesquisa colaborativa com seus parentes, incentivando-os a produzir e registrar suas próprias histórias, a partir de suas próprias visões, ou seja, a fazer uma arqueologia indígena. A autora diz que há diversas possibilidades e temas particulares para se fazer pesquisas junto aos povos indígenas (ATALAY, 2012, p. 4 e 5): "muitas comunidades se preocupam profundamente com as áreas sagradas, os locais

culturais e os sítios arqueológicos que estão próximos a elas ou com os quais têm uma conexão cultural". E ainda: "vários sistemas de conhecimento e formas de dados podem contribuir imensamente para a compreensão do passado e para o gerenciamento e proteção de sítios e materiais arqueológicos".

Já a arqueóloga canadense do povo Cree, Tara Million (2005), apresenta no seu texto "Developing an aboriginal archeology: receiving gifts from the white buffalo calf woman"¹ uma nova e interessante maneira de fazer pesquisa. Ela formula um modelo de escavação de forma a obedecer uma lógica indígena: "Esta análise resultou em um modelo para o meu programa de pesquisa e trabalho de campo que refletiu a mudança de paradigma no trabalho, de uma visão de mundo linear ocidental para uma visão de mundo circular aborígine". Para a autora, antes de tudo, sua pesquisa deve ser guiada pelas próprias pessoas da comunidade, "suas vozes devem ser respeitadas e suas orientações seguidas". Por exemplo, durante a menstruação não podia escavar ou trabalhar, não podia mexer com as coisas do passado. Outra coisa que me chamou muita atenção no seu trabalho é que, a depender do tipo de material retirado da escavação, depois de analisado, ele deve ser devolvido para a terra, novamente enterrado. Meu pai, Poriciwi, me disse algo muito parecido, se tirar o material arqueológico do seu lugar, os donos dele ficam com raiva, se vingam. Por isso, o que está debaixo da terra tem que ficar lá, não podemos levar para longe.

No Brasil, vários indígenas começaram a fazer suas pesquisas em arqueologia. Citamos, por exemplo, a monografia de conclusão de curso de Copacãm Tschucambang, um indígena do povo Laklãnõ, denominada "Artefatos arqueológicos no território Laklãnõ/Xokleng-SC". Tschucambang (2015, p. 22) explica no seu trabalho a necessidade de ouvir os velhos sábios de seu povo: "Atualmente temos poucos anciões para nos dar orientações e entre os que existem, poucas pessoas da comunidade os tem como referência. O Sr. Alfredo Paté é um ancião da comunidade Laklãnõ/Xokleng, de 81 anos, que as pessoas da comunidade têm muito respeito, mas ele não é consultado com frequência, fazendo com que muitas informações importantes sejam desperdiçadas. Tanto Sr. Alfredo Paté, quanto Sr. Paté Vājēky Paté Filho são filhos de Vājēky Paté, um dos anciões da comunidade Laklãnõ/Xokleng, que no passado a comunidade tinha como referência".

¹ Consulto aqui uma versão do texto em português traduzida por Sarah Schimidt, para uso didático (Universidade Federal de Pelotas): "Construindo uma arqueologia aborígine: recebendo presentes da mulher filhote de búfala branca".

Pelo que compreendo, o autor da monografia aprendeu muita com os seus avôs, seus tios, antes deles morrerem. Além disso, a partir da análise dos artefatos arqueológicos, ele buscou entender como o seu povo vivia no passado, compreender suas histórias antigas e, assim, valorizar a cultura indígena. Da mesma forma, acredito que o conhecimento de nosso antepassado sobre o território pode fazer com que as pessoas tenham outro olhar e outra maneira de pensar sobre o nosso povo.

Os trabalhos citados brevemente acima me provocaram muito e me fizeram pensar sobre o meu próprio trabalho, a maneira de registrar as próprias histórias dos Wai Wai, e como contribuir para manter a memória do meu povo. Hoje, além de mim, há outros estudantes indígenas que estão cursando a universidade, na graduação e na pós-graduação. Comento a seguir alguns daqueles com os quais tenho participado mais diretamente ou que tenho acompanhado mais de perto, sobretudo aqueles de arqueologia indígena.

Na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sediada principalmente na cidade de Santarém, há estudantes indígenas oriundos principalmente de três áreas etnográficas: o baixo Tapajós, área que, segundo o trabalho de Colares & Carneiro & Calixto (2021, p. 29), há 13 etnias; o Alto Tapajós, onde vive o povo Munduruku; e finalmente os povos indígenas da minha região (Território Wayamu, incluindo as calhas dos rios Trombetas, Turuni, Cachorro e Mapuera) e que pertencem ao município de Oriximiná, principalmente os Wai Wai, os Katxuyana, os Xereu e os Katwena.

Da região do baixo rio Tapajós, conheci o trabalho do Hudson Melo (2018), que, para o curso de arqueologia da UFOPA, escreveu a monografia de final de curso "Patrimônio tapajoara no sítio Porto: herança cultural e resistência étnica na região de Santarém, rio Tapajós". Ao analisar a cultura material (sobretudo cerâmica) na foz do rio Tapajós, conclui que "são objetos que fazem parte da memória e história dos povos originários de Santarém. E que afloram, socialmente, sua dimensão política, perante o crescente reconhecimento do direito das sociedades Tapajó à diferença cultural" (MELO, 2018, p. 87).

Ana Caroline Souza (2018), também arqueóloga e pertencente ao povo Tupinambá do baixo rio Tapajós, escreveu a monografia de final de curso intitulada "De mãe pra filhos: Transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico". Ana Carolina realizou pesquisa no seu próprio território, a partir de uma perspectiva de seu próprio povo. Ela conta como, depois de muito tempo, de luta e

resistência, sua comunidade (Vila Brasil) sobreviveu! Esta monografia nos mostra como muitos povos indígenas, em diversos lugares, mantiveram seus costumes e culturas, apesar da violência e da perda da língua materna. Para fazer sua arqueologia, ela revisita as paisagens do entorno de sua comunidade e a memória das pessoas mais velhas, que guardam um tipo particular de conhecimento do passado.

Do alto rio Tapajós, conheci o trabalho de Jair Boro Munduruku (2019), que fez uma monografia denominada "Caminhos para o passado: oca'õ, Agõkabuk e cultura material munduruku". Para ter acesso e compreensão da cultura material munduruku, Jair Boro, além de consultar documentos escritos, conversou com as pessoas mais velhas do seu próprio povo, para fazer o que ele chama de uma arqueologia munduruku (guiada pelo conhecimento e pelas demandas do povo). Segundo o autor, o objetivo de seu trabalho, explicitado no resumo, é " escrever e (re)construir a nossa história a partir da memória oral, das coisas e lugares do passado". Na visão do autor, o seus ancestrais se preocupavam com a perda do conhecimento após a morte dos velhos contadores de história.

Somos três arqueólogos wai wai já formados pelo curso de arqueologia da UFOPA: eu, Cooni Wai Wai e Otekmi Wai Wai. A monografia de graduação de Cooni Wai Wai (2019), intitulada "Cerâmica wai wai: modos de fazer do passado e do presente", se propõe a fazer uma comparação entre os registros históricos (feitos por não indígenas) sobre a produção cerâmica wai wai no início do século XX e aquela feita atualmente pelas mulheres wai wai do rio Mapuera. O autor pode concluir que os registros dos não indígenas foram incompletos sobre esta técnica material, e, ainda que houve uma mudança no seu padrão tecnológico. Junto com a professora Camila Jácome, tive a oportunidade de acompanhar parte deste trabalho, ao participar de uma análise laboratorial na cidade de Belo Horizonte (no Museu de História Natural da UFMG) do material coletado pela expedição coordenada pelo arqueólogo André Prous no rio Mapuera, e da qual Cooni participou. Depois desta experiência, conversando com uma anciã wai wai (chamada Imaru, mulher do finado Mewxá), pude constatar diferentes usos atribuídos a diferentes tipos de cerâmica: armazenamento de bebida, oferta de bebida, cozimento de carne, fabricação de veneno.

Otekmi Wai Wai (2021) fez uma pesquisa sobre a fabricação dos raladores de mandioca (*xkmari*), e sua monografia é denominada "Os xkmari wai wai: produção de raladores pelas anciãs na aldeia Mapuera". O autor analisa os diferentes tipos de

materiais envolvidos na fabricação deste instrumento de trabalho importante para os Wai Wai (alguns não perecíveis, do tipo pedra, outros perecíveis como a madeira, a resina e os pigmentos), e, narra também o grande valor atribuído aos raladores de mandioca wai wai, de acordo com as etnografias da região.

Walter Wai Wai (2017) realizou a sua monografia de conclusão de curso também na UFOPA, mas na área de antropologia, sobre as festas antigas e as transformações nos rituais wai wai, de forma a compreender as festividades feitas pelos Wai Wai no passado e no presente, como o próprio título explicita: "Mudança no ritual do povo Wai Wai". Especialmente, o autor analisa o abandono das práticas xamânicas empregadas por antigos xamãs, como Ewka, e como os espíritos *kworokyam*, *yamo* e *xorwiko* foram transformados pelos missionários na entidade denominada "satanás".

Alexandre Aniceto Souza (2018) desenvolveu sua dissertação de mestrado em antropologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), denominada "Wai Wai Yana Komo: rotas de transformações ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas". No seu trabalho, Alexandre relata as antigas viagens e visitas entre as diferentes aldeias e povos da região. Mostra as mudanças na sociedade wai wai como forma de "continuação do modo de ser waiwai", ou seja, mostra a mudança como modo de ser wai wai. Pelo que sei também através de meu pai, Poriciwi, havia muitas visitas durante as festas, momentos nos quais os Wai Wai aproveitavam para estabelecer uma rede de troca (uns davam o que tinham e sabiam fazer, e recebiam em troca o que não tinham e não sabiam fazer). Hoje ainda não deixaram de fazer isso, continua a mesma lógica. Para essas trocas e festas entre aldeias havia caminhos e rotas, como pude conversar pessoalmente com Alexandre Wai Wai. Muitos destes caminhos ainda existem no tempo presente, como aqueles que vão das cabeceiras do rio Mapuera para o sul da Guiana, ou, ainda das cabeceiras do rio Trombetas para o sul do Suriname.

O meu sobrinho Roque Yaxikma Wai Wai estudou comigo na Universidade Federal do Oeste do Pará, realizando ali uma monografia de final de curso em antropologia denominada "Uma descrição etnográfica sobre os instrumentos musicais wai wai *raatĩ*" (2018). Agora, ainda junto comigo, mas já na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Roque Yaxikma está dando continuidade a sua pesquisa de graduação no contexto da realização de um mestrado (a defesa está prevista para agosto de 2022) em antropologia, que tem como tema as músicas e as festas wai wai,

a tecnologia de fabricação da flauta, seus usos profanos e rituais. Além disso, seu trabalho tem como objetivo compreender as origens das músicas (*waano*) e dos instrumentos musicais (*raatĩ*) entre os povos wai wai. Para isso ele fez pesquisa de campo entrevistando os anciões da aldeia Mapuera, e nos acompanhou na expedição de viagem ao rio Kikwo no início de 2020, conforme falaremos longamente neste trabalho. Posso dizer que a pesquisa de Roque Wai Wai é complementar ao meu próprio trabalho, e vice-versa.

Já no meu trabalho de conclusão de curso de graduação em arqueologia pela UFOPA, desenvolvi uma pesquisa sobre as famosas cerâmicas *konduri* encontradas no baixo rio Tapajós, com os quais tive contato nos museus e nos sítios arqueológicos de Santarém. Queria saber se tais cerâmicas eram idênticas ou não com aquelas encontradas nas principais aldeias do rio Cachorro e do rio Mapuera, e o que elas significavam. Muitos arqueólogos especialistas da região, sejam os pioneiros, como Hilbert, sejam os atuais, como Denise Gomes e Camila Jácome, costumam sugerir que a cerâmica *konduri* estava associada às práticas do xamanismo. Depois, conversando com o meu pai, Poriciwi, ele detalhou que os xamãs de fato se comunicavam com os espíritos de vários animais (anaconda, jacaré, queixada, urubu-rei). Por exemplo, a cabeça de urubu-rei (uma aplique frequentemente encontrado na cerâmica *konduri*) era uma ponte de ligação entre o xamã e o seu espírito (no caso, o urubu-rei), por isso, os ancestrais dos Wai Wai tinham este tipo representação na cerâmica. Minha monografia de graduação se intitulou "Levantamento etno-arqueológico sobre a cerâmica *konduri* e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)" (J. X. WAI WAI, 2017).

Mais recentemente, escrevi um artigo junto com Camila Jácome (JÁCOME, C. & WAI WAI, J. X., 2020), intitulado "A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da Arqueologia *Karaiwa* e Wai Wai", no qual propomos estabelecer um diálogo entre os conhecimentos indígenas e a disciplina arqueológica para melhor compreender nossa história, entender o passado e interpretar o presente. Na nossa visão, além da relação de ancestralidade indígena com os vestígios arqueológicos (incluindo a cerâmica), há também uma relação deles com os espíritos da floresta e dos animais, espíritos auxiliares dos xamãs (*yaskomo*) (idem p. 5).

Agora, nesta dissertação de mestrado, pretendo desenvolver um pouco mais sobre o tipo de arqueologia indígena que pretendo fazer, sempre em diálogo com a tradição do meu povo e a partir da sabedoria dos mais velhos, não deixando de lado

o que aprendi na academia, ou seja, pretendo sempre uma ponte entre os conhecimentos tradicionais e o saber científico. Além disso, muito do que relato a seguir tem a ver com a minha própria experiência, de quem viveu na aldeia a maior parte da vida, fui para a cidade apenas com a idade de 24 anos (nasci no ano de 1986).

Quando nasci o meu povo já usava instrumentos industriais, como o machado de ferro. Mas sei que nossos ancestrais produziam lâmina de machado de pedra para cortar a madeira, abrir suas aldeias e roças, fazer suas casas. Essas tecnologias foram muito usadas pela maioria das pessoas. Em meu trabalho de conclusão de curso (J. WAI WAI, 2017), eu entrevistei uma senhora katxuyana, mulher de Honório, um velho e sábio katxuyana. Ela me contou que via os homens cortando as madeiras com esses machados com lâmina de pedra. Meu pai falou também isso, que era assim que se cortava árvore. Ele se lembrava que todos homens tinham seus próprios machados de pedra lá na antiga aldeia, chamada Yowtho, no rio Kikwo. Os cabos de madeiras eram de uma árvore chamada *emepu yepu*. Essa tecnologia sempre foi usada pelos Wai Wai antigos. Para deixar as lâminas de pedra firmes nos cabos eram utilizadas algumas fibras (cascas de árvore), que eram muito bem amarradas e seguras.

Segundo meu pai, Poriciwi, e outro velho sábio de nome Yakuta, a pedra escolhida para fazer a lâmina de machado era muito dura e resistente (*etícekan*). Ela era polida para ter formato de lâmina com gume cortante. Nem todos sabiam fazer bem feito, mas alguns faziam bem bonito. Essas pedras podiam ser procuradas e trocadas com os vizinhos próximos, outros povos que moravam nas proximidades. Nessas informações, vemos que as pedras eram transformadas em lâminas, que atualmente nós jovens encontramos nas aldeias antigas, pois nós nascemos num tempo em que nossos pais já não usavam mais lâmina de machado de pedra.

Vou contar histórias que eu vi quando ainda criança, já na aldeia de Mapuera, quando meus parentes iam derrubar as árvores para abrir suas roças. Nessa época as pessoas já tinham machado de ferro. Vou contar a história do cacique Caramca, pai da minha mãe. Ele era responsável por dividir os espaços da futura roça entre seus genros, seus filhos, filhas, netos e bisnetos. Cada uma dessas pessoas pegava parte da roça do Caramca. Para isso, no período entre agosto e setembro, os donos das roças preparavam alimentação para os homens que participavam dessa atividade de derrubada das árvores para fazer roça. Os donos procuravam caça e pesca para

seus convidados. As mulheres preparavam bebidas e frutas. Nesse tempo, o acampamento montado para fazer a roça ficava distante entre três e seis horas de canoa, a partir da aldeia. As pessoas iam remando, pois nesse tempo não tinha motor de popa. Todos os homens levavam seus machados de ferro. Depois dos doze anos, eu também tive o meu machado, já de ferro, mas o cabo foi feito pelo meu pai. A abertura de roça era antigamente uma atividade coletiva. Hoje em dia, depois que meu povo conheceu mais outras coisas dos brancos, não se vê mais trabalhos coletivos. Alguns homens adquiriram motosserra, e nem sempre se utiliza a força de trabalho coletiva. Quando meu pai contou a história do Caramca, ele disse que antigamente os homens eram fortes, pois abriam roça grande com machado de lâmina de pedra e depois plantavam junto com suas esposas. Quando eu estava cortando árvore com meu pai, usando machado de ferro, reparei que ela demorava muito a cair. Então, meu pai retrucou que antigamente demorava muito mais, toda vez que a lâmina de pedra ficava cega (e isso acontecia com muita frequência), as pessoas tinham que ir até o rio para achar rochas apropriadas para amolar a lâmina de pedra, ou levar do rio até a roça uma pedra de amolar. Por isso, hoje, navegando nos rios da região, encontramos muitas bacias de polimento, pois toda hora essa atividade de amolar era feita.

No laboratório de arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), quando eu ministrei um minicurso de arco e flecha, junto com os professores Claide e Vinicius, eu vi esses dois arqueólogos brancos lascando pontas de pedra. Daí, percebi que alguns sítios arqueológicos apresentam muitos vestígios de lascamento de pedra, provavelmente para fazer instrumentos como ponta de flecha, cortadores, raspadores, dentre outros. No passado e ainda no presente é comum o uso de madeira e de ossos de animais para fazer pontas de flechas (e outros instrumentos, como o dente de caititu para polimento de arco). Quando eu conversei com os anciões do rio Mapuera, ouvi que a ponta de flecha de pedra era muito utilizada há tempo atrás.

O ancião Tihti, do povo Cikiyana, me mostrou uma lança muito grande de madeira, feita por ele. Ele me disse que meu pai (quando chegou na aldeia dele, no tempo de expedição para levar os Cikiyana para morar com os Wai Wai em Kanaxen/sul da Guiana) quase foi morto pelos Cikiyana, no final dos anos de 1960. Na verdade, os homens Cikiyana quase mataram todos os Wai Wai que foram até a aldeia deles: iam matá-los com flechas, pois ainda não tinham espingardas. Tihti me

disse que as flechas não eram de pontas de pedra, pois nessa época não se usavam mais. Apenas algumas lascas de pedras eram usadas como faca. Eles usavam muito flechas com ponta de madeira. Para caçar aves grandes, eles usavam uma madeira de nome *ciyaxkem*. Os velhos wai wai me disseram que apenas usavam pontas de madeira e não ponta de pedra. Isso indica mudança na maneira de fazer a ponta de flecha, ainda num período bem antigo.

Hoje, na superfície do solo da aldeia Tawana (quase na boca do rio Mapuera) são encontrados muitos fragmentos de cerâmica, iguais aos que foram estudados por Jácome (2017). Esses artefatos indicam que nossos ancestrais estavam vivendo nessa região antes de subirem o rio Mapuera. Na verdade, hoje muitas aldeias foram instaladas em cima da terra preta, que são de fato aldeias antigas (*ewtotho*). Como muitas pessoas viveram nesses lugares e por muito tempo, os depósitos de fogueiras e o descarte de vários materiais, como as palhas, contribuíram para formar esse tipo de terra. Hoje em dia, os meus parentes também aproveitam os locais de terra preta para fazer roças em capoeiras, que eram antigos lugares usados por nossos antepassados. Nossos ancestrais eram conhecedores de bons lugares, por isso é que atualmente nós fazemos aldeias e roças em cima dos lugares que foram frequentados por eles.

Os sítios arqueológicos têm tudo que era produzido antigamente. Por exemplo, as pessoas faziam artesanato de cesto, igual os que foram estudados por Igor Rodrigues (2022). Mas esse tipo de vestígio não sobra porque o solo ácido e outras coisas os destroem, assim como destroem as casas de madeira, os telhados, as canoas e muitas coisas que os indígenas do passado faziam. Os brancos têm chamado isso de tecnologias perecíveis (RODRIGUES; COSTA; SILVA, 2021) e eu acho importante sempre tentar pensar no que isso significa. Esses materiais perecíveis se estragam nas aldeias, mas os conhecimentos para fazê-los ainda continuam até hoje. Muitas dos artefatos fabricados com materiais que estragam deixam vestígios de sementes que depois começam a crescer nas aldeias abandonadas.

Quando eu me perguntei sobre qual era a minha arqueologia, se ela era material ou outra coisa, e também quando me perguntava sobre o que estava guardado nos museus, eu não percebia qual era a arqueologia que eu fazia. Pensei em buscar uma arqueologia dos povos wai wai, e falo "povos" no plural pois somos descendente de vários grupos. As nossas fontes para fazer arqueologia estão

depositadas em nossos territórios, nos rios e lagos, nas pedras, nas montanhas e na paisagem como um todo. Para nós, jovens, existem duas formas de reconhecer e documentar nossa história. A primeira é o conhecimento passado pela oralidade por nossos pais, avós e outros parentes. A segunda forma exige ir ver com "nossos próprios olhos", ver de perto os lugares de história para podermos repassar posteriormente para nossos descendentes.

Hoje em dia, nós jovens conhecemos algumas dessas histórias antigas, estudamos também na academia, lemos e ouvimos sobre outras pesquisas feitas dentro do nosso Território Indígena. Depois de compreender essas outras pesquisas e pensar, concluímos que, depois de 70 anos de contato com os brancos, é preciso documentar nossas tradições junto com nossa família. Mas meu povo custou a entender a importância de registrar e contar essas histórias dos Wai Wai.

Para colocar em prática essa pesquisa de mestrado, pensei, inicialmente, em levar apenas quatro pessoas para ver as antigas aldeias e os lugares importantes, numa expedição que melhor relataremos no próximo capítulo. Quando falei com meus familiares que nós íamos lá, no início do ano de 2020, ver esses lugares, meu pai disse que eles eram muito antigos, do tempo que ele ainda não conhecia Deus. Depois da fala de meu pai, todos meus parentes ficaram animados para ir conhecer esses lugares. Meu pai sempre teve vontade de voltar a esses lugares, mas eu e meus familiares nunca tínhamos feito isso. Quando comecei a fazer o mestrado me senti incentivado a documentar as histórias, por isso achei interessante todo mundo ir até lá, para aprender a arqueologia e história de parte de nossa família. Os genros do meu pai, meus cunhados, não chegaram a estudar como eu, mas eles têm muita experiência em reconhecer e nomear os rios, igarapés e verificar as mudanças na vegetação e na paisagem, feitas por nossos antepassados. Esse tipo de conhecimento coletivo, nós usamos para pesquisar e explicar o que existe no território ocupado por nós.

Neste momento de escrita desta dissertação, penso, nós que fomos nessa expedição, os descendentes daqueles que viveram nesses lugares, já conhecemos esses lugares e suas histórias. Posso agora deixar escrito os resultados de nossa pesquisa e contribuir para que as informações e a memória do nosso modo de conhecimento permaneçam guardadas.

Minha experiência de investigar, de escavar as memórias e os conhecimentos de anciões foi adquirida na conversa principalmente com Poriciwi Wai Wai, Yakuta

Wai Wai, Imaru Wai Wai e Wahciki Wai Wai. Sempre me perguntei, desde quando lembramos das coisas, e quando esquecemos delas, do ponto de vista wai wai? Poriciwi Wai Wai relatou que “Quando os Wai Wai ficam jovens, tornam-se homens e começam a participar de algumas atividades de adultos, como caçar e pescar. Essa era a maneira que os Wai Wai ensinavam seus filhos”. Depois disso, os jovens começam a participar de outras atividades. Na nossa expedição para nossa pesquisa, quando chegamos nos lugares importantes no rio Kikwo, Poriciwi se lembrou dos lugares que ele andou com seus pais, de um lado para outro. Ele também falou que “algumas coisas que não marcaram história em nossas vidas, nós vamos esquecer, mas tem outras coisas muito importantes que vamos lembrar até quando estivermos velhos”. Foi assim que Poriciwi relatou.

O ancião Yakuta relatou coisas parecidas. Desde quando ele se tornou jovem começou a depositar as histórias em sua memória. Sua esposa, Cohci, relatou que ele, quando ficou mais velho, começou a contar mais suas histórias. Antes, quando era mais jovem, ele não contava muito. Ela falou, ainda, que existe uma fase em que as pessoas começam a lembrar de tudo o que passou, e quem lembra, conta suas histórias.

Imaru e seu marido, Mewxa, se casaram quando ainda moravam na Guiana. Ela disse: “Mewxa contou para mim, as coisas que eu não sabia, as coisas que eu não aprendi com meus pais, isso [feitiço] eu aprendi com meu marido, o que ele aprendeu do povo dele, *kasaray* [um tipo de feitiço específico] para picada de cobra, ferrada de arraia, hoje alguns de nossos netos já sabem isso, pois é importante, eles precisam saber, eles andam muito longe nos matos, precisam desses remédios”.

Perguntei para Imaru se há outras pessoas que curam picadas de cobra e ferrada de arraia com casca de planta. Ela respondeu: “Kopu (meu filho), geralmente as pessoas que sabem fazer este tipo de feitiço, elas curam, embora não queiram mostrá-lo, elas curam e fingem que usam casca pode curar essas picadas [na verdade, o feitiço é que cura]”. E continua, “até onde sei, há uma música da arraia, há música da cobra”, cantada pelo curador ou xamã.

Não vou detalhar estes segredos aqui, mas relatei essas conversas apenas para esclarecer o meu tipo de “arqueologia da memória”, e que trago comigo o desejo de unir o conhecimento científico com os conhecimentos tradicionais.

4 AS ALDEIAS ANTIGAS, SUAS PAISAGENS, PESSOAS E SERES ENCANTADOS

A principal região onde se passa as histórias que narro a seguir se passa no rio Kikwo (um importante afluente da margem direita do rio Mapuera) e nos seus tributários, local onde habitavam os Wai Wai-Pinipici. No médio rio Kikwo, na sua margem esquerda, está situada a antiga aldeia ou sítio de Roroymo. Um pouco abaixo dele, também na margem esquerda está o igarapé Apeneri ou Títko Yewku, onde havia um importante ponto de castanha e uma aldeia Ahrumiti. Mais acima de Roroymo, na margem direita do Kikwo, está o igarapé Karapaw, onde moravam os Karapawyana (um povo que foi contatado em 1980). Por isso esse tributário tem o nome de Karapaw (ver mapas 2, 4 e 5).

Segundo meu pai Poriciwi, que viveu no rio Kikwo desde criança até por volta de 10 anos de idade, existiam no rio Kikwo cinco aldeias antigas, no tempo dele (por volta de 1950). Meu pai disse que esse rio foi ocupado desde muito tempo atrás, e desde criança eu ouvia ele contando sobre diversos lugares desse rio. Ele contava como eram suas vidas nesse lugar, e também as histórias que ele ouviu de seu avô Mapofo. Por isso, foi importante levar meu pai de volta para essa região, depois de cerca de 70 anos, quando ela a abandonou pela última vez e migrou para a missão Kanaxen, no sul da Guiana. Na expedição de volta o rio Kikwo, no início de 2020, diversos sinais das paisagens foram vistos durante a viagem e isso provocou lembranças na memória de meu pai. Ao passar por vários lugares, ele conseguiu se lembrar de mais detalhes. Com isso eu aproveitei para fazer o mapa mental da história dos meus antepassados.

Antes de falar sobre as aldeias e lugares do rio Kikwo, quero, primeiro, explicar sobre o que nós, Wai Wai, entendemos por história; segundo, relatar como foi feita a viagem para essa pesquisa, qual foi o caminho que percorremos para aprender um pouco dessa história.

4.1 O CONCEITO DE HISTÓRIA PARA OS WAI WAI

Já falamos muito sobre o "nosso passado" e sobre a "nossa história", mas será que estamos falando a mesma coisa que os brancos (*karaiwa*) quando nos expressamos

dessa forma? Acho que aquilo que nós chamamos de história, os brancos (ou os antropólogos) chamam de mitologia, mas, para nós, essas são histórias verdadeiras vividas pelos nossos antepassados. Na língua wai wai, há três termos para nos referirmos ao passado:

- *Pahxantho yehtopo* (*pahxantho* = passado antigo; *yehtopo* = história): um tempo muito antigo, ancestral, no qual os personagens "reais" da história não são nomeados.
- *Pahxa Ehtoponhîrî Komo* (*pahxa* = passado; *ehtoponhîrî* = história; *komo* = povo): história que se passou num tempo anterior, num passado relativamente distante, mas no qual se pode localizar o povo e o lugar (por exemplo, o tempo de uma festa que acontecia entre os meus pais ou avôs).
- *Amna ponho* (*amna* = nós; *ponho* = passado): um evento do qual participamos e podemos relatar, por exemplo, *amna totoponho* quer dizer "a viagem que fizemos".
- *Orotono yehtopo* (*oroto* = agora; *yehtopo* = história). A história ou o relato do que está acontecendo.

Portanto, as duas histórias que relato a seguir, neste terceiro capítulo, se aparentam mais ao que chamamos de *Pahxa Ehtoponhîrî Komo*, por serem histórias que se passaram no tempo de meus avôs no rio Kikwo, das danças e festas daquela época. Já as histórias que relato no quarto capítulo, se passaram num tempo bem antigo e se parecem mais com uma versão do tipo *Pahxantho yehtopo*. Já nossa viagem para o local destes acontecimentos no passado é uma "*amna totoponho*".

4.2 APRENDENDO COM MEUS PARENTES E AMIGOS: O QUE É UMA PESQUISA COLETIVA E COLABORATIVA?

O rio Kikwo fica muito longe da aldeia Mapuera, onde nasci e cresci. Eu queria conhecer lá para entender melhor e de perto o que meu pai sempre me contava. Ir para lá não é fácil, tem que ter conhecimento do caminho. É preciso também ter dinheiro para comprar gasolina e alimentação da viagem. É possível fazer isso também remando e sem comida da cidade, mas isso tomaria muito tempo e esforço. Assim, essa minha vontade de conhecer e aprender sobre esse lugar não podia ser

feita somente por mim. Isso precisava envolver muito mais pessoas, com diferentes conhecimentos².

Então eu reuni algumas pessoas da minha família e também amigos *karaiwa*. Da minha família, foram meu pai Poriciwi, minha mãe Wahciki, minhas irmãs Irene e Wosîkra. Eu também levei minha esposa Robiane, e minha filha Jamyle. Também foram meus cunhados Roquinaldo (Yaxikma, seu nome na língua), casado com Wosîkra, e Pirimaw, casado com minha irmã Luiza, que ficou na aldeia Mapuera. De sobrinhos, filhos de Wosîkra, foram Roque e sua esposa Alessandra. Roque é antropólogo e também foi fazer a sua pesquisa. Também foram Clóvis, Ratija e Mirian, irmãos de Roque, Rosirino (Apo), filho de minha irmã Rohsen, e Ana Lúcia, filha de minha irmã Luiza. Ainda, foram Matateya, genro de meu cunhado Roquinaldo e Almir, sobrinho de Roquinaldo. Ainda levamos dois cachorros para nos ajudar: Kamo e Nuni. Dos *karaiwa*, eu levei meu orientador antropólogo Ruben Caixeta e meus amigos Igor Rodrigues, arqueólogo, e Leonor Valentino, antropóloga. Nós fizemos a viagem em três canoas, duas com motor e uma com rabeta.

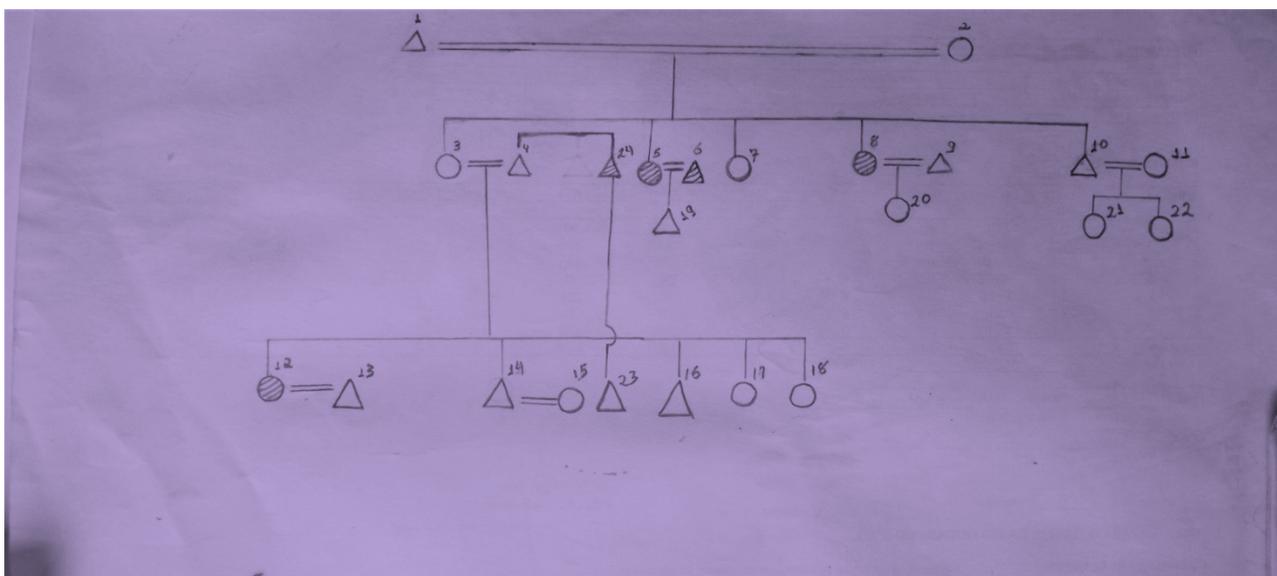


Diagrama 1: A família de Poriciwi na viagem para Roroymo (só os nomes hachurados não estiveram presentes).

Lista do diagrama 1: 1) Poriciwi, 2) Wahciki 3) Wosîkra, 4) Yaxikma 5) Rohsen 6) Salomão, 7) Irene, 8) Luiza, 9) Pirimaw, 10) Jaime Xamen, 11) Robiane, 12) Rosilda,

² Esta viagem foi financiada em parte pelo Iepé (Instituto de Formação e Pesquisa Indígena), por meio de um projeto relativo ao PGTA (Plano de Gestão Territorial e Ambiental) Wayamu. Para esta viagem, ver o Caderno de Fotografia 2.

13) Matateya, 14) Roque, 15) Alesandra, 16) Clovis, 17) Ratija, 18) Mirian, 19) Roselino, 20) Lucia, 21) Jamyle, 22) Raika, 23) Almir, 24) Aska.

Além de meu pai (Poriciwi) e minha mãe (Wahciki), eu convidei outros velhos como Mapotku, Axwarapa, Marawxana e sua esposa, além de Yakutá e das anciãs Kamña e Yumaru. Essas pessoas são importantes porque conhecem essa região, sabem os nomes de aldeias e lugares significativos, todas elas moraram durante um tempo no rio Kikwo antes da ida para a Guiana (na metade dos anos de 1950). Mas não foi possível levar estas últimas pessoas por questões de transporte. Pelo menos, antes de nossa expedição, eles me ajudaram com informações importantes e que me auxiliaram na pesquisa.

Eu não sei pilotar canoa com motor e não tenho muita experiência com cachoeiras perigosas. Então, meus cunhados Pirimaw e Roquinaldo e o genro de Roquinaldo, Matateya, foram importantes por terem muito conhecimento do rio e deste meio de transporte. Eles cresceram de forma diferente do que eu. Cresceram indo para mato, pescando, caçando, além de já terem tido experiências com diversos anciões que sabem muito de nossa história. Meus sobrinhos e sobrinhas foram também imprescindíveis para auxiliar em diversas etapas: para caçar, pescar e fazer comida, por exemplo. Além disso, foi importante levar meus sobrinhos e sobrinhas para que eles também conhecessem a nossa história ancestral.

Quando eu convidei meu pai pela primeira vez, ele disse para irmos só nos dois na viagem. Mas ele já estava velho e precisava de bastante cuidado. Eu não sabia cuidar dos remédios dele. Então, quem já sabia cuidar dele eram minhas irmãs. Minhas irmãs também já tinham ouvido muitas histórias do Kikwo pela boca de meus pais e pela boca de meus avôs, como o Caramca, pai da minha mãe. Então, elas sabiam muita coisa e me ajudaram a provocar a memória do meu pai.

Em relação aos *karaiwa*, foi muito importante levar o professor Ruben Caixeta. Ele é antropólogo que conhece bastante meu povo. Ele conheceu minhas avós e avôs (Ahyacikiri, Cekema, Caramca), e vários outros anciões que sabiam muitas coisas sobre nossas histórias. Ele fez vídeos, andou por muitos lugares do território. Por isso, ele mesmo já conhecia muitas histórias. Então, ele ajudou bastante por saber muito dos lugares e pessoas do meu povo. Se eu levasse algum professor que não sabia nada de lá, essa pessoa não ia poder ajudar na minha pesquisa. Eu já conhecia o Igor (na época, doutorando em arqueologia pelo MAE/USP) e Leonor (doutora em antropologia pelo Museu Nacional/UFRJ), que também faziam suas pesquisas sobre

meu povo. Pensei que seria bom levá-los para conhecerem um pouco mais da história, e gostaria que isso lhes ajudasse em suas próprias pesquisas. Eles colaboraram ajudando a provocar a memória do meu pai, e também me ajudando a pensar sobre como eu ia coletar as informações. Os brancos gostam de fazer muitas perguntas. Eu não faço pergunta para mim mesmo, mas eles ficam me perguntando. Isso me fez pensar sobre a minha pesquisa e me fez pensar em como eu ia traduzir as coisas. Igor me ajudou também a fazer os croquis das aldeias antigas juntamente com meu pai. Leonor ajudou Ruben a fazer gravação de áudio para os vídeos que fizemos, sobretudo entrevistando meu pai. Além disso, os *karaiwa* contribuíram com gasolina, alimentos, materiais de pesca, câmera fotográfica, gravadores e aparelho de GPS. Esses *karaiwa* funcionaram como se fossem o segundo olhar sobre a pesquisa, o olhar científico ajudando a fortalecer o primeiro olhar, que é o conhecimento ancestral do meu povo. Esse primeiro olhar também fortalece o segundo olhar. Então, juntar meus parentes com meus amigos não indígenas foi a maneira que pensei em construir conhecimento para ajudar todo mundo [mais uma vez, gostaria de citar o caderno de fotografia 2, que é a documentação visual dessa nossa viagem].

Nós partimos da aldeia Mapuera no dia 13 de janeiro de 2020. Navegamos, rio acima, até a aldeia Tamiuru, onde conversamos com a liderança da aldeia, Kawaña. Ele ficou animado com nossa pesquisa, nos mostrou algumas lâminas de machado de pedra e indicou um lugar que ele encontrou ossos antigos de parente. Depois subimos até a aldeia Pomkuru, onde paramos para visitar nossos parentes moradores de lá. De lá continuamos a subir e dormimos num acampamento na margem direita do rio Mapuera, de nome *kamxupa* (antigo sítio de Wahni). No dia seguinte fomos até a boca do rio Motokru, margem esquerda do rio Mapuera, e paramos ali para ouvir as histórias a partir de Poriciwi, pois este é um igarapé importante por onde andava o povo xereu. Quando estávamos passando perto dele, meu pai se lembrou de algumas histórias e queria ir lá também nos contar. Após isso, paramos num afloramento rochoso que meu povo chama *okoymokoto*, no qual há tempos atrás uma cobra grande de nome Petaru foi morta³. Em seguida fomos para a aldeia Bateria, margem esquerda do rio Mapuera, aproveitamos novamente para conversar com nossos parentes daquela aldeia, onde dormimos. No dia seguinte, sempre na subida,

³ Mais informações sobre isso estão apresentadas no capítulo seguinte. Outras informações sobre a história de *Petaru* e as marcas de corte da cobra na pedra, estão nos trabalhos de Caixeta de Queiroz (2008) e Jácome (2017).

enfrentamos a Cachoeira de Bateria (*wakri kahxim*), que é muito perigosa e comprida. Acima da cachoeira bateria não existe aldeias atualmente, pois é uma cachoeira muito difícil de ser percorrida, causadora de muitos acidentes. [As pessoas costumam subir a Cachoeira de Bateria apenas quando saem para caçar e quando vão para a Guiana e Roraima]. Após isso, visitamos um lugar muito importante para a história de meu povo, *krekreki yeken*, “o lugar do bambu específico de nome *krekreki*”. A partir desta planta (*krekreki*) se faz uma flauta especial, por isso, que toca música de nossos ancestrais. Como este é o tema da pesquisa de mestrado de meu sobrinho, Roque Yaxikma, que nos acompanhava, paramos ali para conhecer o lugar e ouvir histórias, contadas por Poriciwi e gravadas pelo meu sobrinho.

Em seguida, subimos até a boca do rio Anawnono, afluente da margem esquerda do rio Mapuera, onde acampamos e dormimos. Somente no dia seguinte conseguimos encontrar a boca do rio Kikwo, afluente da margem direita do rio Mapuera, então, começamos a subi-lo. A partir daqui, em maior quantidade e facilidade, pudemos encontrar muito peixe e caça, além de ovos de tracajá.

Desde a chegada na foz do rio Kikwo (que na nossa língua se chama Kikwo ken, “boca do rio Kikwo”), meu pai foi contando e apontando para mim o nome e os lugares das antigas aldeias. Da boca deste rio até quase a sua cabeceira, Poriciwi me indicou, em diferentes dias, as antigas aldeias, nesta sequência: Kentawno, Kuyuwi, Ahrumîti, Wawkumîti, Yowmîti (a primeira situada na margem direita, as outras na margem esquerda). Em alguns casos, nós não chegamos e descer da canoa, só ficamos na beira e olhamos as árvores. Conseguimos apenas chegar perto e pegar pontos de GPS. No caso de outras aldeias, como Ahrumîti e Yowtho, nós descemos e percorremos o local registrando com fotos e, quando possível, gravamos as histórias do meu pai. No rio Kikwo, nós ficamos acampados por uma semana num lugar muito importante para a história do meu pai: Roroymo (uma aldeia-acampamento antigo, situado na margem esquerda do Kikwo). De lá partimos para o reconhecimento de algumas aldeias antigas e lugares importantes que serão apresentados adiante. No dia 25 de janeiro de 2020, deixamos a aldeia-acampamento de Roroymo, e, em dois de viagem, no mesmo trajeto de subida, mas agora rio abaixo, retornamos para a aldeia Mapuera [ver mapas 5 e 3].

Além da memória (história oral) de Poriciwi, os vestígios arqueológicos, como cerâmica e terra preta, os principais indicadores de lugares de ocupação antiga (*ewtotho* = aldeia antiga), a partir dos quais nos situávamos, eram os tipos de árvores

e plantas que se encontravam ali localizados. Meus cunhados, Pirimaw e Roquinaldo, conheciam muito bem o nome das florestas, dos diferentes tipos de árvores e da paisagem. Eles aprenderam com os anciões a identificar antigas aldeias através de vegetações específicas. Nesse sentido, eu fui aluno deles nessa pesquisa. Pirimaw já tinha feito esse tipo de identificação nas aldeias dos Mawayana no rio Urucurin, e também já tinha conhecimento ao visitar acampamentos antigos. Além disso, meu pai me dizia na viagem que eu tinha que aprender a ouvir a voz da natureza e dos lugares. Eles estavam falando com a gente. Por isso foi importante fazer essa viagem com esses conhecedores das paisagens [ver caderno de fotografia 2].

Nas antigas aldeias vivem árvores com nomes específicos e esses professores, meus parentes, me explicaram como identificar quando o lugar é abandonado há muito tempo. O conhecimento tradicional sabe ler sinais dos acampamentos, das roças antigas, das cachoeiras e dos lagos. Nós encontramos nesses lugares o que meu povo entende como marca de ocupações antigas, como o cipó timbó (*umawa*), maracujá do mato (*akrakra*), bacaba (*kuumu*), ingá do mato (*kipixi*), inajá (*maripa*), ubim (*mĩina*), açaí (*manaka*), buriti (*yow*), *taro*, *cawana*, *kamuywa*, *warma*, *kukwa*, castanheira (*tĩtko*), *paxá* e tucumã (*mentho*). Todas essas plantas, quando reunidas num mesmo ambiente, são importantes indicadores de aldeias antigas. Por exemplo, o timbó é usado como remédio para picada de cobra e arraia, por isso as pessoas plantavam perto das aldeias. O timbó também ajuda a pescar. O maracujá do mato é difícil de ser encontrado, por isso era plantado perto de casa. Algumas dessas plantas, ainda, indicam que as aldeias foram abandonadas há mais tempo, como o *warma* e *kukwa*. Depois de mais tempo, de todas essas plantas que indicam ocupação humana, só o *warma* e *kukwa* vão sobreviver. Com o passar do tempo mais longo, outras árvores com raízes mais fortes (*kecekere* e *okoropo*) vão crescer, enquanto as outras plantas indicadoras de ocupação humana antiga, como ingá do mato e o buriti, por exemplo, não aguentam: elas ficam sufocadas e morrem. Eu aprendi junto com meu pai e com meus cunhados a identificar um pouco dessas árvores e seus sinais sobre o passar do tempo. Segundo deles, as árvores grandes vivem centenas de anos, muito mais do que humanos. Por isso elas são boas marcadoras de lugares, assim como são as pedras, que nunca saem dos lugares [ver fotografias de 30 e 31].

Tem uma árvore vista pelo meu pai que o fez lembrar do tempo em que ele era criança. Numa pequena cachoeira, numa ilha e no meio do rio, acima do antigo acampamento Roroymo, havia uma árvore de jenipapo (cana *yepu*) que já existia na

época em que ele era criança. Nessa árvore ainda tinha casa dos japins (*xakwaru*). Poriciwi falou que o japim constrói sua casa, faz sua família e depois sai, vai embora. Após um tempo, ele volta de novo, conserta sua casa e bota ovos. Isso acontece várias vezes. Os japins frequentam o mesmo território. As raízes do jenipapo vivem na terra e na água, por isso meu pai falou que esta planta sabe viver por muito tempo. Quando eu perguntei a ele se a árvore não poderia morrer num período de muita cheia, ele disse que não. O jenipapo vive também na cheia muito grande. Ele toma banho, e depois quando o rio baixar ele vai continuar vivendo. Jenipapo gosta de viver sempre perto do rio. Por isso, para meu pai, esse jenipapo que estava lá era o mesmo da época em que ele era criança, e os japins que estavam ainda fazendo suas casas eram os mesmos. Pois quando os japins morrem, seus filhos vão embora e fazem casa em outros lugares, igual aos humanos [ver fotografias 26 a 28].

Quando eu estava na mata, aprendendo sobre as árvores que ajudam a identificar lugares antigos e seus nomes, eu percebi que eu tinha conhecimento, mas ainda tinha muito o que aprender. Eu perguntei para meu cunhado, “como vocês identificam essas plantas que dão sinal de ocupação antiga?” Então, meu cunhado me aconselhou a aprender primeiro o nome de cada árvore da floresta. Só assim eu poderia saber identificar essas árvores que, para mim, são como vestígios arqueológicos. No tempo da demarcação da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (por volta de 2007), Pirimaw andou com os mais velhos e viu como eles reconheceram a aldeia antiga dos Mawayana, de nome Xurutîrî, que fica no rio Urucurim (um afluente da margem esquerda do rio Mapuera). Eles desceram no porto da antiga aldeia, viram marcas de polimento de machados nas pedras do porto e, na mata, encontraram caco de cerâmica grande na superfície. No local também havia árvores específicas. Quando chegamos no lugar que meu pai indicou que seria a aldeia Ahrumîtî, Pirimaw reconheceu as mesmas árvores. Por isso, para ele, nós encontramos essa antiga aldeia, mesmo sem termos encontrado cerâmica na superfície. Eu queria ter encontrado cerâmica na superfície de Ahrumîtî, mas Pirimaw disse que eu não ia encontrar. Ele falou que os cacos de cerâmica estavam dormindo. Se a gente fosse abrir aldeia ou acampamento, a gente iria despertar eles. Já na aldeia antiga de Xurutîrî, eles tinham visto cerâmica porque ela era muito grande e ainda não estava entrando na terra.

Pirimaw também contou outra experiência que teve no rio Kari, tributário da margem direita do médio rio Mapuera. Quando ele era muito jovem (ainda criança),

existia uma roça grande na beira do rio Akari, e lá tinha 4 casas. Depois de muito tempo, os donos da roça deixaram de ir lá. Após vários anos, quando ele tinha 25 anos, ele foi caçar nesse rio e não reconheceu mais o lugar da roça. Estava diferente de como ele lembrava, quando era mais novo. A vegetação do local já tinha mudado, mas tinha uma pedra em frente ao antigo acampamento da roça. A pedra foi a única coisa que não mudou nada. Ele a viu no mesmo lugar e do mesmo jeito. A vegetação desta antiga roça também era do mesmo tipo que ele tinha visto na antiga aldeia Xurutîrî, dos Mawayana, e em Ahrumîtî.

Em Ahrumîtî, também foi percebido algumas árvores marcantes, como uma castanheira. Na aldeia Yowtho também tinha uma castanheira, mas ela era muito nova. Segundo meu pai, ela era nova porque tinha muito pouco vestígio de ouriço de castanha no chão. Isso indicava que tinha sido engravidada a primeira vez. Quando eu fui num castanhal próximo da aldeia Xaari, aldeia dos Wai Wai em Roraima, eu perguntei para meu cunhado Zacarias por que tinha dado pouca castanha nessa época. Ele falou assim, “olha, eu não tinha visitado ainda essas castanheiras. Elas estavam sem donos, por isso não deram muitos filhos. Da próxima vez que você vier, você vai ver que ela vai dar muitos frutos, mas você vai ter que dar conta de carregar e quebrar a castanha”. Então, com essas informações eu penso que se a gente um dia voltar para Yowtho, vai ter mais fruto de castanha. E também penso que, depois de muito tempo, ninguém devia estar visitando Yowtho. Na próxima visita a Yowtho, os filhos das castanheiras já vão estar crescidos.

As árvores dessas antigas aldeias e roças estavam tendo seus filhos. Elas estavam se reproduzindo. Na nossa língua nós falamos *mire yakan*. Quando a vegetação está mais nova do que isso, quando ainda não teve filhos, nós falamos *comota karpamxan me* (“floresta que está se tornando jovem”).

Todas essas informações que aprendi durante a expedição de 2020 ainda não estavam registradas. Agora o nome das aldeias, dos igarapés, serras e das pedras não vão mais sair desses lugares. Com a nossa chegada, as histórias renasceram. Elas foram gravadas e foram vistas, pois registramos com fotos, gravadores e anotações de cadernos. Vou contar agora as histórias específicas das aldeias.

4.3 ETNOGRAFIAS DAS ALDEIAS ANTIGAS DO RIO KIKWO

As aldeias antigas do rio Kikwo eram cinco, de acordo com Poriciwi, mas elas não existiram concomitantemente durante o mesmo período. As aldeias mais antigas, que foram ocupadas assim que os Wai Wai começaram a entrar no rio Kikwo, foram Kentawno e Kuyuwi. Meu pai não conheceu Kentawno e Kuyuwi. Ele apenas ouviu histórias de seus antigos moradores e também de seu avô Mapofo (pai da mãe dele, que era Mihña). Poriciwi conheceu os moradores das aldeias Kentawno e Kuyuwi, pois as aldeias Ahrumîti, Wawkumîti e Yowmîti foram habitadas por aquelas mesmas pessoas que moraram nas duas aldeias mais antigas. Poriciwi só chegou a ver os lugares das antigas aldeias Kentawno e Kuyuwi quando ele estava a caminho para a Guiana (na metade da década de 1950), deixando o rio Kikwo para conhecer o rio Essequibo, onde estavam os missionários americanos. Meu pai nasceu na beira de um igarapé⁴, no caminho pela mata que ligava as aldeias de Yowtho e Ahrumîti (ver croquis 2 e 4).

Vou contar agora, com base nos relatos de meu pai, minha mãe e outros anciões, a história de três aldeias do rio Kikwo. Da boca para a cabeceira do rio, vou contar sobre Kentawno, Ahrumîti e Yowtho.

4.3.1 Kentawno

As informações dessa antiga aldeia foram relatadas pelos anciões descendentes das famílias que viveram em Kentawno. Os informantes foram: Poriciwi, sua esposa Wahciki, Yakuta e Marawxana. Outros anciões passaram informações para esses meus informantes: Cekema e Caramca. Caramca é pai de Wahciki (portanto é meu avô materno) e Cekema é parente do Mapofo, que é avô materno de Poriciwi. Eu conheci Cekema e Caramca quando eu ainda era jovem. Cekema, que chegou a morar no igarapé Anawnono junto com Caramca, chamava meu pai de filho dele. Esses dois anciões mais antigos foram repassando informações para seus descendentes, filhos e netos, sobre quem morou na antiga aldeia do Anawnono e quem morou na aldeia antiga do Kentawno. Essas duas aldeias, Kentawno e Anawnono, apesar de estarem situadas em diferentes tributários do Mapuera,

⁴ Meu pai me dizia que nasceu igual anta, porque anta nasce na beira do rio.

surgiram ao mesmo tempo. Seus moradores eram aparentados entre si e costumavam festejar juntos. Essas duas aldeias se originaram da separação de uma aldeia maior e mais antiga, situada mais abaixo no rio Mapuera, onde se passou a história do *Krekrekî*, que relatarei adiante. Meu orientador Ruben Caixeta, conheceu Cekema e fez um vídeo sobre algumas histórias de *Mawari* (Caixeta de Queiroz, 2009). Meu bisavô, Mapofo, pai da mãe de meu pai, faleceu depois de muito tempo e já morando em Kanaxen, aldeia-missão que os missionários fundaram no sul da Guiana. Meu avô Caramca, pai de minha mãe, faleceu em Mapuera no ano de 2009. O ancião Cekema morreu também na aldeia Mapuera, um pouco antes de Caramca, por volta do ano 2000.

A antiga aldeia Kentawno ficava na foz do rio Kikwo, em sua margem a direita, próximo do encontro com o rio Mapuera. Essa antiga aldeia era ocupada pelos Wai Wai. Esta aldeia antiga foi nomeada pelo xamã (*yaskomo*) Mapofo, que era também um *kayaritomo* (“liderança”). O nome *kentawno* foi dado por motivo da sua localização, pois nós chamamos a foz do rio de boca do rio. Em nossa língua, boca do rio é *kentaw*. Nessa aldeia tinha uma casa grande, onde todos moravam dentro, e outra casa menor para fazer atividades diversas como cozinhar ou fabricar artefatos. A aldeia foi liderada pelo pajé Mapofo. Na genealogia 1, abaixo, eu apresento os moradores que viveram nessa antiga aldeia. Na cor verde estão os nomes dos moradores que viveram em Kentawno e que, depois de abandoná-la, subiram o rio Kikwo e foram morar de forma simultânea nas aldeias de Ahrumitî, Wawkumitî e Yowtho. E na cor vermelha apresento os nomes dos descendentes que já nasceram na antiga aldeia Yowtho e não viveram na aldeia Kentawno. A maioria dos habitantes de Yowtho, depois, foram morar (mais ou menos na metade da década de 1950) com os missionários na Guiana, até então, Inglesa. Aqueles que estão de cor branca já nasceram na Guiana, e depois foram morar na aldeia Mapuera, como aconteceu com muitos dos atuais descendentes dos Wai Wai.

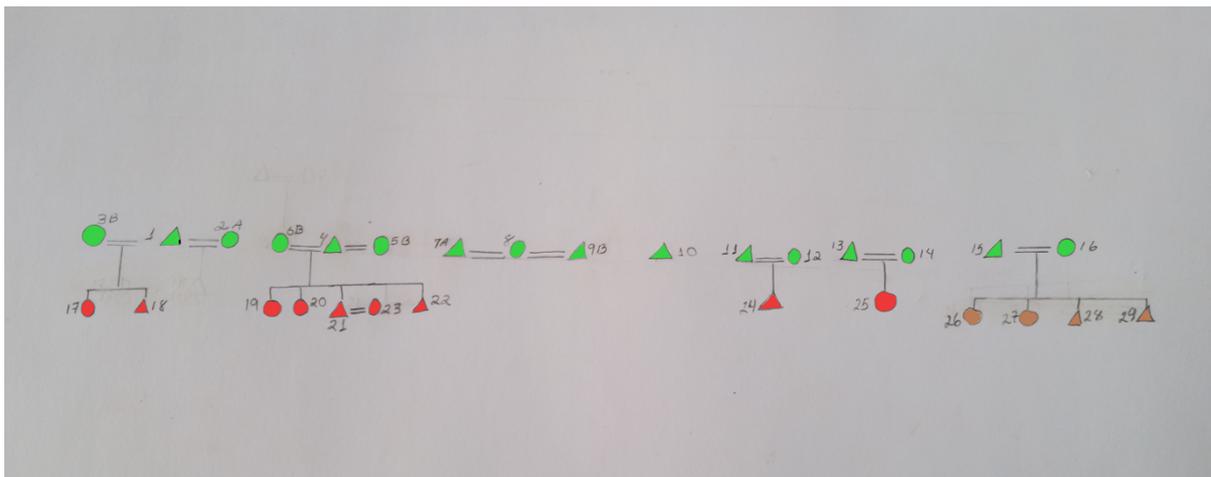


Diagrama 2: Genealogia dos Moradores da aldeia Kentawno, e descendentes.
 Legenda: Verde = moradores de Kentawno; Vermelho = nasceram e moraram em Yowtho; Laranja = nasceram na Guiana e migraram para a aldeia Mapuera.

Kentawno komo (Famílias de Kentawno): 1) Maporo, 2) Wosîtama, 3) Tamaru, 4) Muruku, 5) Peskmu, 6) Caripo, 7) Kîrîhçi, 8) Ewka, 9) Rawaki, 10) Parîhkoro, 11) Tuhma, 12) Apira, 13) Xehxewa, 14) Makama, 15) Macarwe, 16) Powa, 17) Mihña, 18) Yîwîra, 19) Wockana, 20) Wixwi. 21) Xohni, 22) Muruku, 23) Kamakña, 24) Watakawa, 25) Awaci, 26) Ana, 27) Macaw, 28) Onowana, 29) Kurukurwe.

Kentawno e as roças da aldeia eram muito grandes. Para abrir a aldeia e as roças, nessa época, as árvores foram cortadas com machado de pedra (*kusama*⁵). Nas roças havia muitos tipos de plantações para fazer alimentos e bebidas de *xeere* (mandioca-brava). Como eles bebiam bastante *pucukwa* - bebida feita a partir de um tipo especial de beiju de mandioca (*yari*), que é coberto com uma folha de *kuxuxwi* e de bananeira (*wapuhya*), e depois de fermentado por uma semana, é dissolvido na água e fica pronto para beber -, precisavam de mais roças para plantar mandioca doce e mandioca-brava. Na ausência da mandioca-brava, eles usavam *maña*, um tubérculo não domesticado e parecido com batata, que dá um cipó e é muito venenoso. Para poder virar alimento, a planta precisa ser lavada de 4 a 5 vezes para tirar o veneno. Dessa batata *maña* dá para retirar a goma de tapioca e também fazer bebida fermentada. Antigamente não havia mandioca-brava em abundância. Por isso, a batata *maña* era muito procurada. Segundo o ancião Towa, do povo Katwena, numa aldeia antiga uma mulher morreu porque não tirou o veneno corretamente da batata *maña*.

⁵ O machado com lâmina de ferro era chamado de *yawaka*.

Esta planta *maña* não é conhecida apenas pelos Wai Wai, pois quando eu fui dar uma palestra na cidade de Lábrea-AM, uma pessoa dos Tenharim me falou que o povo dela come esse mesmo tipo de batata. Quando fui, junto com a professora Myrian, visitar a aldeia dos parentes katukina, que ocupam o rio Biá, no Amazonas, descobri que eles também comiam a batata *maña*. Assim como meu povo, depois de comer, eles replantavam o talo para crescer outra batata. Eu quis me informar sobre isso, porque achei interessante ver que outros povos de lugares diferentes e distantes também conhecem essa batata e se alimentam dela.

Eu disse que a aldeia Kentawno surgiu de uma outra aldeia mais antiga, cujo nome não ficou na memória daqueles mais velhos com os quais tive a oportunidade de conversar pessoalmente. Esta aldeia, que ficou conhecida como Krekrekî, ficava na margem esquerda do rio Mapuera, abaixo do rio Anawnono. Mapofo e Cekema teriam morado em Krekrekî, desde quando crianças até ficarem jovens. Nesta ocasião, ali aconteceu um evento que fez a aldeia ser abandonada, e seus moradores fundaram duas novas aldeias: Mapofo fundou a aldeia Kentawno, e Cekema fundou a aldeia Anawnono.

A história ou evento sobre o qual muitos ainda hoje falam se deu nas proximidades de um lugar onde há uma plantação de um tipo especial de bambu, que é chamado de *krekreki*. Em frente a esse lugar, na outra margem do rio, é que ficava essa aldeia, que segundo ouvi, era muito grande. Meu pai, quando era mais novo, foi no lugar onde indicaram que ficava essa antiga aldeia e viu a vegetação diferente no lugar. Ele observou que a aldeia era mesmo muito grande. De acordo com o que meu pai ouviu de Mapofo e Cekema, nessa aldeia antiga um menino ficou triste com sua mãe e se transformou no povo cobra-grande (Okoimoyana). Depois disso, ele plantou o bambu *krekreki*, que é desse povo cobra-grande, que mora no fundo do rio (a dissertação de mestrado de meu sobrinho relata com mais detalhes esta história, ver em Roque Yaxikma Wai Wai, 2022).

Durante nossa viagem para Roroymo, nós encontramos três pedras no meio do rio, que ficam em frente a essa antiga aldeia grande. O menino que virou Okoimoyana aparecia em cima dessas pedras e tocava sua flauta feita com o bambu *krekreki*, plantado por ele num pequeno morro. Além desse bambu, ele também plantou ali perto, na beira de um lago, um pé de cuia (*tutumu yepu*)⁶ que também é

⁶ Esse pé de cuia será retomado adiante, quando eu falar da aldeia Yowtho.

dele. Tudo isso deixou as pessoas assustadas, pois nunca tinha acontecido isso antes. Por isso, essa aldeia grande se desmanchou e deu origem às duas outras aldeias sobre as quais já falei: Kentawno e Anawnono. Essas pedras, e o próprio lugar do *krekreki*, são vestígios arqueológicos e até hoje indicam lugares que precisam ser respeitados por nós. Eu mesmo tenho medo e nem quero tomar banho, ou acampar ali perto. Se alguém acampar perto desses lugares, pode ter certeza, virão um temporal e uma chuva forte, pois os donos (*osom*) do *krekreki* ficam bravos. Sabemos que muitas pessoas já enfrentaram temporal ali, e ficaram com muito medo.

Da aldeia Kentawno, as pessoas se mudaram para fundar a aldeia Kuyuwi, subindo o rio Kikwo, situada do mesmo lado da aldeia Kentawno, ou seja, na margem direita desse rio. Da aldeia Kuyuwi, as pessoas subiram o rio ainda mais acima para fundar a aldeia Ahrumîti, no igarapé de mesmo nome, tributário da margem esquerda do rio Kikwo, mais no interior da floresta.

4.3.2 Ahrumîti e Roroymo

Meu pai, Poriciwi Wai Wai, viveu nessas aldeias até, mais ou menos, 10 anos de idade, ou um pouco mais. Quando perguntei a ele quantos anos ele tinha quando viveu em Ahrumîti, ele apontou e comparou com o tamanho do meu sobrinho Edu, que tinha exatamente 10 anos. Essa aldeia foi aberta antes mesmo do meu pai nascer. Ele nasceu no meio do caminho entre a aldeia Yowtho e Ahrumîti, quando sua família estava viajando para uma festa. Meu pai me contou sobre a sua vida quando era criança. Ele me ensinou sobre as paisagens e como era o conhecimento tradicional de viver e andar no mato. Segundo ele, nós tínhamos tudo para viver junto com a natureza. Os Wai Wai sabiam contar os dias, os meses de outros jeitos que fazem os brancos e que fazemos hoje em dia. O período da chuva, a gente chamava de *cimnipu*, e o período de seca a gente chamava de *katpan*. Hoje nossa vida é diferente.

Eu perguntei para meu pai o que nós poderíamos achar nesse lugar quando fôssemos ver essa antiga aldeia. Nós fomos por uma trilha no mato a partir do acampamento de Roroymo. Era assim que no tempo do meu pai as pessoas iam da aldeia Ahrumîti para Roroymo, e de Roroymo para Ahrumîti. A distância em linha reta entre esses dois lugares é de aproximadamente 3,5 km. Então, aqui eu vou falar dessa antiga aldeia e também do antigo acampamento Roroymo, pois estes dois lugares eram ligados entre si.

A antiga aldeia Ahrumîti fica na margem direita do igarapé Tîtko Yewku (Igarapé da Castanha), também conhecido como Apeñerî, que deságua na margem esquerda do rio Kikwo. O porto de Ahrumîti tem muita argila endurecida. Mapoño também foi a liderança (*kayaritomo*) e o pajé (*yaskomo*) dessa aldeia. O nome Ahrumîti foi dado porque no local tem muita árvore de nome *ahru*. Na língua wai wai pode-se traduzir "*mîti*" como lugar de concentração de uma determinada espécie vegetal, então, Ahrumîti é o "lugar" do *ahru*.

Havia na aldeia Ahrumîti uma casa grande (*mîimo*), na qual todo mundo morava, e também outra casa (*umana*), nas quais as pessoas usavam para fazer diversas atividades. Essa casa menor era também usada para fazer comida (*erewsi citopo mîin*). Entre a casa grande *mîimo* e a *umana* tinha um terreiro para dançar e beber. Este terreiro se chama *roro*, e era um local onde se faziam várias festas, como a festa de nome *mawa*. Ao lado desse terreiro ficava uma plataforma de secar beiju (*cuure yapon*). O fogo e a comida podiam ser feitos também num espaço aberto, onde ficavam grandes trempes para panelas grandes (*kaxara yapon*). Da casa *mîimo* até o porto de tomar banho⁷ (*nakwa eyehtopo*) tinha muita banana plantada (*txukma*) e também pé de urucum (*onomto*). Do lado da casa também tinha muita pimenteira (*asîsîsî yepu*). Um pouco mais distante, na direção norte, tinha uma grande concentração de castanha-do-brasil (*tîtko mîti*). Na direção sul, a partir das casas, ficavam as roças. O espaço da roça estava dividido em 6 famílias. Atrás da *umana* tinha um local com plantação de *purupuru yepu*⁸.

A partir de Ahrumîti, na direção norte, saía um caminho para caçar (*esama kesetakacho*), e a partir desse caminho, em direção mais ou menos para oeste, saía o caminho para uma aldeia mais antiga, Yowtho, mas que continuava a ser habitada ao mesmo tempo que Ahrumîti. Deste caminho para caçar, na direção mais ou menos nordeste, tinha um caminho para acessar, por terra, uma outra aldeia antiga, Koosotho (situada na margem direita do rio Mapuera), mas que era igualmente habitada no mesmo tempo que Ahrumîti. Na direção sudoeste, a partir de Ahrumîti, saía o caminho para o acampamento de Roroymo. No dia 22/01/2020 eu fiz um desenho, juntamente

⁷ Não se chegava nessa aldeia de canoa, porque o igarapé era muito estreito. O porto de canoa dos moradores dessa aldeia ficava no acampamento de Roroymo.

⁸ Não sei o nome em português desta espécie vegetal, mas o *purupuru* é um tipo de tomate do mato, com semente parecida com o tomate domesticado, bem mole dentro, e por fora sua cor é um pouco amarelada.

com o arqueólogo Igor, da aldeia Ahrumîti com base nas informações e indicações feitas por meu pai. Apresento esse desenho abaixo [ver croqui 4].

Na aldeia Ahrumîti viviam as famílias do Mapofo, Piwa, Macarwe, Pifo, Xapowru, Xaripo, Muruku e Mata. Além dessas famílias, dentro da casa tinha espaço para atar as redes de famílias visitantes, como a família do Caramca, por exemplo. A casa grande (*mîmo*) de Ahrumîti só tinha uma entrada. Ficava dentro da *mîmo* uma divisão de atar rede de cada família, e suas próprias fogueiras e jirau para os cachorros. As fogueiras eram para aquecer a noite inteira, e também ali podia fazer comida. Cada família guardava suas coisas penduradas em cima das suas redes, ou inseridas nas palhas das coberturas dos telhados. Antes de dormir, as pessoas ouviam diversos animais, por exemplo, guariba e mutum, que cantavam na mata ao redor da aldeia. Abaixo apresento um desenho, que fiz com meu pai, da organização da casa da aldeia Ahrumîti (ver croqui 3)

Como o caminho do acampamento de Roroymo até a aldeia Ahrumîti é longo (umas três horas a pé), na nossa expedição de 2022, meu pai, já idoso, não pode caminhar neste trajeto. E, além disso, não tínhamos como ir pelo igarapé, pois era bem estreito, cheio de troncos e galhos atravessados, poderíamos ficar preso no caminho. Então, antes de irmos na direção que ele indicou, eu peguei diversas informações para ajudar a reconhecer alguns sinais no local. Poriciwi falou que a gente poderia encontrar *kipixi yepu* (ingá), *kamuywa yepu*, *maripa* (inajá), *taratara* (umbaubeira), *mariwa* e *kukwa*. Mas disse, com certeza, que a gente ia encontrar muita castanheira próximo do igarapé, pois Ahrumîti foi fundada para tirar óleo de castanha para passar no cabelo. Era costume na época fazer isso. Eles vinham da aldeia Yowtho para apanhar castanha, tirar óleo para passar nos cabelos compridos que homens e mulheres usavam. Poriciwi disse-me que se lembrava muito bem das castanheiras quando ele ia tomar banho. Ele ainda me disse que as castanheiras vivem por muito tempo e, mesmo se algumas delas tivessem morrido, elas teriam deixado muitos filhos no local. E foi assim que achamos a antiga aldeia Ahrumîti, por meio desta importante marca: as castanheiras. Depois, meu cunhado me ensinou a identificar as outras árvores que informam sobre o lugar antigo de ocupação humana.

Nos dias anteriores à nossa busca por Ahrumîti, meu pai relatou coisas que começaram a surgir na sua memória, e que há muito tempo ele não lembrava ou não falava. Ele falou sobre as festas e sobre as pajelanças que seu avô Mapofo fazia. Poriciwi disse que se lembrava de ver casamentos que aconteciam nas festas, quando

os homens atavam suas redes perto das redes das moças. Havia mulheres com dois maridos, e estes disputavam entre si para ver quem se deitaria com elas. Os Wai Wai nesse tempo tinham o costume de usar adornos no cabelo feitos com bambu e penas de arara, mutum, gavião⁹. Matar essas aves era difícil e somente os guerreiros conseguiam. Então, aqueles homens que estavam usando esses adornos eram pessoas vigorosas. Outras pessoas faziam e usavam tangas feitas com fios de algodão¹⁰. Tinha tangas para mulheres e homens. As pessoas usavam braçadeiras e tornozeleiras de algodão. Algumas usavam enfeites de penas no nariz (ver Caderno de Fotografias 1, sobre os antigos Wai Wai).

Na aldeia Ahrumîtî havia com frequência uma festa antiga, chamada Maawa. Ela acontecia no início da época chuvosa (*cimnipu*), que dura de janeiro a julho. Para esta festa, as mulheres preparavam muita bebida *pucukwa*, feita de beiju de mandioca-amarga ou mandioca doce. Esse tipo de bebida, se tomada em grande quantidade, deixa a pessoa muito embriagada. Também, para essa festa, os homens caçavam muito macaco-aranha (*poroto*) e guariba (*xîpîrî*), pois nessa época eles estão barrigudos, bem gordos. Por isso, nessa aldeia, no início do ano, os Wai Wai sempre se reuniam para fazer a preparação da festa, para comer, beber, dançar. Os homens eram responsáveis pela busca de frutos no mato, como buriti (*yow*) e patauá (*kwanamari*), e também ia atrás da caça. As mulheres produziam muitos vasos de cerâmica para fazer a bebida *pucukwa*.

Meu pai dizia que, quando da chegada dos caçadores em Ahrumîtî, ele ouvia os homens gritando para o dono da bebida (*yîmîtîn*) uma brincadeira: "tá aqui a carne pra você, dono da bebida, vê se vai caber na sua panela, você fez vinho pra mim". Enquanto isso, as mulheres cantavam: "eu me acordei cedo para fazer sua bebida, veja se vai caber tudo na sua barriga; tá aqui sua bebida, onça; tá aqui sua bebida ariranha; tá aqui sua bebida, gavião-real". Assim, meu pai ouviu a letra das músicas dos donos das bebidas e a música dos caçadores. Neste tipo de festa, nas aldeias do rio Kikwo, vinham participar indígenas de outros povos, como Wixo, vindo lá de longe, do rio Turuni, junto com outras pessoas katwena e xereu. Eles ficavam no meio dos Wai Wai, neste tipo de festa, havia alguns que bebiam muito, e ficavam muito

⁹ Para mais informações desses enfeites de cabelo, ver Yde (1965).

¹⁰ Algodão e curauá eram plantados nas aldeias e em acampamentos ocupados com frequência, como Roroymo. Já que estes tipos de ornamentos e enfeites eram muito usados, eles se encontravam espalhados em vários sítios.

bêbados. Meu pai também disse que, dentro da festa do Mawá, havia quem tocasse flauta feita de bambu e de osso de jacamim, muita gente tocava essa flauta, porque ela não era difícil de ser tocada. No tempo dessas festas, duas pessoas muito importantes para os Wai Wai (Ewka e Yakuta) eram muito jovens, vinham de outra aldeia, no meio do pessoal que morava na aldeia Kahxymo (no rio Mapuera), eram solteiros. Eles ficavam na aldeia Ahrumîti por muito tempo, durante e depois da festa, passavam meses e meses, depois seguiam para a aldeia de um outro povo, Mawayana. Naquele tempo, chegou por ali a notícia de que alguns Wai Wai já estavam morando numa aldeia situada do lado da Guiana, Efpoymo.

Naqueles tempos de festa os velhos e as velhas orientavam os mais novos. Os velhos orientavam a preparação de venenos curare (*kmarawetî*) e as velhas orientavam a produção de vasos de cerâmica grandes. Além deles, havia vários vasos para usos específicos. Tinha vasos para bebida, outros para cozinhar carne, outros para cozinhar somente carne de mutum (estes recebiam apliques de cerâmica em forma de mutum). Meu pai se lembra de ver nesse tempo a produção de veneno feita pelos velhos Mapofo, Muruku e Caripo. Estas pessoas eram especialistas em fazer veneno muito forte, para untar as pontas de flechas, que eram feitas de pecíolo de folha de bacaba. Powa e Kasupi eram as mulheres que mais sabiam fazer as panelas (*tahrim*). Elas eram também especialistas em fazer um tipo de assador (*efpo*) de beiju, bem grande, feito de barro. Meu pai me disse que, certamente, boa parte dessas vasilhas de cerâmica estão ainda conservadas nas antigas aldeias. Os vasos grandes eram pintados com seiva, de cor preta, da árvore chamada *yarka*, e também eram cobertos com trançados de casca de árvore, ou cipó, para não quebrar. As ceramistas também passavam resina (*sîrpo*) na parte interna do vaso. No passado, quando os moradores de uma aldeia saiam para viajar mais longe, para visitar outras aldeias, eles levavam as vasilhas de cerâmica menores, e as grandes eram guardadas dentro da casa. Quando meu pai me relatava esses detalhes, ele recordava com nostalgia: “hoje eu não consigo mais andar longe; se estivesse forte, eu queria ver essas coisas, ver onde eu tinha furado meu braço num toco de pau na beira da aldeia, onde havia duas castanheiras”.

Meu pai também me contou que, antes das festas, os caçadores iam caçar os animais com pontas de flecha envenenadas, que eram guardadas dentro de um pedaço de bambu, tampado com couro de animal, de nome *emepu*. Nessa época, a maioria dos homens usavam um remédio feito a partir do veneno de um tipo de sapo

(*knawaru*, na língua wai wai) (um remédio do tipo *kambô*), eram bons de caça e conseguiam trazer muita carne para as festas. Além disso, quando os meninos eram pequenos, os mais velhos riscavam o braço deles (com capim ou osso) e passavam nas suas costas o veneno de sapo. Havia ainda quem cortava a unha do sapo e botava dentro da sua própria unha, o quê a deixava mais habilidosa para caçar. Além da espécie de sapo denominada *knawaru*, há outras espécies das quais pode-se tirar o veneno para fazer remédio: por exemplo, *kepeti* (de cor amarela) e *kiripapa* (de cor azul). Todos esses tipos de sapo são pequenos e podem ser encontrados nos buracos das árvores. Além deles, os Wai Wai usam um tipo de formiga de cor cinza (*caaki*) para fazer picada na pele dos meninos e jovens para torná-los bons caçadores.

Nas nossas festas, como já disse, havia visitantes (convidados de outras aldeias) que vinham comemorar com os anfitriões. Para a aldeia de Ahrumîti, muitos vinham da aldeia Kahxiymo, situada no rio Mapuera, como Macarwe e Piwa. Eles vinham andando pelas trilhas no meio da floresta, era um pouco longe, cerca de um dia de caminhada.

Meu pai também me contou que na aldeia Ahrumîti viu o xamã Mapofo ensinando Ewka, quando ele ainda era muito jovem, e depois se tornou um grande xamã do povo Wai Wai. Ewka foi atrás de Mapofo em Ahrumîti, e assim fez um pedido: “*pooco oyehcamhokaxe wasi awakro*” (“vovô, quero aprender com você”). Ewka teve que passar um longo tempo na aldeia de Mapofo para aprender sobre remédios tradicionais, como cascas de árvores, folhas e raízes específicas, músicas para cura... Além disso, Ewka teve que aprender sobre os ñokwa (“amuletos”), um tipo de objeto que pode ser feito de pedra, semente, estátua de madeira, entre outros. Foi Mapofo que ensinou e treinou Ewka para se tornar xamã (*yaskomo me*).

Na aldeia de Ahrumîti, Poriciwi viu também algumas práticas relacionadas ao xamanismo e conduzidas por Mapofo. Ele viu a construção de uma cabana (*xurpana*) para tratar de uma criança doente. *Xurpana* é um pequeno abrigo, bem fechado e escuro, feito de folha específica do açai (*waapu*)¹¹. Naquela ocasião, Mapofo entrou primeiro na *xurpana*, sozinho e com seu *pakara*¹². Depois, ele chamou a criança doente para entrar também, junto com sua mãe, dentro da *xurpana*. Ali dentro, Mapofo

¹¹ Nós Wai Wai diferenciamos dois tipos de açai, um de nome *waapu* e outro de nome *manaka*. O *waapu* vive em conjunto ou aglomerado, o *manaka* vive isolado. Mais detalhes estão em Fock (1963) e Rodrigues (2022).

¹² *Pakara* é um estojo trançado com desenhos e materiais específicos. Para mais informações ver Yde (1965) e Rodrigues (2022).

cantou e balançou seus braços com folhas de *kuruni*, como se estivesse batendo assas. Ele estava entrando em contato com o *kurumu yîm* (pai do urubu-rei). A mãe da criança doente, sem enxergar nada, tentou tocar Mapofo com suas mãos, mas só sentiu o banco vazio. O pai do urubu-rei buscou Mapofo e o levou para o céu. Mapofo foi lá tentar descobrir a doença da paciente. Então, o pai dos urubus relatou para ele a doença da criança. Demorou um pouco, Mapofo voltou e falou para a mãe da criança fazer dois tipos de banho: o primeiro, com uma casca de uma árvore chamada *yasî picho*; o segundo, com uma raiz chamada *xiwiri yatî*. Esses dois remédios são bem amargos e fortes, mas a mãe da criança doente precisava seguir a receita indicada pelo pai do urubu. Desta forma que os xamãs buscavam ajuda dos espíritos das plantas e dos animais (*worokyam*).

Na aldeia Ahrumîti não havia porto de canoa, como já disse. O porto de canoa dos moradores de Ahrumîti ficava no lugar chamado Roroymo, situado a mais ou menos 3,5 km de Ahrumîti, na margem esquerda do rio Kikwo. Conversando com meu pai, ele me contou que esse lugar era considerado mais como acampamento do que uma aldeia. Ali havia três abrigos pequenos, chamados de *pawxi matko* (rabo de mutum) (ver fotografia 34, sobre Roroymo e a construção de um *pawxi matko*). Esses abrigos eram feitos de folha de *murumuru*, e eram provisórios. Na verdade, ainda hoje os Wai Wai fazem este tipo de acampamento quando saem na floresta para caçar. No Roroymo antigo estes acampamentos eram feitos debaixo de grandes árvores, que existiam na beira do rio. No porto de Roroymo há um grande afloramento de pedra, bem plano, daí que vem o nome Roroymo, que significa “grande área de pedra plana”. As pedras do porto são boas para amolar lâminas de machado de pedra e de ferro. Por isso, nas pedras daquele porto havia muitas marcas de bacia de polimento (ver fotografias 25). As ferramentas de pedra usadas lá na aldeia Ahrumîti deviam ser amoladas na pedreira de Roroymo.

Meu pai se lembrou dos homens pescando com linha feita de curauá (*krewetî*), usadas já com anzol de ferro, talvez obtidos através de troca com outros povos. Com essa linha de pesca, eles conseguiam pegar muitos peixes, como *kanamuruku*, *aymara* (trairão), *okoropo* (surubim), *picho*, *pooñe* (piranha), *marawica* (camunani), entre outros. Em Ahrumîti não dava para pescar esses peixes, por isso eles vinham também em Roroymo, porque o rio Kikwo é grande e dá muito mais peixes do que o igarapé Ahrumîti.

Naquele tempo, quando meu pai ainda era jovem e vivia na aldeia Ahrumîti, não havia doenças fortes e incapazes de serem curadas. Todas as doenças mais simples que haviam, os xamãs eram capazes de curá-las. Para isso usavam como remédio diversos tipos de casca de árvore, por exemplo. Porém, sempre houve bichos no mato que não gostam muito dos humanos e são capazes de lhes tirar a vida. Contra essa ameaça e como remédio, antigamente e ainda hoje, há vários tipos de feitiço, contra picada de cobra, picada de arraia, para não toparem com onça na floresta. É preciso ter bons conhecimentos para andar no mato, pois ali há inimigos, espíritos dos animais, que podem se assustar e ferir quem anda no mato, e muitas vezes não os veem - daí o perigo. Por exemplo, o mucura (*yawari*) é um animal muito transformativo, ele se transforma em vários tipos de animais e de espírito, que viram nossos inimigos; há um tipo de pássaro (*way kane*) que se transforma da mesma forma em espírito e em inimigo para nos fazer mal; da mesma forma, há plantas também que se transformam, pois elas têm dono e obedecem os seus conselhos. Por isso tudo, meu pai me dizia que, quando a gente anda no meio do mato não pode imitar qualquer tipo de animal, mas somente aqueles mais conhecidos como o guariba (*xîpîri*), o macaco aranha (*poroto*). Se imitamos quaisquer animais, corremos risco. O pai de Poriciwi disse certa vez que se ele estivesse sozinho, no mato, nunca devia imitar o pássaro *way kane*. Então, certa vez, Poriciwi foi caçar à noite, ele imitou os *way kane*, de repente, eles se amentaram muito, viraram uma multidão, e vieram atacar e matar o meu pai. Ele teve que remar muito e fugir, pois, senão, ele iria ficar doido e doente.

Meu pai me disse que nunca imaginava que, um dia, os Wai Wai fossem morar nas cidades ou em grandes aldeias, como Mapuera, onde vários povos diferentes moram juntos. Ele achava que iria viver naquele lugar, nos arredores de Ahrumîti, para sempre, como nostalgicamente falou: "ali éramos fortes, tomávamos banhos de madrugada e isso nos deixava muito saudáveis. Não tínhamos muitas doenças. Hoje em dia temos muitas doenças. A cultura dos brancos tem muitas doenças e mata várias pessoas."

4.3.3 Yowtho

A partir dos relatos coletados na pesquisa de campo sobre Yowtho, descobri que meu pai morava nesta aldeia antiga, junto com o irmão caçula dele, Mapotku, e suas irmãs Kamña, Marawxana e Kumara. Esta aldeia teria sido aberta por causa de suas frutas

de palmeira abundantes nas proximidades: buriti, bacaba e patauá. Yowtho foi ocupada pelos Wai Wai até antes da ida para Guiana inglesa, ou seja, foi a última aldeia ocupada na região antes desta migração. Ela situa-se na margem esquerda e nas cabeceiras do rio Kikwo. Mapofo era a liderança de Yowtho e de Ahrumitfi, que tinha ao todo mais ou menos 12 pessoas. Nas proximidades, Mapofo ainda tinha um sítio ou acampamento, denominado Wawku mitfi, onde somente a sua própria família tomava conta. A antiga aldeia Yowtho tinham ao todo 7 famílias, eram as mesmas que moravam na antiga aldeia Ahrumitfi, na verdade, a maioria das famílias viviam nestas duas aldeias ao mesmo tempo, mas três delas moravam somente em Ahrumitfi. Em Yowtho havia duas casas: uma grande para morar; outra menor para guardar os utensílios e para pequenas tarefas. Dentro da casa o espaço era dividido de acordo com cada uma das famílias, agrupadas de acordo com suas redes e um jirau para depositar os poucos pertences. Na casa havia apenas duas entradas: uma na frente e outra atrás. Poriciwi assim explica: “A gente fazia assim para fugir se os inimigos chegassem; na frente da aldeia havia um mato não cortado, para o inimigo não nos enxergar; havia um caminho por baixo das árvores, que levava ao exterior da aldeia; no seu interior havia uma área aberta e grande, onde faziam as festas e reuniões. Nesse pátio o xamã Mapofo fazia uma pequena cabana (*xurpana*) para curar as pessoas que raramente adoeciam. Além disso, ali entrava para cantar no início da manhã e no final da tarde.

A partir de Yowtho vários caminhos a pé saíam em direção a outros lugares: um caminho para a caçada; um segundo para chegar até a aldeia Ahrumitfi; um terceiro para chegar à aldeia Kahxiymo no rio Mapuera.

Quando meu pai andava junto com seu povo por esses caminhos no meio da floresta ou pelo rio, ele observava na paisagem e selecionava um localizador das aldeias. Então, na trajetória de nossa viagem, meu pai lembrou que, antes de chegar em Yowtho, havia um acampamento usado por Mapofo. Mais próximo deste acampamento, ele lembrava que havia, na frente do porto, uma palmeira de nome *yawara*. Sabendo que *yawara* é uma planta cheia de espinhos e que não vive um longo tempo, eu perguntei para meu pai se esse tipo de vegetação era um bom marcador de lugar. Ele respondeu que sim, pois embora o *yawara* possa cair e morrer, ele gera filhos, que não morrem por causa da água (ele vive perto dos igarapés, lagos e dos rios), por isso ele é um bom marcador. Entretanto, nesta subida rio acima, não conseguimos localizar o acampamento de Mapofo. Por isso, meu pai ficou um

pouquinho desanimado e me indagou: "meu filho, será que nos vamos achar a aldeia antiga de Yowtho?, eu estou vendo muitas coisas diferente, o rio também está cheio, seria melhor vir no tempo da seca, quando as pedras estão mais aparentes".

De qualquer forma, decidimos fazer um acampamento e dormir nas proximidades, e continuar a procura da aldeia antiga de Yowtho no dia seguinte. Durante a noite, meu pai me contou que se lembrou de uma árvore grande perto do porto onde as canoas ficavam ancoradas. Depois de caçar e comer mutum (*pawxi*) e dormir, já quase meia noite, meu pai me acordou me contando que ele tinha tido um sonho no qual encontrava os seus parentes que moravam naquela aldeia antiga, que tinha sido muito bem recebido por eles.

Depois da indicação do lugar do porto por meu pai, descemos da canoa e, por terra, fomos fazer uma ronda nos arredores. O meu cunhado Filimão seguiu na frente e foi logo ver que tipo de vegetação crescia na redondeza, se havia concentração de paisagem como marcador de aldeia antiga. Depois de circular por um tempo no meio da floresta, ele gritou do lugar onde estava: "aqui é a aldeia antiga". Na direção que ele gritou, fomos lá, eu, meu Pai, Ruben e Leonor. Logo encontramos e vimos as marcas dessa aldeia antiga, reconhecendo o tipo de vegetação: *wakanaki* (uma palmeira menor, mas semelhante ao tucumã), *títko* (castanheira), *katwaru*, *wafma*, *mîna* (ubim), *taaru* (um tipo de palmeira menor do que o inajá), *maripa* (inajá), *kwanamari* (patauá), *kuumu* (bacaba), *akrakra* (maracujá do mato), xixinatî (um tipo de cipó), *mentho* (tucumã), *yow* (buriti), *kipixi* (ingá do mato) (ver fotografias 40 a 54).

Pelo que vimos ali, havia uma roça muito grande bem perto da aldeia (ver croqui 2). Meu pai se lembrou:

Naquele tempo todos os homens iam cortar árvore para fazer roça, depois vinha a queimada; como não havia enxada, eles usavam um pedaço de estaca para abrir a terra e para plantar, eu vi isso no tempo do meu pai. Na nossa roça vários tipos de cultivos eram plantados, e sempre havia mandioca brava (*xeeêe*), banana (*tuxkma*), pimenta (*asîsî*).

E meu pai continuou contando sobre o que ele viu naquele tempo:

- As mulheres faziam um tipo de cerâmica grande para armazenar bebida feita de buriti (*yow*) ou de patauá (*kwanamari*); eu vi as mulheres, elas estavam fazendo a cerâmica no terreiro da aldeia, sabia que não podia usar qualquer tipo de lenha para queimar a cerâmica, elas sempre eram orientadas a usar a casca de uma árvore chamada *wepipi*; assim como a atividade de fabricação de cerâmica, trabalho coletivo

feito pelas mulheres, os homens também partiam em turma para a caçada, na volta, a caça era dividida para todos da aldeia; a atividade de tecer o algodão (que era plantado perto da aldeia) para fazer a linha era exclusivamente feminina, mas eram principalmente os homens que usavam o fio de algodão para amarrar suas flechas, fabricar redes de dormir e vários tipos de adornos.

Poriciwi falou-me sobre as parteiras da aldeia Yowtho:

- Naquele tempo as parteiras eram Mihña e Peskmu; eu as vi orientando outras mulheres; para que as mulheres tivessem um parto rápido, era preciso que, quando ainda criança (na fase anterior à adolescência), fosse esfregado nas suas costas o peixe puraquê (*kaskmi*); e, além disso, durante os três primeiros meses de gravidez, a grávida devia tomar banho com uma água que fosse fervida numa vasilha com cabeça de paca; seguindo todos esses preceitos, os filhos das mulheres wai wai nasciam rápido, como acontecem com os filhotes de paca.

Por fim, Poriciwi me contou sobre a intricada rede de parentesco e a relação dos moradores da aldeia de Yowtho com aqueles de lugares mais distantes, alguns deles pertencentes a povos diferentes dos Wai Wai. Antes mesmo de Poriciwi nascer, sua mãe lhe contou, já tinham chegado na aldeia Yowtho visitantes do povo Katwena, vindos de muito longe, dentre eles as pessoas Wixo, Cari, Kîrîhci, Serehsere, Piño. Quando eles vieram a primeira vez, trouxeram uma grande quantidade de breu, que foi trocada por arco e flecha dos Wai Wai de Yowtho (os anfitriões). Alguns visitantes ficaram ali por quase três meses, quando então retornaram para as suas aldeias de origem. Entretanto, três homens decidiram ficar e morar junto aos Wai Wai, são eles, Wixo, Kîrîhci e Piño. Antes mesmo de Poriciwi nascer, eles já moravam entre os Wai Wai de Yowtho. Naquele tempo Acamu (pai de Poriciwi) era casado com Mihña, com a qual teve os seguintes filhos: Kamña, Poriciwi, Mapotku, Axwarapa e Mapoño. Logo quando os Katwena chegaram em Yowtho, Wixo se juntou à esposa (Mihña) de Acamu. Por um tempo, Mihña, ficou com dois maridos: Acamu e Wixo. Mais tarde, Wixo e Piño foram visitar seus parentes Katwena e/ou Xereu que ficaram no igarapé Motokru (afluente da margem esquerda do rio Mapuera, abaixo do rio Kikwo). Por lá, eles demoraram bastante tempo, quando retornaram, trouxeram uma mulher do povo Xereu, chamada Mamenu, e a deram para Acamu. Aí, Wixo ficou com Mihña só para ele. Depois do falecimento de Mihña, Wixo casou-se com a sua enteada, Kamña, filha de Mihña. Os filhos de Acamu com Mamenu são: Tamxo, Arimu e Mahri. O filho de Wixo com Mihña: Mahxawa. Os filhos de Wixo com Kamña são: Isaka, Ayana,

Nahtaray, Riisa, Eunuri, Tawsiña [ver Diagrama 3, voltaremos a falar desta rede de casamento e alianças no quinto capítulo].

Depois que os povos do Wixo (Katwena e Xereu) chegaram na aldeia Yowtho, vindos da margem esquerda do rio Mapuera (interflúvio dos rios Cachorro Mapuera), chegaram ali os visitantes (dentre eles, Tamokrana e Maawu) do povo Hixkariana (do rio Akari, afluente da margem direita do rio Mapuera (interflúvio dos rios Mapuera e Nhamundá), para conhecer e participar das festas que aconteciam naquela aldeia. Os Hixkaryana também trouxeram breus em grande quantidade para trocar com os moradores de Yowtho.

Assim meu pai me contou sobre essas várias formas de contato e conhecimento, quando os visitantes vinham trocar tecnologias e mulheres. Das aldeias wai wai, esses visitantes (Xereu, Katwena e Hixkaryana) levavam, sobretudo, arco-flecha e ponta de flecha envenenada. Como conclui Poriciwi:

- Assim eles vinham pelo rio, não sei como eles chegavam de forma correta em aldeias tão distantes, eles tinham contato com nossa gente desde muito tempo atrás, por várias razões, alguns iam levar notícias, não importava a distância, outros iam pelo mato, outros pelo rio, outros usavam roupa de onça para chegar a lugares realmente longínquos. Assim nossos antepassados iam visitar seus vizinhos e seus parentes mais distantes.

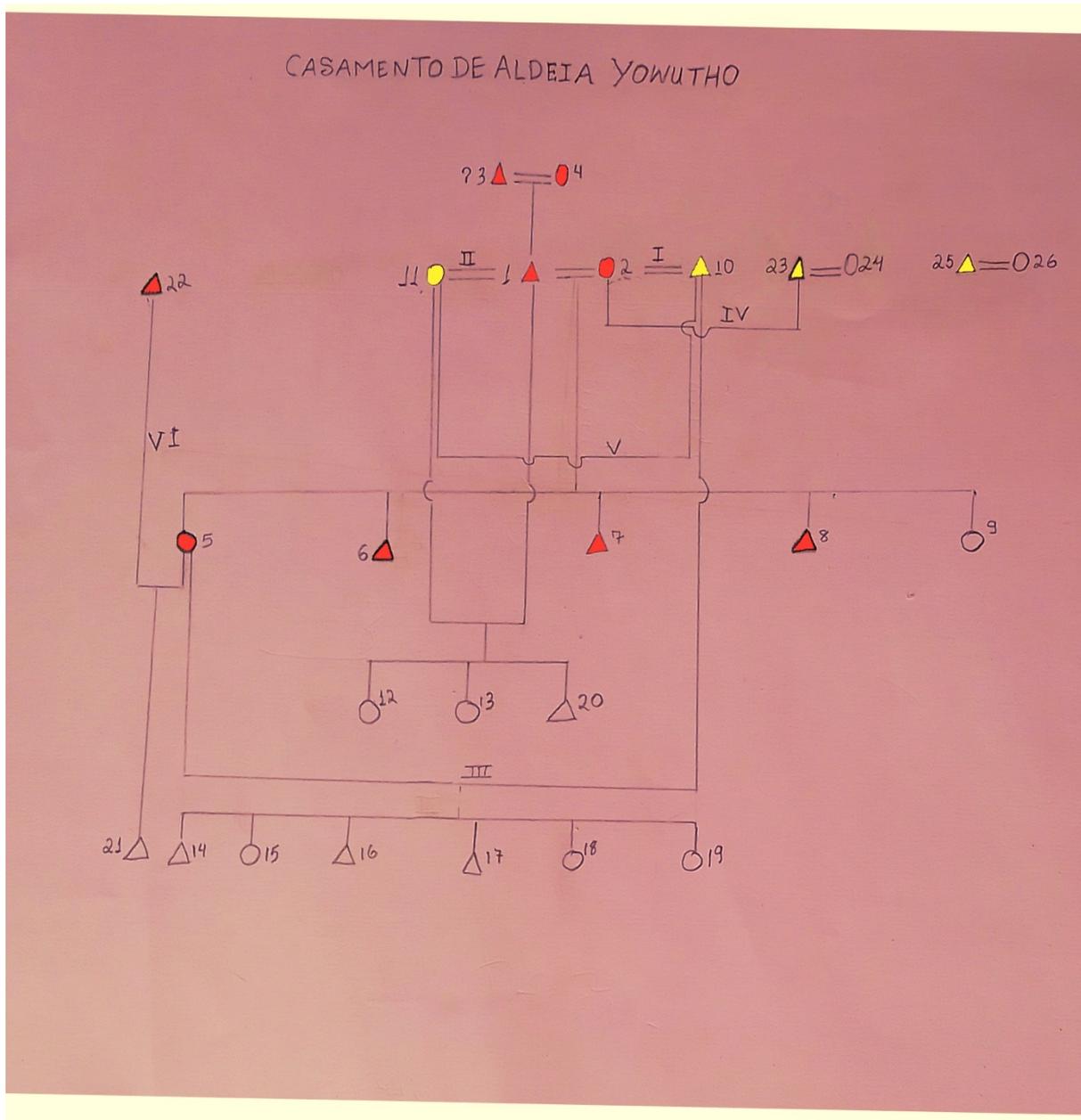


Diagrama 3: Rede de parentesco e alianças matrimoniais na antiga aldeia Yowtho. Legenda: Nomes em vermelho: povo wai wai; nomes em amarelo: povo xereu. I - Primeiro casamento de Acamu; II - Segundo casamento de Acamu; III- Segundo casamento de Kamña e terceiro de Wixo; IV- Segundo casamento de Piro; V - Primeiro casamento de Wixo; VI- Primeiro casamento de Kamña.

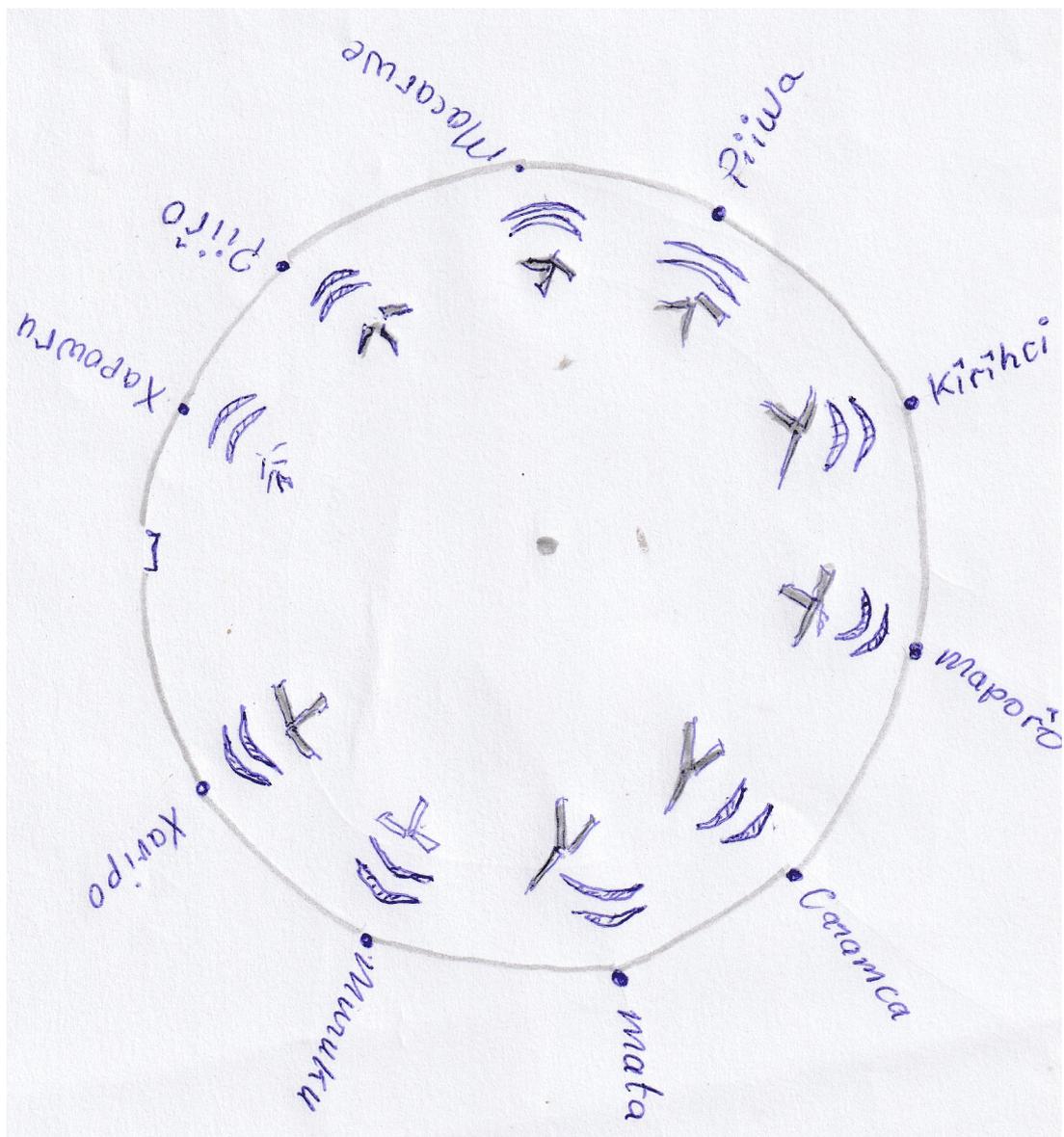
Nomes do digrama 3: 1) Acamu, 2) Mihña, 3) ?, 4) Waapu, 5) Kamña, 6) Poriciwi, 7) Mapotku, 8) Axwarapa, 9) Maporo, 10) Wiixo, 11) Mamenu, 12) Mahri, 13) Tamxo, 14) Isaka, 15) Ayana, 16) Nahtaray, 17) Riisa, 18) Eunuri, 19) Tawsiña, 20) Armu, 21) Mahxawa, 22) Xohni, 23) Piirro, 24) Poriho 25) Kirihci, 26) Kasupi.



Croqui 1 (a partir de uma imagem mental) do acampamento de Roroymo e de seus caminhos por rio e por terra.



Croqui 2 (a partir de uma imagem mental) da aldeia Yowtho, suas roças, pátios e xurpana.



Croqui 3 (a partir de uma imagem mental) divisão da casa grande (*umana*) da aldeia Yuwtho ou Ahrumutu.



Croqui 4: Mapa mental da aldeia Ahrumîti, a partir das informações de meu pai, Poriciwi.

5 OUTRAS HISTÓRIAS DE LUGARES DO RIO KIKWO: NOSSOS SERES ENCANTADOS

Neste capítulo iremos tratar sobre as histórias que meu pai contou ao longo da viagem pelo rio Kikwo, são histórias sobre os xamãs e as festas que ocorriam antigamente, e de acordo com o conceito wai wai de história que vimos no capítulo anterior.

5.1 A HISTÓRIA DO MENINO QUE VIROU URUBU-REI

Mapoño, além de cacique, foi xamã da antiga aldeia Yowtho. Através de entidades espirituais, ele se conectava com vários espíritos. Para o seu trabalho, ele contava com o auxílio de vários amuletos (na etnografia de Niels Fock, 1963, o termo é traduzido como “pedra do xamã), que os Wai Wai chamam de *ñakwa*. Para o xamã wai wai, a maioria dos seres da natureza tem seus donos, os donos vivem espiritualmente, qualquer ser (vegetal, animal ou mesmo mineral) tem o seu dono, isso é o que nós entendemos como nossa tradição, nossa cultura, conhecimento, medicina tradicional, tudo está ligado a essa origem e pensamento. Esse conhecimento pode ser compartilhado, por isso as músicas do xamã falam muito de nomes de animais, aves, peixes, sementes, frutos e árvores. Em cada letra da música ele evoca e pede o poder das plantas e animais.

Segundo as informações de Poriciwi, os xamãs vieram de um lugar onde havia uma aldeia muito antiga chamada Ayapoxiri – ela teria sido fundada antes da aldeia Yowtho e Ahrumîti – tornou-se conhecida como Waywîtho, devido ao fato de ali haver uma grande concentração de cana de flecha (na língua wai wai, *waywi* = cana de flecha; *tho* = antigo ou abandonado). Mapoño contou para o seu neto Poriciwi, quando ele tinha 8 anos aproximadamente, uma história muito antiga que aconteceu neste lugar.

Na nossa expedição de 2020, quando chegamos no lugar Waywîtho, nós estávamos com fome e preocupados com comida, só paramos na beira do rio, olhamos onde estava a antiga aldeia no meio da mata, constatamos que a floresta já estava muito alta. Apesar disso, Poriciwi não teve dúvida, aquele tipo de árvore e vegetação indicava que, no passado, ali havia uma aldeia. Poriciwi disse que seu avô materno, Mapoño, ainda era uma criança quando ele e sua família wai wai moravam

na aldeia Waywîtho. A história que irei contar a seguir se passa naquele tempo e nesta aldeia, onde os homens vinham buscar suas canas de flecha (ver fotografia 32).

Os Wai Wai foram flechar o urubu-rei (*kurumu*, na língua Waiwai), pois antigamente eles usavam muito de suas plumas brancas (penugens) nos cabelos, todos os dias. Quando estavam no mato, viram uma anta morta. De volta para a aldeia, avisaram para os outros homens, que tinham visto animal morto na floresta. Era um sinal para que outros homens fossem caçar aquela ave para apanhar suas penas, pois a caça estaria nas redondezas. Assim eles partiram. Poriciwi disse que havia um menino naquele tempo que sempre acompanhava o pai dele, na caçada. Desta forma, o acompanhou na caça do urubu-rei. No caminho, o pai disse ao filho para andar devagar. Outra vez, recomendou que o filho ficasse escondido, ao que foi prontamente atendido. Os urubus estavam comendo carne podre, Poriciwi não tinha certeza: “não sei que tipo de carne estavam comendo, não sei se de onça, ou de outro animal”. Depois os homens se reuniram, novamente: “vamos flechar o urubu-rei, precisamos de penugem, assim foram”. Quando chegaram perto do local, o pai chamou novamente o filho e pediu que ele ficasse escondido atrás de uma árvore. O pai ficou um pouco mais de 30 metros de distância dos urubus, que já estavam se espalhando, voando. O pai já tinha matado um ou dois urubus, quando voltou para encontrar o filho onde o havia deixado. Chegando lá, chamou-o, mas ele não respondeu. Gritou, gritou, gritou, chamando seu filho. Ele não soube o que tinha acontecido enquanto caçava!

O rei dos urubus tinha chegado perto do menino numa “imagem” do pai dele, chegou perto e falou: “ei, ei vamos pra casa”, e o menino foi junto com ele. O rei dos urubus colocou a suas asas no menino. E o menino lhe perguntou: “pai, por que você está me colocando suas asas?” O rei dos urubus lhe respondeu: “você vai ser meu filho porque seus pais mataram meus filhos!” Foi por isso que o rei dos urubus pegou o menino para substituir o filho morto dele. Por isso, ele o convidou a voar, “vem comigo”. O urubu-rei o levou para o céu, assim o menino tornou seu filho.

Nesse dia, o pai do menino ficou muito preocupado. Depois de o procurar na mata, pensou que o filho tinha voltado para a sua casa. Quando chegou lá, perguntou para sua mulher: “nosso filho voltou?”

- Não chegou, ela falou, por que que você o deixou sozinho, desse jeito, por que ele teria voltado se ele foi junto com você? Você não levou ele?

Logo em seguida, outras pessoas da aldeia também ficaram preocupadas com o acontecimento, começaram a especular sobre o fato dos urubus terem um rei (ou um

dono). E começaram a pensar sobre a possibilidade, de fato, de que o dono do urubu-rei teria levado o menino, suspeitaram que ele tinha sido roubado. Um tempo depois, saíram todos juntos para procurar o seu paradeiro no mesmo lugar. Não encontraram rastro algum, pensaram sobre a possibilidade de que a onça tivesse comido o menino, mas, neste caso, ela teria deixado para trás os ossos. Aí, outras pessoas disseram que o urubu-rei o teria levado embora.

Naquele tempo o xamã (*yaskomo*) da comunidade morava um pouco distante, numa outra aldeia, chamada Xawirka, e este acontecimento passou-se, conforme já disse, na aldeia Waywîtho. Então saíram desta aldeia e foram naquela outra para consultar o xamã e descobrir a situação do menino. Este xamã entraria em contato com os espíritos dos animais, que o ajudariam a revelar as causas do sumiço do menino.

O pai do menino chamou o xamã e perguntou-lhe:

- Você vê o rei dos urubus?

- Sim, eu vejo, respondeu o xamã.

Em seguida o xamã começou a construção de uma *xurpana*, isto é, uma pequena cabana do xamã, construída a cada vez que ocorre uma consulta, e queimada logo após - cabe lembrar que, depois que a *xurpana* está pronta, as crianças não podem tocá-la. Logo que a construção da *xurpana* ficou pronta, o pai relatou ao xamã que o seu filho tinha desaparecido durante a caça. O xamã respondeu ao pai que iria entrar em contato com o rei dos urubus. Disse-lhe o pai:

- Veja se o meu filho está lá no meio deles!

- Talvez eles o levaram, o rei deles gosta de levar meninos como filhos dele, respondeu o xamã.

O xamã fez o seu trabalho dentro da *xurpana*, e foi lá conversar com o rei dos urubus. Ele foi na terra dos urubus para um diálogo com o rei dos urubus e, quando chegou lá, viu a criança no meio deles, perguntou: “você o trouxe?” O rei dos urubus respondeu-lhe: “sim, *yaskomo*”. Então, o xamã falou-lhe que o pai do menino e toda sua família estavam preocupados: “Por que você o trouxe? O Pai e a mãe dele estão chorando muito”. O urubu disse então: “eu trouxe ele como meu filho, eu vi que ele estava sozinho, pensei que eles não estavam mais gostando dele”. O xamã retrucou, dizendo que o pai dele ainda se preocupava. Então o urubu-rei respondeu que iria levar o menino de volta, se lhe fosse garantido haver em troca carne podre.

- A gente vai descer, se o pai do menino preparar comida, ele poderá ver seu filho, se não, a gente não vai descer, disse o urubu.

O xamã retornou da sua viagem e informou ao pai que tinha visto o filho dele lá na casa do rei dos urubus, solicitou que o pai preparasse comida para os urubus voltarem. Depois o pai ficou pensando que tinha que procurar ou matar caça grande para atrair os urubus. E se perguntou:

- Como é que eu vou achar carne estragada (*korîn*, na língua wai wai)? O que vou matar? Não tinha como matar anta nesse tempo, e somente homens experientes conseguem matar anta.

Ele pensou então em enganar os urubus: “vou me passar alguma coisa podre!” Primeiro, ele foi buscar casca de castanheira, em seguida, junto com sua mulher, foram quebrar castanha, quebraram bastante, e cozinham a massa e a guardaram por vários dias até ficar podre. Depois se enrolou com casca da castanheira e mandou a sua mulher lhe passar a massa de castanha. Por cima da casca, a mulher passou a massa como se fosse lama, no corpo todo dele, na cabeça, na cara, até nas pernas. Por fim, pediu para sua mulher levá-lo até a beira do igapó, mandou a mulher voltar para a casa, e lá ficou.

Demorou um pouco, ele não estava com medo de morrer, até falou: “deixa a onça me matar”! Por causa do cheiro podre e forte, rapidamente vieram as primeiras moscas. Ali permaneceu deitado, um pouco mais tarde chegou um urubu, depois veio outro, e mais outro, mais outro. Primeiro chegaram os urubus de cabeça preta, que os Wai Wai chamam de *kwatinama*. Só depois chegaram os urubus que os Wai Wai chamam de *kurumu* (urubu-rei). Demorou muito ainda para o rei dos urubus-rei chegar, mas finalmente ele veio e trouxe o menino junto com ele. Quando os urubus desceram, tiraram suas camisas (que eram suas “roupagens” de penas) e guardaram-nas nos galhos de uma árvore. Logo que os urubus tiraram suas roupas, o pai viu seu filho. Ele estava esperando que os urubus chegassem mais perto. Os urubus-rei têm canivetes, e o rei deles estava usando um para cortar a casca de castanheira que envolvia o pai. Como ele ainda estava coberto por mais uma volta de casca, levantou, gritou e foi logo pegar seu filho, que já estava acostumado a vestir roupa de urubu-rei. Depois o rei dos urubus-rei correu, mas não conseguiu pegar sua roupa e nem o canivete. O homem retornou para sua casa, levando consigo o seu filho.

Depois de uma semana (*cewne sunti exiche*) veio um visitante na aldeia, era ele, o rei dos urubus-rei. Como ele era um xamã, sabia de tudo. Chegou na casa do pai, e disse:

- Meu irmão (*oyakno*), eu ouvi dizer que o seu filho tinha desaparecido!

- Sim, ele desapareceu, o rei dos urubus-rei levou-o como seu filho, mas eu enganei ele com castanha podre, disse o pai.

- Entendi. Falaram que você tinha ficado com a roupa e o canivete dele, indagou o urubu-rei.

- Sim, eu trouxe a roupa e o canivete dele, respondeu o pai.

O pai disse que não sabia que eles, os urubus-rei, eram gente. O rei dos urubus respondeu-lhe: “eles são gente, só que estão vestidos de roupa dos urubus”. Em seguida, perguntou novamente:

- Posso ver como é a roupa dele? Posso pegá-la?

- Tá bem, espera aqui, disse o pai, e foi buscá-la.

Quando ele trouxe a roupa, o urubu-rei exclamou: “Nossa que bonito!” Então, o urubu-rei perguntou-lhe, “cadê o canivete”? O pai lhe deu o canivete, e o urubu-rei falou: “eu posso experimentar”? E o pai respondeu: “Pode!” O urubu-rei ainda estava vestindo a roupa, quando o pai do menino lhe perguntou se queria comer. Ele respondeu que sim, então o pai saiu para preparar a comida. Quando voltou da cozinha, o urubu-rei já tinha se vestido rapidamente e começou a voar. O rei dos urubus era o visitante na aldeia que veio ver a roupa dos urubus-rei.

Dessa forma, nossa história vem sendo contada e recontada pelos nossos anciões, nas cabeceiras do nosso rio Mapuera, ali onde existem as marcas de ocupações antigas. Eu fui atrás da minha tradição e fui ver os lugares onde os Wai Wai moravam, onde aconteceu essa *pahxantho yehtopo*, nossa história, lá na aldeia Waywîtho, aldeia antiga do flechal, no rio Kikwo.

5.2 *WOROKYAM TOOPU*: O ESPÍRITO DA PEDRA

Uma outra história antiga do nosso povo wai wai (*pahxantho*), ocorrida em um lugar importante onde nossos antepassados viveram, é aquela sobre o *worokyam Toopu*. Esta história se passa num lugar que se encontra, subindo o rio Kikwo, antes do local onde o menino virou urubu-rei. *Worokyam* é o nome que os Wai Wai dão para diversos tipos de espírito de diferentes seres: das pedras, das matas, dos animais. O xamã

Mapofo, ajudava a curar as pessoas doentes com o auxílio desses espíritos. Mesmo depois de muito tempo, lugares dos seres espirituais, como o *worokyam toopu*, permanecem e continuam sendo respeitados por nós, indígenas wai wai.

A seguir, irei descrever essas pedras que visitamos durante pesquisa de campo, que afloram no tempo da seca no meio do rio e que têm espírito *worokyam toopu*. Não são pedras quaisquer. São pedras que falam e pensam, e, sobretudo, que auxiliam o xamã. Por isso mesmo é muito importante ter o devido conhecimento do tipo de interação que os Wai Wai estabelecem com os seres espirituais que habitam nosso território desde há muito tempo atrás, muito tempo antes do homem branco chegar no nosso meio.

Essa história é de uma pedra que se encontra quase na boca do igarapé Karapaw, afluente da margem direita do rio Kikwo. Esta é uma pedra à qual nós chamamos *ñokwa* – uma pedra entidade que auxilia o xamã. Ser *ñokwa* é carregar a possibilidade de ajudar o pajé na comunicação com os espíritos. Na verdade, os *ñokwa* são de vários tipos, podem ser pedra, madeira, semente, cerâmica, cigarro, música, a pequena cabana chamada *xurpana*, tudo isso tem segredo e é um meio de comunicação com os espíritos dos animais, das plantas, dos rios, da floresta. De uma forma genérica, os Wai Wai chamam esses espíritos de *worokyam*. Todo tipo de matéria que tem poder é passível de ter *ñokwa*. Por exemplo, o meu pai, Poriciwi, contou que o espírito de uma pedra que ficava no meio do rio (*worokyam toopu*) ajudava o xamã Mapofo no seu trabalho de pajelança.

Segundo Poriciwi, quando Mapofo falava sobre a história da pedra *worokyam toopu*, traduzia-a como pedra do espírito da floresta. Poriciwi lembrou-nos, durante nossa viagem de 2020, ao nos aproximar da *worokyam toopu*, que, quando se sobe em cima dessa pedra no rio Kikwo, estamos sujeitos a algo perigoso. No passado, somente Mapofo podia se aproximar desta pedra, falar com ela, e entrar em contato com o espírito dela. Mapofo tinha pego o filho dessa pedra, e a usava como seu amuleto *ñokwa* (pedra de pajé). Ela (a pedra) ou ele (o filho da pedra) eram os seus espíritos auxiliares, e ele os usava como meio de comunicação para entrar em contato com outros espíritos. Nas sessões de cura, ele botava a pedra na boca, depois a tirava e a colocava em cima da parte do corpo do paciente, onde estivesse sentindo dor. Na explicação de Mapofo, dada pelo meu pai, esse *ñokwa* tomava e comia a doença das pessoas. Mapofo sempre deixava a pedra no cesto (*pakara*) dele, somente a usava na hora do tratamento de alguma doença. Antes de iniciar o tratamento, o xamã fazia

uma oração e cantava. Durante a sessão de cura (ou da prática ritual) propriamente dita, Mapofo guardava uma folha de *kuruni* na mão, com a qual ele fazia um barulho imitando a asa em voo do urubu-rei. Ele chamava o urubu-rei assoviando e, nesse momento, ele subia para o céu para conversar com o rei dos urubus-rei. Nesta conversa, os espíritos da pedra relatavam quem eles estavam vendo naquele momento. Por sua vez, o xamã só podia ter acesso e enxergar esses espíritos quando usava o *ñokwa*.

Mapofo achou e apanhou o seu *ñokwa* embaixo da *worokyam toopu* (pedra do espírito), e usava-o para tratamento e cura das pessoas doentes, que estivessem com febre, ou casos menos graves. Nas aldeias Wawkumîti e Yowtho, Poriciwi viu por muitas vezes o ritual de cura conduzido pelo xamã Mapofo. Conforme já disse, muitas destas curas aconteciam dentro da cabana chamada *xurpana*, e o que acontecia ali dentro não podia ser visto por quem estava de fora, pois a cabana era bem fechada e escura. Mas às vezes não dava tempo de construir a cabana, e o paciente era carregado numa rede para perto do xamã, geralmente na boca da noite. Nestas circunstâncias, que podia levar muito tempo na cura, as pessoas podiam ver e ouvir a conversa e a música do xamã.

Já para os casos de doentes bem graves, Poriciwi contou que o seu avô (Mapofo) devia-se comunicar não com os espíritos da pedra (*ñokwa*), mas com outros espíritos maiores, como os pais das queixadas, das anacondas, das ariranhas e dos urubus-rei. Como esses “pais” são os espíritos de coletivos de animais, eles têm mais poderes para fazer prognósticos sobre as doenças e receitar a cura. Eles mesmos não curavam diretamente, mas indicavam onde tirar casca de árvores, folhas, raízes de diversas plantas que podiam ser usadas como remédio.

Há muito tempo os Wai Wai não fazem mais este tipo de ritual de cura! Mas durante nossa expedição de 2020, na aldeia-acampamento de Rororymo, nós pedimos que Poriciwi construísse uma cabana de cura, *xurpana*, nos demonstrasse como ela era feita, e como o pajé atuava lá dentro no momento do ritual. Primeiro, ele mandou que fossemos buscar pequenas varas, mais ou menos de três metros de comprimento. Cortamos cipós para amarrar, folhas de açaí e folhas de bacaba mais nova para cobrir a cabana. Enfim, o mesmo tipo de vegetal que era usado por Mapofo para fazer a sua *xurpana* e para tratar de uma pessoa doente lá na aldeia Yowtho ou Wawkumîti. Meu pai comentou, durante a construção da nossa *xurpana* experimental,

que no “seu tempo” as pessoas respeitavam o ritual da cura e nunca olhavam o que acontecia durante este momento no interior da cabana.

No meu trabalho de conclusão de curso de graduação (J. X. WAI WAI, 2017) pela Universidade Federal do Oeste do Pará, eu relatei as conversas que tive com meu pai sobre as cerâmicas que os arqueólogos passaram a descrever como konduri. A partir da explicação que meu pai ouviu de um outro Wai Wai, Yakuta, os apliques de animais neste tipo de cerâmica representam o urubu-rei. Yakuta disse que esses apliques indicavam os poderes de um grupo de espíritos com os quais os xamãs entravam em contato. De forma semelhante, ainda de acordo com o que Poriciwi ouvia de Mapofo, este xamã possuía umas caixinhas feitas de arumã, com pinturas de escorpião e de cachorro, as quais eram guardadas dentro de um cesto junto com os ñokwa. Essas pinturas significavam que Mapofo tinha também contato com os espíritos destes animais, com os quais ele entrava em comunicação através de sonhos e oração [ver diagrama 4].

Mapofo diria que esta “pedra” (o que foi lido como um tipo de cerâmica *kondori*, pelos meus amigos e colegas arqueólogos da UFOPA) tem um rosto, uma testa, dois olhos e um nariz [veja fotografias 1 a 4]. Um tipo de espírito da pedra (*ñokwa*) que ele via igual ao da cerâmica, que depois seria reconhecida pelo meu pai e outros parentes wai wai como *worokyam toopu*. Era semelhante ao tipo de pedra que Mapofo guardava no seu cesto (*pakara*). Quando mostrei essa peça-cerâmica ao meu pai, perguntei-lhe se era igual às aquelas pedras que havia no fundo do rio, se aquelas partes brancas que surgiam na sua superfície eram pintura, ou eram marcas produzidos pelo tempo e pela correnteza da água, ele disse que era pintura, e que ela não desaparece ao longo do tempo, mesmo debaixo da água.

Meu pai ainda contou que, quando eles foram para Guiana Inglesa (na metade dos anos de 1950), viu o lugar onde Mapofo jogou as pedras (*ñokwa*) no meio do rio, devolveu-as aos seus donos, de volta ao mesmo lugar onde ele as pegou. Ele disse que Mapofo quis deixar as pedras de *ñokwa* que pegou embaixo de uma pedra grande, porque as *ñokwa* eram filhas desta pedra grande. Poriciwi não viu se Mapofo jogou fora todos os outros amuletos que guardava dentro do seu cesto (*pakara*), ou se levou alguns deles para a Guiana. Mas ele lhe havia mostrado as pedrinhas filhas de *worokyam* que iria devolver ao rio. Havia várias delas, eram brilhantes, cada uma tinha um nome, uma importância, eram de diferentes espíritos e serviam para diferentes tipos de cura. Cada uma tinha um valor diferente, assim como os brancos

dão diferentes preços aos seus tipos de pedras preciosas. Só que a do xamã wai wai servia para curar as pessoas, não para comprar pessoas ou coisas.

Quando Mapofo morava nas antigas aldeias de Yowtho e Ahrumiti, um dia ele sonhou com o espírito da pedra *ñokwa*. Aí, o espírito disse a ele que, se quisesse a companhia de suas filhas, que fosse pegá-las lá no fundo do rio. Foi assim que ele foi lá naquele local (*worokyam toopu*) e as recolheu. Mapofo sempre levava essas pedrinhas dentro de seu *pakara*. Quando Mapofo estava auxiliando Ewka a se tornar pajé, ele lhe contou onde havia apanhado aquelas pedrinhas, e lhe deu algumas delas. O próprio Ewka não tinha ido pegar estas pedrinhas no fundo do rio, ele as emprestou de Mapofo, e as levou consigo para a Guiana.

Naquele tempo os missionários haviam chegado na Guiana e queriam realmente converter Ewka – na ocasião um jovem xamã. Aí os missionários, lá na Guiana, forçaram para que ele jogasse fora e abandonasse os seus amuletos, incluindo os *ñokwa* que ele tinha ganhado de Mapofo. Mapofo também jogou fora os *ñokwa* que restavam consigo. Quando eles jogaram fora seus *ñokwa*, então, eles deixaram de sonhar e perderam o dom ou o contato com os espíritos que mantinham através desses objetos.

Yaskomo komo yîhyasîrî

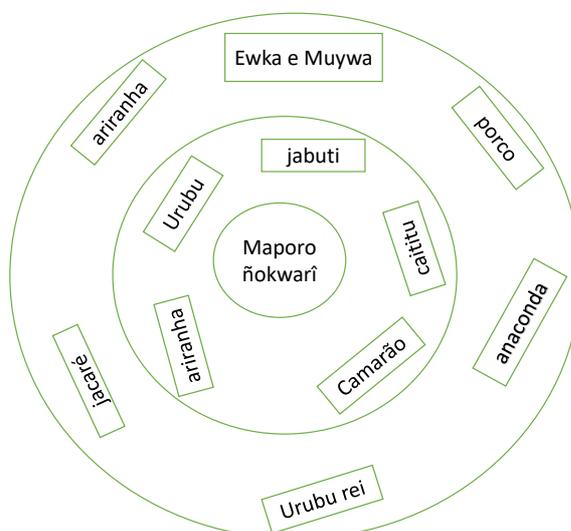


Diagrama 4: Os Xamãs Muywa (à esquerda) e Ewka (à direita) aprenderam com o Xamã Mapoño (que está no centro, e sem fotografia) os conhecimentos dos espíritos dos animais marcados em preto. Além deles, Ewka e Muywa tinham especial comunicação com os espíritos marcados em azul.

Abaixo, cerâmicas que os arqueólogos classificam como *kondori*, mas para os Wai Wai são marcas ou amuletos que permitem a comunicação com os espíritos (fotografias de 1 a 4): 1) urubu-rei, foto de C. Jácome (2017); 2) Onça, foto de C. Jácome (2017); 3) vários animais numa mesma peça, foto de C. Jácome (2017); 4) urubu-rei, foto de J. X. Wai Wai (2014).



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4

6 ALGUNS ENCONTROS E FESTAS (NAS ALDEIAS ANTIGAS)

Neste capítulo, procuro entender e descrever alguns acontecimentos relativos às festividades que meu povo realizava na aldeia de Yowtho. Poriciwi me relatou que nas aldeias Yowtho e Wawkumîti não acontecia, num tempo mais antigo, um tipo de festa que nós chamamos de *yamo*. Esta festa só começou a ser realizada nesta aldeia depois que ali chegaram as pessoas do povo Katwena, que então ensinaram-na aos Wai Wai. Poriciwi contou que os Katwena vieram de longe (lá das cabeceiras do rio Katxouru e do rio Turuni) e chegaram na aldeia de Yowtho, onde morava. Portanto, Yamo é uma festa-ritual dos Katwena, que foi ensinada aos Wai Wai.

Quando os Katwena, que vinham do rio Turuni e Katxouru, chegaram no meio dos Wai Wai no rio Kikwo, estes moravam em três aldeias: Yowtho era a principal; Wawkumîti, era uma espécie de grande acampamento do principal xamã, Mapofo; e Ahrumîti era uma aldeia secundária. Quando os Katwena chegaram pela primeira vez na aldeia Yowtho, Poriciwi ainda não tinha nascido, então isso foi antes de 1940 [conforme já falamos no terceiro capítulo, e aqui retomamos com uma versão ligeiramente diferente - ver Diagrama 3]. Foram a mãe e o pai de Poriciwi que lhe contaram sobre a chegada dos Katwena. Os primeiros que chegaram foram: Wixo, Kîrihci, Pifo, Wapuhni, Yokni, Axama, Yaswara. Todos estes homens, quando chegaram nas nossas aldeias, eram jovens e ainda solteiros. Na primeira visita, demoraram muito tempo (dois anos, ou mais), depois disso alguns deles retornaram para suas aldeias nos rios Turuni e Katxouru. Eles vieram trocar suas coisas; trouxeram breu para trocar com os Wai Wai, e levaram de volta arco e flecha. Já alguns deles, como Wixo, Kirihci e Pifo não retornaram mais para as aldeias de seu povo. Pifo se juntou com uma mulher wai wai, chamada Poriho, e, depois que esta faleceu, se juntou a uma segunda mulher, Mihña Wai Wai, que já era esposa de Acamu; Kirihci se casou com Kasupi Wai Wai; Wixo ainda continuou solteiro. Depois de algum tempo, Wixo foi “andar” novamente, morando nas aldeias dos Xerew, no rio Mapuera. Na aldeia Yewnamuri, no rio Mapuera, se juntou com a mulher Mamenu, depois, junto com ela, retornou para a aldeia Yowtho no rio Kikwo.

Meu pai, Poriciwi, me conta aquele evento, que ocorrera antes do seu nascimento.

- Havia uma festa na aldeia Ahrumîti, meu pai estavam indo para lá, a partir da aldeia Yowtho, por um caminho no meio da floresta. Minha mãe estava grávida de

mim, e teve o parto no meio do caminho. Meu pai, Acamu, e minha mãe, Mihña, não queriam me criar, então, outra mulher me pegou e fui criado por ouro casal. Eram Piño Katwena e sua mulher Poriho Wai Wai. Logo que nasci, tive os cuidados de Poriho, que me carregou até Ahrumîti. Eu estava chorando muito, então ela me levava no lugar da minha mãe, e me dava leite. Sempre foi assim, depois minha mãe me pegou de volta. Por causa disso, eu também chamava Piño de pai, e Poriho de mãe. Mas eu não cheguei a ver meu pai Piño direito, ele morreu quando eu ainda era criança. Apenas me contaram que ele cuidava de mim quando eu era criança.

Poriciwi continua me contando sobre nossas famílias, os casamentos e as intrincadas relações.

- Quando Poriho faleceu, Piño se casou com Mihña, que era casada e deixou Acamu. Mihña e Acamu já tinham tido três filhos: Kamña, a primeira filha; o segundo filho foi Poriciwi; o terceiro foi Mapotku. Piño faleceu logo, e não teve filho com Mihña. Depois disso, Acamu voltou a viver com Mihña. Quando Wixo foi ver o seu tio na aldeia Yewnamuri, ele avisou a gente: “vou ver meu tio chamado Yirawa, lá no rio Mapuera”. Para lá ele foi e ficou muito tempo, depois voltou para a aldeia Yowtho. De lá ele veio casado com Mamenu. Wixo sempre disse que ele era da etnia Xerew. Quando chegou de volta na aldeia Yowtho, ele se juntou com Mihña, que largou novamente Acamu. Por sua vez, Acamu se juntou com Mamenu Xerew. Quando Mihña veio a falecer, ela estava junto com Wixo, e Acamu estava junto com Mamenu. Neste tempo já tinham mudado para a Guiana, quando Acamu e Mamenu tiveram três filhos: Tamxo, Mahri, Aîmu. Quando Acamu se juntou com Mamenu, Poriciwi chamava ela como mãe. O irmão dele (Mapotku) se envolveu com sua madrasta (Mamenu), pois não a considerava como mãe. Na verdade, então, Tamxo é filha deste irmão do Poriciwi com Mamenu. Poriciwi fala que respeitava sua madrasta, quando ela estava casada com o pai, ela, Mamenu, cuidava dele. Quando Mamenu e Acamu vieram a falecer, já no rio Mapuera, depois que voltaram da Guiana, nos anos de 1970, os seus três filhos já estavam grandes, alguns casados, apenas Tamxo ainda estava solteira. Já quando Mihña veio falecer, ela ainda estava na aldeia antiga de Yowtho (antes da ida para a Guiana). Wixo, neste tempo, se casou com Kamña, filha de Mihña. Kamña já era casada com Xohni, mas Wixo a tirou dele. Quando Kamña ainda estava junto com Xohni, eles tinham tido um filho, Mahxawa. Depois disso Xohni ficou solteiro, só em Kanaxem (Guiana) arrumou outra mulher, chamada Wosîmci.

Trago aqui este breve relato de meu pai, Poriciwi, para mostrar como ocorriam as trocas e casamentos na antiga aldeia de Yowtho. Não é uma coisa simples aos olhos das novas gerações, dizer assim, este é meu pai e minha mãe, naquele tempo quase todo mundo tinha mais de um pai e de uma mãe – a gente não falava assim, pai ou mãe adotivo, eram todos pais e mães ao mesmo tempo. Mas o casamento sempre era com gente de “fora”, gente que não fosse do meu *epeka* – meus parentes consanguíneos, como dizem os antropólogos.

Já vivendo no meio dos Wai Wai, os Katwena decidiram fazer a festa de *yamo*. Nesse tempo Kirihci se tornou líder da festa. Para realizar a festa, juntou-se a ele Wixo, que também era Katwena. A roupa para a festa de *yamo* era feita de casca de *wawku* (um tipo de árvore, ver fotografia 6 e 55). Poriciwi, nesta ocasião, tinha uns 10 anos de idade, ele conta:

- Nas aldeias de Yowtho e Ahrumîti não havia pé de cuia para fazer maracá. Por isso, para fazer os preparativos e os instrumentos de música para a festa *yamo*, eles tiveram que buscar cuia para maracá longe dali. Wixo logo se prontificou a ser o responsável para ir atrás da cuia. Junto com ele, foram alguns parentes de outras etnias que já viviam no meio dos Wai Wai: Kîrîhci Katwena, Ewká Hixkaryana, Parihkoro Hixkaryana.

Poriciwi, então, conta que eles saíram da aldeia Yowtho e foram buscar *carwaka* (cua) lá longe, no rio Mapuera, na aldeia antiga de Krekekî. Esta aldeia tinha sido habitada no passado distante pelos Wai Wai (ver sobre isso, na dissertação de Roque Yaxikma Wai Wai, 2022). Mapofo aconselhou a Wixo e aos seus parentes a irem com muito cuidado nessa aldeia antiga (Krekekî), mais antiga do que a aldeia Kentawno, pois naquela aldeia havia uma criança que tinha se transformado em povo anaconda. Por causa disso mesmo, aliás, o povo wai wai se dispersou e abriu duas novas aldeias em dois outros lugares (conforme já dissemos): uma no rio Anownono, liderada por Panakru; outra na boca do rio Kikwo (Kentawno), liderada por Mapofo.

Mapofo lembrou a Wihxo e aos seus companheiros que eles iriam encontrar um pé de cuia num lago, do outro lado do rio, na antiga aldeia onde a criança tinha plantado pé de cuia e de bambu. Poriciwi, continua a contar a história:

- Esta criança, depois que fez a plantação, foi embora para o mundo dos Okoymoyana (povo anaconda), que vive debaixo do rio. Por isso mesmo Mapofo teria dado aqueles conselhos para Wixo e sua equipe que ia buscar cuia: que era para eles descerem até a beira do lago com muito cuidado quando fossem procurar o pé de

cuia. Neste lago teria muitas sucuris e piranhas. Por isso, Wixo cortou uma vara e subiu nela para entrar no lago. Wixo tinha muita coragem, subiu na vara (como se fosse uma perna de pau), levou consigo um terçado (facão) e um cesto, e apanhou seis cuias. Cortou também um pedaço de rama do pé de cuia e levou-o para plantar na aldeia Yowtho.

Poriciwi, antes, já tinha ouvido falar desta história, a partir do seu avô, de que a criança tinha se transformado em povo anaconda, mas não acreditava. Contudo, depois que Wixo e seus companheiros chegaram na aldeia Yowtho com as cuias e as ramas nas mãos para fazer maracá e para plantar, ele realmente acreditou no que ouvira. Tudo que Mapofo contava era verdadeiro, pensou.

Depois que aprontaram os maracás, as vestimentas e outros paramentos, fizeram a festa do Yamo em Yowtho. Para participar dela, convidaram os parentes vizinhos: os povos dos Xerew e dos Hixkaryana. Assim teve origem a festa do Yamo entre os Wai Wai e na aldeia Yowtho.

Já a festa-ritual *meŕpa* existia desde sempre nas aldeias Yowtho e Ahrumîfî. Para isso acontecer era necessário escavar um buraco no terreiro da aldeia, que, em seguida, era coberto com lascas de uma espécie de árvore (*wayapu porirî*). Dançando e batendo os pés sobre estas lascas, produzia-se uma ressonância e um som muito especial, como se fosse a batida de um tambor.

Este tipo de festa acontecia em qualquer ocasião, sem razão especial, sem roupa ou paramento específico, era evento para produzir apenas alegria e animação, ocasião para dançar e beber bebida fermentada, da qual participavam todos, homens e mulheres, crianças e adultos. Associado a esta festa, havia vários tipos de brincadeira, como aquelas de imitar animais, aquelas nas quais as mulheres deviam tomar alguma coisa da mão dos homens, por exemplo, um pedaço de carne. Não era uma festa grande, era apenas para a comemoração das próprias famílias da aldeia. Acontecia no meio do terreiro da aldeia, quando as danças eram puxadas pelos homens. As bebidas eram feitas de buriti, castanha e de mandioca (brava ou doce), que se chama *pucukwa*.

Por fim, ainda de forma bem resumida, vamos falar de uma outra festa do tempo de Yowtho. Meu pai contou que ouviu uma história de um homem, casado, que viveu na aldeia, mas não lembrou o nome dele. Este passou a gostar de uma outra moça, e planejou largar sua mulher. Então, decidiu levar sua esposa para o meio da floresta. Lá, eles encontraram queixadas, por isso, mandou a mulher subir no toco de uma

árvore grande. Quando ele voltou para aldeia, sozinho, avisou para o pai da esposa que ela tinha desaparecido no meio da floresta.

Depois de dois dias, esta mulher foi levada para outra aldeia. Aconteceu assim: um outro homem desta aldeia foi caçar na floresta, tomou o mesmo rastro do marido da mulher. No meio do caminho, ele se sentou e esperou, estava procurando queixada para comer. Então, ele ouviu uma mulher chorando, de dentro do toco de uma árvore. Rápido, ele foi procurar um buraco na árvore, que estava fechado, tampado com folhas do mato e amarrado com cipó. Destampou o buraco, encontrou a mulher lá dentro, trouxe-a para sua casa, deu-lhe o que de alimentar. Os pais dela se mudaram daquela outra aldeia.

Foi então planejada uma festa para convidar todos os moradores das aldeias próximas, numa festa chamada Xorwiko. Neste tempo e nesta festa, somente os homens vinham participar da dança, quando se reuniam dentro da maloca. Esta festa específica tinha sido preparada "para o homem" que quase tinha matado sua mulher. Havia muita bebida, *pucukwa*, as pessoas bebiam muito mesmo, aquele que tinha tentado matar a esposa cantava sem fôlego. Depois, até ele, veio a sua esposa, como se fosse outra mulher, trouxe-lhe bebida. A esposa e o marido estavam mascarados, não se viam, ele não a reconhecia. Assim, ele falou para a mulher que queria conversar, convidou-a a ir no mato depois da festa. Neste exato minuto, ela lhe respondeu no meio da festa:

- Eu sou a mulher que você quase matou no meio da floresta, agora que você está me achando bonita assim!

Depois disso, os homens guerreiros da aldeia se levantaram e mataram o visitante, no meio das pessoas, para todo mundo ver.

Assim os Wai Wai de antigamente sempre organizavam grandes festividades, que envolviam, ora somente membros da própria aldeia, ora gente que era convidada de outras aldeias, ora relações amistosas e de casamentos, ora relações de inimizade e troca de feitiçaria.

7 A SAÍDA DOS WAI WAI DA ALDEIA ANTIGA DE YOWTHO PARA KANAXEN.

7.1 RELATOS DOS ANTIGOS MORADORES DE YOWTHO, NO RIO KIKWO.

De acordo com Poriciwi, os Pinipici (Wai Wai) moravam na aldeia Yowtho, no rio Kikwo, quando os seus parentes, na época vivendo na aldeia Kahxiymo, no rio Mapuera, vieram trazer as primeiras notícias dos missionários americanos, no início dos anos de 1950 [ver mapa 4, caminho azul]. Por intermédio dos missionários, estes parentes de Kahxiymo tiveram acesso às ferramentas de metal e as trouxeram para a aldeia Yowtho. Antes disso, nesta aldeia, ninguém tinha acesso a esse tipo de ferramenta. Nesta época havia um caminho por terra, no meio da floresta, ligando a aldeia Kahxiymo à aldeia Yowtho, que já era usado quando havia visitas para participar de festas e realizar trocas de objetos entre os membros destas duas aldeias. Meu pai, Poriciwi, me informou os nomes dos parentes de Kahxiymo que vieram naquela ocasião até a aldeia de Yowtho com aquela palavra dos missionários, eram eles: Mewxa, Wayca, Kurumu, Yukuma, Wayama, Curuma. Eles foram os primeiros Wai Wai que, antes, haviam estabelecido contato com o povo dos Caruma e dos Wapixana, que viviam mais ao norte, do outro lado da fronteira da Guiana. Foi por meio destes últimos povos que os Wai Wai ouviram falar dos missionários americanos, ouviram os apelos para se mudarem para o sul da Guiana, nas cabeceiras do rio Essequibo. Aqui os missionários instalaram uma base da missão, que se chamava Kanaxen, nas proximidades da qual os Wai Wai criaram a aldeia Eřpoymo.

Devia ser bem no início dos anos de 1950, quando Mapofo, representante dos wai wai do rio Kikwo, decidiu levar o seu povo para ver a base da missão na Guiana. Provavelmente isso deve ter sido no mês de outubro, pois nessa época o rio Kikwo fica muito seco, isto é, na língua waiwai, *ekatpan kacho yimaw*. Todos, homens e mulheres, crianças e adultos, deixaram a aldeia Yowtho. Largaram para trás suas roças, casas, panelas, tudo, com o tempo, ali se destruiu. Eles fizeram a viagem pelo rio, de canoa – nesta ocasião já tinham canoa de tronco de madeira, cavado e queimado, uma técnica que os Wai Wai tinham aprendido com um índio mawayana (que já morava no meio dos Wai Wai), Yaymoci, que por sua vez, tinha aprendido com os Wapixana.

Os missionários nos disseram que *Kan* (Deus) não queria que a gente vivesse mais em aldeias distantes, sem terçados, sem machados. Se a gente fosse morar perto deles, iam nos ajudar e nos dar essas ferramentas de metal. Os parentes dos Wai Wai que moravam na aldeia Kahxiymo trouxeram para os moradores da aldeia de Yowtho diversos objetos (que tinham conseguido por meio de um missionário chamado pelos Wai Wai de Kmam, que era Robert Hawkins), como terçado, tesoura, espelho, machado, lima, enxada, fósforo, anzol para pescar trairão. Eles falaram também que, se a gente morasse longe, ninguém poderia nos ajudar. Também disseram que Kmam queria que todos indígenas se reunissem num mesmo lugar perto da missão, e disseram que os moradores de Yowtho deviam sair rápido desta aldeia. Na verdade, na cabeça de Mapofo, a ideia era ir na missão (no sul da Guiana) apenas para conhecer esse lugar e essas palavras, adquirir ferramentas e, depois, voltar para o local de moradia no rio Kikwo. Mas os missionários contavam uma história de que o mundo ia acabar, e a gente não sabia como isso podia acontecer. Depois disso ficamos com medo de voltar para nossa aldeia no rio Kikwo. Poriciwi continuou contando:

- Lá em Kanaxen, os missionários cantavam de manhã cedo, nos convidando para o culto. Diziam que tínhamos que ir para igreja, onde poderíamos orar e ler a Bíblia. Os parentes Yukuma e Mewxa eram aqueles que mais falavam isso para nós, que Kmam (o missionário americano) havia dito que um dia todas as pessoas, lugares, florestas, animais iriam acabar. E nos falavam que este mundo atual não ia durar muito, que o seu fim iria ser logo. Assim, quando a gente se reunia, eles nos falavam que já tinham aceitado Jesus, como salvador, que tinham ido na nossa aldeia nos convidar para buscar também essa salvação. Ouvimos o que disseram, porque eles eram nossos parentes. Eles contaram alguns capítulos da Bíblia, como a história de Noé. Primeiro, a gente gostava muito de ouvir essas histórias! Também disseram que Noé era servo de Deus, era como se fosse um esteio (*ecepu*), um representante forte dos parentes dele. Por isso, Noé orientava seus parentes, mesmo os que não acreditavam nele, avisando que um dia ia chover até alagar tudo.

Poriciwi ainda acrescenta o que os dois Wai Wai “convertidos”, Yukuma e Mewxa, diziam para os moradores de Yowtho:

- Hoje não está chovendo, depois vai chover, hoje nós ainda estamos bebendo bebida fermentada. Ainda não está caindo a chuva dos céus, como disse Noé. Eles contavam isso porque ouviam essas histórias de Noé dos missionários. Diziam que

Noé reunia seu povo no pátio, convidava-os a fazer um navio, como Deus tinha lhe falado. Também contaram que Noé dizia a verdade para sua aldeia, mas o seu povo não acreditava nele. Noé respondia-lhes que todo o povo ia se alagar. Mas o povo não acreditava em Noé: “você está falando mentira, talvez você sonhou e no sonho você ouviu isso”! A gente da aldeia de Yowtho também não acreditava nessas histórias de Noé. Sabíamos que havia outros mundos, só por isso fomos reconhecer o mundo falado pelos missionários, depois de ouvir essas notícias espalhadas por outros Wai Wai e por todas as aldeias do lado do Brasil. Poriciwi lembrava muito bem do dia em que eles deixaram Yowtho rumo à Guiana.

- Quando decidimos ir para a Guiana, fomos fazer nossas canoas de casca de árvore. Derrubamos várias árvores de jatobá (*piripiri yepu*), uma espécie muito boa para fazer esse tipo de canoa. Cada família fez sua canoa! Nesse tempo todo mundo foi na viagem, ninguém quis ficar para trás. Ao todo saíram 7 canoas de Yowtho (veja mapa 4, caminho cor de rosa). Pensamos nas roças e casas que tínhamos ali, o que fazer? As panelas de barro, as guardamos dentro da maloca. A gente não queria deixar tudo isso para trás. Preparamos nossa alimentação, como beiju, tapioca, e fomos remando e descendo o rio Kikwo direto, até sua boca. Nós não descemos nas outras aldeias no meio do caminho, como Wawku, passamos direto. Também não descemos no acampamento de Roroymo, onde, antes, a gente sempre parava e descansava antes de seguir viagem. Chegamos até a aldeia Kukwamîtî, que já fica no rio Kumuwo (Mapuera), onde moravam os Xerew, aldeia que era liderada por Wahku. Descemos lá, decidimos ficar alguns dias nesta aldeia para preparar nosso alimento, lá ficamos duas ou três semanas, depois subimos novamente o rio Mapuera até chegarmos na aldeia Kahxiymo. Aqui morava um grupo de Pinipici-Wai Wai, liderado por Panakru Wai Wai. Este grupo ainda não tinha ido para Guiana, mas também estava pensando em ir, logo depois que acabassem os últimos cultivares plantados nas suas roças. Essa gente que estava em Kahxiymo também contava a mesma coisa sobre a ida para Guiana, que havia chegado alguns Wai Wai até eles trazendo ferramentas de metal e contando que o mundo iria acabar. Os mesmos que também chegaram na nossa aldeia de Yowtho. O pessoal que restava em Kahxiymo dizia que, em breve, também iria para a Guiana. Mapofo, nosso líder, falou-lhes que a gente já estava indo para Efpoymo na Guiana, que nós estávamos só de passagem. Desta maneira, várias pessoas subiram junto com Mapofo: Kirihci, Mata, Acamu, Xohni, Muruku, todos casados, todas as famílias subiram com a gente para Erpoymo.

Poriciwi continua a contar a saga da viagem de meus parentes, subindo o rio Mapuera, chamado de Kumuwo:

- Da aldeia de Kahxiymo, subimos para uma região com muitas cachoeiras no caminho. Para atravessá-las, puxamos muitas vezes nossas canoas por cima das pedras. Em uma dessas ocasiões, uma das canoas quebrou e todos ficaram muito tristes. Depois derrubaram outra árvore, fizemos outra canoa, usamos essa nova canoa para continuar a viagem de subida do rio. Foram vários dias remando, devagar, onde tinha cachoeira, a gente levava a canoa por terra, como na cachoeira Karamtu Kahxin - esse nome lhe foi dado porque ali havia uma árvore frutífera chamada *karamtu*. Quando a cachoeira era grande, outra alternativa era carregar a canoa, e não puxar por terra, a gente carregava na cabeça para evitar que ela quebrasse. Depois de remar três dias, chegamos numa parte bem alta, na cabeceira, daqui fomos andando a pé, numa trilha no meio do mato, até chegarmos em outro igarapé, chamado Kwahxarwo, já correndo para o lado da Guiana. Esse igarapé deságua no rio Karayuru, que, por sua vez, deságua no rio Weyu Yewku (rio do breu), na margem do qual ficava a aldeia Efpoymo.

Enfim, uma viagem longa, em direção a um lugar onde eles não conheciam anteriormente, para onde outros de seus parentes wai wai já tinham ido, por causa da missão, e, ali perto, tinham fundado a aldeia Efpoymo.

- Ali fomos recebidos por Miro Rock (provavelmente Niels Hawkins), irmão do missionário Robert, que estava ausente naquele momento. Ele nos recebeu na beira do rio e se apresentou para nós, disse que seu irmão iria chegar depois. Falou que era para aguardar um pouco, que seu irmão chegaria em breve, não iria demorar. Miro Rock nos falou, ainda, que ele só chegou a ensinar a Bíblia um pouquinho, enquanto o irmão dele, Robert Hawkins (que os Wai Wai chamavam de Kmam, se pronuncia "Bam"), estava terminando de resolver umas coisas na casa dele. Não demorou muito mesmo e Robert Hawkins chegou, enquanto Miro Rock foi embora num avião que tinha pousado no rio. Essa foi a primeira vez que nós vimos avião! Ainda mais pousando no rio! Deste avião saiu Kmam! A partir deste dia, ele ficou muito tempo na aldeia, lá em Kanaxem. Nesse tempo a gente não sabia nada sobre essa religião dos brancos (*karaiwa*). A gente entendia que essa era a história dos outros, não a nossa. Não gostávamos muito de frequentar a Igreja, não. Contudo, fomos ficando ali, e não retornamos mais para a aldeia Yowtho, a abandonamos de uma vez.

Poriciwi relembrava dessa história passada no início dos anos de 1950, quando retornamos, em 2020, ao lugar onde nasceu e de onde tinha partido para a aldeia-missão Kanaxen. Estávamos ali na aldeia Yowtho pela primeira vez depois de 70 anos!

- Quando olhei nossa aldeia antiga com árvores grandes, fiquei muito triste! Pensava em todas as coisas que eu lembrava, nesse lugar que estava coberto pela floresta, por isso chorei dentro de mim, fiquei muito triste, falei para mim mesmo: "por que eu voltei nessa aldeia antiga onde viveram meus pais, minhas mães, meus irmãos e todas as outras pessoas, todas que já morreram?" Eu pensava que nunca voltaria a ver essa aldeia, mas isso aconteceu ainda enquanto estou vivo, mas os outros morreram sem voltar a ver esses lugares, já morreram todos. Sinto muito isso dentro de mim, quando volto a ver esse lugar.

Não deu de ver tudo na aldeia Yowmîfî (outro nome possível para Yowtho), todas as coisas que Poriciwi viu e viveu nesta aldeia, pois a floresta já tinha encarregado de esconder muita coisa. Ele disse que, se a gente abrisse esse lugar, iria encontrar muitas coisas que foram feitas pelas nossas famílias, quando moravam ali tempos atrás. Poriciwi lembrava daquele tempo de muita festa, muita bebida, muita brincadeira vivida naquele lugar, mas estava triste pelos seus parentes que morreram sem poder voltar ou ver aquele lugar, sem poder ali serem enterrados!

7.2 A CHEGADA EM ERPOYMO

Depois, quando já tínhamos retornados da expedição à antiga aldeia Yowtho no rio Kikwo (2020), Poriciwi contou sobre a chegada do seu povo na antiga aldeia Efpoymo na Guiana (na segunda metade da década de 1950), e minha mãe ajudou meu pai a lembrar e a contar sobre os lugares e acontecimentos importantes.

- A aldeia Efpoymo ficava no rio Weyu Kewku, um afluente da margem direita do rio Essequibo, que corre em direção ao oceano Atlântico. Quando fomos do Brasil para a Guiana, atravessamos a pé uma serra, por três dias de viagem, depois pegamos um igarapé, chamado Kwahxariwo. A partir daqui, fizemos nossas canoas de casca de árvore e descemos, num dia de viagem, até a aldeia Erpoymo. Lá encontramos Caramca Wai Wai, Yukuma Caruma, Kurumu, Ewka, Yakuta. Todos moravam numa casa-maloca, numa mesma aldeia. Como ainda não tinha nossa casa nessa aldeia, decidimos ir para a aldeia Kanaxen. Nesse tempo Kanaxen tinha sido

aberta somente para morar Robert Hawkins. Nós fomos os primeiros indígenas que fizeram casas perto do missionário. Quando estávamos em Eŕpoymo, fizemos apenas uma casa provisória (*pawxi matko*) para passar alguns dias.

Lá em Kanaxen todos aqueles que foram junto com Mapofo, saindo de Yowtho, moravam em casas separadas. Em Kanaxen não foi feita mais uma casa para todo mundo morar junto, tipo maloca, o missionário não deixou mais fazer assim. E foram feitas várias casinhas para cada família, foi nesse tempo que os Wai Wai começaram a morar desse jeito. Poriciwi explica a razão desta mudança, da casa comunal e coletiva para as pequenas casas para cada unidade familiar:

- Kmam falou que era para nós não morar mais juntos, para um homem não mexer com a mulher do outro! Todos começamos a morar juntos só com nossas famílias nas casinhas. Mas morávamos todo mundo perto um do outro! Aqui passamos a viver de outro jeito, não fizemos mais casa grande para todos nós.

E Poriciwi continua a enfatizar as razões pelas quais eles deixaram suas aldeias do lado do Brasil e foram morar do lado da missão:

- Por que nos fomos para Kanaxen? Os missionários nos chamaram, dizendo que não era para ficarmos longe, que assim a gente estava sofrendo muito. Era para termos acesso aos objetos e ferramentas deles, para ficar perto do Robert. Nesse tempo não tínhamos fósforo, usávamos wereko, que era um fogo feito de pau do cacau do mato. Para fazer este tipo de fogo, demorava muito. Como Kmam mandou mensagem para nós, se a gente fosse lá para perto dele, ele nos daria coisas como fósforo, machado e terçado. Por isso, fomos lá buscar, rápido, a ideia era voltar logo! A gente não sabia que havia outras cidades nesse tempo, pois não tínhamos contato com os brancos. Aquelles que moravam no rio Kikwo não subiam o rio Mapuera. Só muito raramente a gente ficava sabendo daqueles brancos (*karaiwa*) que eram caçadores de ariranha, jacaré e onça para tirar pele! A gente do rio Kikwo não encontrava e nem tinha contato com eles. Por isso, Mapofo falou para nós: “vamos buscar essas coisas [lá na missão] das quais precisamos, depois voltamos para nossa aldeia”. Quando nós morávamos na missão na Guiana, pensávamos em voltar para nossas aldeias antigas, pois não estávamos muito contentes lá. Antes, vivíamos de um jeito diferente, lá não estávamos mais fazendo festa. Isso nos incomodava, por causa disso pensamos em retornar. Wixo era um que sempre perguntava para Kmam: “*poymo* (termo de tratamento para afim), eu vou voltar para nossa aldeia antiga, deixei

lá a minha roça nova, por isso eu vou voltar, quando cortamos árvores para abrir a roça, isso deu muito trabalho, por isso eu vou voltar. E Kmam respondeu-lhe:

- Não volte mais, abandona de uma vez sua aldeia. Com qual canoa você pretende voltar? Não tem mais canoa! Quando vocês vieram para cá, eu lhes mandei canoa de alumínio. Mas agora não tem mais canoa para você ir embora. E Kmam insistiu, “com qual canoa você quer ir embora?” Wixo não sabia, queria fazer canoa de casca de árvore, mas era uma viagem longa para uma canoa de casca de árvore. Depois disso, desistiu de voltar. Kmam ainda lhe disse:

- Eu dei presentes para vocês, dei terçados, lima, machado! Você quer espingarda, não vou dar ainda, porque você ainda não sabe bem usar e não sabe atirar. Depois, vou dar espingarda para você, quando você souber melhor atirar. Talvez não, talvez você vai atirar em outro parente, talvez você vá levá-la carregada.

Wixo queria logo ter uma espingarda, como já a tinha um outro parente, Curuma. Ele o viu atirando para caçar, por isso queria tê-la rápido, viu que os outros amigos acertavam a caça bem lá no alto com a espingarda. Mas Kmam falou para ele que não ia dar fácil esse tipo de arma, ia dar, mas só um tempo depois. E Poriciwi continua reforçando na sua narrativa o desejo de seu povo de abandonar a missão, da vida difícil na qual vivia ali, longe de suas próprias aldeias e roças

- Nesse tempo, se nós voltássemos para nossa aldeia, não sei como a gente ia ficar. Mas como Kmam falava deste jeito, pedindo para gente ficar... Se não fosse isso, teríamos ido embora. Lembramos ainda muito de nossas aldeias, lembramos, lembramos... Depois desistimos de retornar. Como ainda não havia a nossa própria roça em Kanaxen, roubamos a planta do Kmam, apanhamos milho escondidos, também usamos macaxeira dele para fazer beiju. Ele tinha muita macaxeira, mas era cercada, por isso a gente mexia escondido. Também tinha cana-de-açúcar, por isso ele falava para nós: “não mexe nas coisas sem permissão!”; “Deus olha vocês fazendo isso, ele não vai gostar disso”. Depois ele falou para nós abrimos nossa roça, abrimos a roça por causa dele, plantamos milho. Assim recomeçamos a vida lá, mas se tivesse uma canoa nesse tempo, a gente ia voltar.

Poriciwi lembra que, além de Wixo, dois outros queriam deixar a missão e voltar para o rio Kikwo, eram Mapofo e Maata.

- Meu filho, fica aqui, mas eu vou voltar, disse Mapofo para Wixo.

- Vovô, eu já disse isso para o meu primo Kmam, mas ele me disse que a gente não tem que voltar mais. Ele me falou que não pode! Assim respondeu Wixo.

- Nós vamos voltar, mesmo assim. Já temos nossos terçados, já temos anzóis, já temos linha, fósforo, isso que a gente não tinha antes. Eu já tenho as coisas que antes queria, por isso vamos voltar contentes.

Mas Maata pensou que se eles voltassem, iam sofrer muito por falta daquelas ferramentas. Então, Wixo concordou: “Está bem, não vamos voltar mais, melhor a gente ficar aqui junto. Assim, Maata e Wixo convenceram Mapofo a ficar na missão.

Poriciwi lembrava e falava muito da Yowtho antiga, ele lembrava da aldeia naquele tempo, quando foi abandonada. Depois desse tempo, e de muita insistência, passaram a acreditar na palavra do missionário. Ouviram cotidianamente os detalhes da pregação de Kmam: *Kaan axé so nay* (“Deus ama vocês”). Tornaram-se crentes, alguns viraram pastores, decidiram buscar outros parentes do lado do Brasil e levá-los para a missão para que eles se tornassem cervos de Deus.

7.3 A PARTIDA EM BUSCA DOS ÍNDIOS ISOLADOS (*ENÎHNÎ KOMO*), OS KATWENA

Depois de quase convertidos na missão Kanaxen, os Waiwai eram usados pelos missionários como “ponta de lança” para a propagação da palavra bíblica, e foram lançados em outras expedições para buscar os índios “isolados” que habitavam rios mais distantes, que os Wai Wai chamam de *enîhnî komo* e que significa “povos não vistos”. Poriciwi foi um destes que acompanhou algumas destas expedições.

- Nesse tempo, nós pensamos em ir ver os Katwena, mas antes o Kmam foi de avião ver os lugares das suas aldeias. Depois foi de novo marcar com tinta [jogada do avião] os caminhos para se chegar até os Katwena. Assim ele fazia, localizava os povos isolados de avião e depois mandava nossos parentes, como Yakuta, Mawaxa e Ewka, ir até a aldeia deles. Ele falou para nós: “seus parentes estão sofrendo muito agora, por isso vamos reuni-los aqui em Kanaxen, todos vocês sabem onde eles estão, nos ajudem”. Quando Kmam falou isso, pensamos, vamos, mas eles moram em lugares muito distantes! Kmam disse: “como agora vocês já se tornaram crentes, vão atrás dos outros isolados e tragam-nos aqui para ouvir a Bíblia, assim como vocês fizeram, é melhor compreender a história de Jesus devagar”.

Por isso, seguindo o apelo do missionário, Poriciwi, que não era pastor naquele tempo, era apenas crente, começou a realizar expedições de contato com os índios isolados (*enîhnî komo*), pois ele acreditava que, assim como ele mesmo antes vivia

no rio Kikwo, os parentes isolados estavam precisando de ferramentas. Por isso ele foi atrás deles juntamente com outros indígenas que viviam no entorno da missão de Kanaxen: Yakuta (que era o líder), Manaka, Tamokrana, Wayway.

- Antes de nós, vieram Yaymote, Mapepe, Wanawa, Xiritamu, essas pessoas vieram na frente para fazer canoa, lá nas cabeceiras do rio Kapuwini. Elas fizeram uma canoa de 7 metros, foram lá apenas para fazer canoa. Enquanto eles estavam fazendo canoa, a gente ainda estava em Kanaxen. Depois marcaram nossa saída de Kanaxen. Subimos o rio Mekwo, um afluente que corre em direção ao rio Essequibo, esse rio tinha muitas cachoeiras perigosas. Depois caminhamos por terra, e fomos encontrar os outros lá onde estavam fazendo canoa. Quando chegamos lá, eles já estavam fazendo os assentos da canoa, depois nós mesmos fizemos os remos. Em seguida, descemos o rio Kapuwini, desde sua cabeceira, onde havia também muita cachoeira. Encontramos os Katwena muito longe, foi muito difícil, pois eles estavam longe do rio Kapuwini e do rio Trombetas. Quando saímos da aldeia Erpoymo, na Guiana, levamos muito tempo para subir o rio chamado Weyu, até a sua cabeceira, lá onde tinha um acampamento que fora aberto por Kirpaka e Yapoma, dois outros velhos que tinham antes ido atrás dos Tiriyo. Nós pegamos a mesma trilha deles, no meio da floresta, três dias andando até a cabeceira do rio Kapuwini (veja mapa 4, caminho verde claro).

- Depois disso, descemos o rio Kapuwini de canoa, até encontramos o rio Turuni na sua margem direita. Subimos este rio, desde onde hoje está a aldeia Turuni, até a sua cabeceira. Os Katwena moravam lá em cima, num igarapé chamado Kuto Yewku. Um tempo atrás, quando Kirpaka e Yapoma tinham liderado a expedição para encontrar os Tiriyo, eles não tinham visto os Katwena. Tinham só ouvido falar que os Katwena moravam nas cabeceiras do rio Turuni. Disseram que eles eram gente boa, tinha ouvido isso dos Tiriyo, quando passaram um tempo na aldeia deles antes de retornarem para a missão Kanaxen. Depois dessa informação, Ewká decidiu mandar nós atrás deles, dos Katwena, num lugar muito longe! Passamos muitos dias ou meses, atravessando rios que a gente não conhecia! Mesmo assim, acertamos o lugar deles, chegamos nas suas aldeias! Quando chegamos no rio deles, avistamos já uma canoa, estava no porto! As aldeias não ficavam perto dos rios, mas no meio da floresta. Nós falamos, “eles estão aqui!” A canoa era feita de casca de árvore, a mesma casca de árvore que nós sempre usávamos. Eles tinham um porto muito bem capinado, caminho capinado. No porto deixamos nossa canoa e nossas coisas, fomos

andando no caminho, era um pouco longe, encontramos cacho de banana no meio do caminho, nos perguntamos uns aos outros: “como será que eles são?”. Outros se perguntaram: “será que são pessoas como nós?”. Ou: “será que eles falam uma língua parecida com nosso idioma?”. Eu disse: “vamos ver, será que eles são parecidos com os Atroari?”. Chegamos perto da aldeia, e subimos em cima de uma árvore grande que estava derrubada. Em cima dessa árvore, nos levantamos e olhamos a maloca deles. A gente estava esperando alguém aparecer andando, mas ninguém apareceu, eles estavam sentados na casa grande (*umana*). Nós oramos quando saímos da canoa! Yakuta orou dizendo que havia previsto que íamos encontrar a canoa dos Katwena, e que a gente tinha chegado na direção certa, que agora iríamos ver essas pessoas, naquele dia, pedindo ajuda para Deus para que eles nos recebessem bem.

Poriciwi, na aldeia Yowtho, na nossa expedição de 2020, lembrava e nos relatava aquele primeiro encontro com os Katwena, que teria ocorrido na década de 1960:

- Quando os enxergamos, os Katwena estavam dentro da maloca. Um dos nossos disse: “Eles estão ali, como que vamos fazer? Vamos assoviar? Vamos dar um grito tradicional de chegada do visitante?”. Yakuta assoviou. Bem mais tarde, os moradores daquela aldeia vieram nos dizer que teria sido melhor, naquela ocasião, que a gente tivesse gritado, pois, para eles, quando chegam os visitantes, é preciso gritar. Quando elas ouviram o assovio, as mulheres se perguntaram: “os pawana estão chegando, os visitantes estão vindo, será que são os Tiriyo?” Como eles sempre tiveram contato com Tiriyo, os Katwena pensaram que nós éramos os Tiriyo. Quando olharam a gente, viram que éramos diferentes, estávamos de short e sem camisa, todos adornados, corpos pintados! Aí, eles nos perguntaram: “quem são vocês”? O cacique deles nesse tempo era Marakri! Depois nos apresentamos: “nós somos do povo wai wai.” Perguntaram-nos de novo se a gente não era Tiriyo. Depois disso, Yakuta contou-lhes que a gente tinha vindo lá de Kanaxen, que tinha vindo procurá-los. E apresentamos para eles um pouco da nossa história. Numa outra hora, a gente contou a história de Deus. Yakuta lhes disse que tínhamos vindo ali para lhes contar a história de que “Deus ama vocês” e que, graças à ajuda do espírito santo, conseguimos chegar até onde eles estavam, fizemos boa viagem e, olha, estávamos no meio deles. Ele (Deus) quer que vocês um dia ouçam a mensagem dele, ele quer contar a vocês a história dele, depois vocês vão ouvir melhor, disse Yakuta. No começo, eles ficaram muito assustados, como nós também, pois não sabíamos como

eram essas pessoas. Mas ele [Deus] tinha cuidado bem da gente, levou-nos até eles, no caminho certo, até a aldeia deles. Depois ficamos alguns dias no meio deles, explicamos tudo mais devagar. Nesse tempo eles tomavam muita pucukwa, uma bebida fermentada e também consumida por nós. Mas nesse tempo nós mesmos já não tomávamos muito esta bebida, porque ela era muito forte. Ofereceram-na, Yakuta recusou: “a gente não toma mais esse tipo de bebida”. Depois ele pediu para trazer yemutu, uma bebida feita de vinho de buriti, bacaba com tapioca. Em seguida, o cacique avisou ao seu povo que a gente não tomava mais bebida fermentada, e eles não obrigaram a gente a tomá-la, pois eles tinham outros tipos de bebidas, que a gente também tomava. Nesta aldeia encontramos vários Katwena: Kanpeperu, Kîrîcawa, Potaya, Omhi, Pikuku, Yupuru, Cewnan. Todas essas pessoas estavam lá e já eram casadas, mas tinham várias outras. Quando nós voltamos da aldeia dos Katwena, todas as pessoas de lá vieram junto com a gente até Kanaxen. Na volta, fizemos o mesmo caminho de ida, no sentido inverso. Primeiro, descemos o rio Turuni, depois subimos o rio Kapuwini até as suas cabeceiras. Daqui havia uma trilha pelo meio da floresta até a cabeceira de um outro rio, do lado da Guiana, chamado Weyu Yewku. No meio do caminho, um Katwena, chamado Cewñan, nos contou que ele tinha um irmão que havia ido morar no meio dos Tiriyo. Yakuta lembrou que, quando os Wai Wai foram procurar os Tiriyo, num tempo anterior, esse seu irmão tinha lhes informado onde estavam morando os Katwena no rio Turuni. Ele lhes havia dito também que os Katwena eram gente boa. Se o irmão de Cewñan não tivesse falado sobre os Katwena, a gente não teria ido visitá-los - até hoje Yakuta vive no meio dos Tiriyo, lá na aldeia Kwamará. Antes mesmo da nossa viagem, Kirpka, um índio wai wai que passou um tempo vivendo numa aldeia dos Tiriyo, foi, junto com Yakuta, ver os Katwena. Eles tinham três aldeias. Quando Kirpka voltou dos Tiriyo para Kanaxen, ele já sabia onde estavam morando os Katwena. Por lá ele tinha andado com os Tiriyo, tinha pego informações do igarapé onde eles estavam, quando de retorno à missão Kanaxen, ele deu essas informações com detalhes para gente, por isso também, acertamos a aldeia dos Katwena. Quando Yakuta Katwena teve contato com os Tiriyo, ele contou depois para Kirpaka, que finalmente contou para meu pai. Ele, Yakuta, namorava, escondido, uma menina dos Tiriyo, muito tempo antes do contato com o grupo dela. Como o katwena é uma língua diferente da língua tiriyo, depois de muito tempo, eles se aproximaram e ele decidiu ficar com a menina, na aldeia dela. Depois voltou para o seu povo [katwena] apenas para avisar, que estava lá no meio dos Tiriyo.

Ele ajudava o seu povo katwena, levando-lhe, a partir dos Tiriyo, machados, terçados e outras ferramentas que tinham os Tiriyo [provavelmente por meio de comércio com os Maroons do Suriname] - até hoje ele faz isso. Quando Kirpaka chegou lá no meio dos Tiriyo, Yakuta já estava morando no meio desse povo. Os Tiriyo moravam antigamente onde hoje está localizada a aldeia Ayaramã (no rio Trombetas), quando Kirpaka foi, a partir de Kanaxen, visitá-los pela primeira vez. Naquela época, ele conheceu alguns deles: Muwa, Kutu, Kmaxiri, Aawî, Kaxa, Kmonuki, Kunumi, Axonko. Mas eles eram muitos. Nesse mesmo rio tinha uma antiga aldeia dos Cikiyana, na qual moravam: Entxe, Ohtuku, Okoyi. Esses Cikiyana foram vistos pelos Wai Wai, quando eles foram visitar os Tiriyo. Subindo o rio Trombetas, a aldeia dos Cikiyana era chamada Yaymo, ficava antes da aldeia dos Tiriyo. Dizia-se que os Cikiyana gostavam de fazer guerra e roubar as meninas dos Tiriyo. A partir da aldeia Ayaramã, os Tiriyo subiam ocasionalmente o rio Turuni e encontravam os Katwena, outras vezes faziam guerra com os Cikiyana. Havia muitas outras pessoas dos Tiriyo que moravam numa aldeia antiga denominada Araraparî (do lado do Suriname): Pîxaypi Axonko, Murihtu, Tunarrana Piriwta, Arapahti, Murihtî e Xemehtu. Eram essas pessoas que traziam ferramentas e objetos de metal do Suriname para trocar com os povos vizinhos (Katwena e Cikiyana) do lado do Brasil, assim, eles tinham uma rede de troca de objetos, e, às vezes, de mulheres.

Poriciwi concluiu esta história do tempo que morou na Guiana, lembrando que, depois de passado alguns anos, a aldeia Erpoymo foi abandonada, e todas os seus moradores foram parar no entorno da missão Kanaxen. Ali, do lado deles, ainda moravam alguns indígenas dos povos Wapixana e Caruma (que tinham aldeias mais ao norte, na região já de savana, na Guiana). Poriciwi lembrou muito bem do velho Arwaka, que era Wapixana, e do velho Puxwa, que era Caruma. Nesse tempo era difícil conversar com pessoas dos povos Caruma e Wapixana, pois as línguas deles eram muito diferentes da língua wai wai, mas dava de ouvir. Os Wapixana falam uma língua do tronco Arawak, os Caruma falam uma língua isolada, enquanto a língua wai wai pertence à família Karib – assim como os Tiriyo e os Katwena. No meio dos Wai Wai também viviam neste tempo (e vivem ainda hoje) muitas pessoas do povo Mawayana, que também pertence ao tronco Arawak. Mas, devido a intensa rede de trocas, sobre a qual falamos acima, estas diferentes línguas foram se misturando.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, nossas histórias (*amna yehtopo*) vem sendo contadas e recontadas pelos nossos parentes, sobre ocupações do rio Kikwo, tradições e costumes. Assim existem as marcas de ocupações antigas. Eu não poderia escrever essa história sem o meu pai, e minha família. Eu fui ver os lugares onde viveu meu povo wai wai, onde está guardada a história e a vida de meus antepassados.

Este trabalhou quis contar para os meus parentes e para os brancos (*karaiwa*) como vivemos (no passado e no presente) em nosso território, sempre a partir de nosso modo de ver o passado e o presente - entre os dois, se há uma ruptura, há também uma continuidade. O que eu aprendi e vi, dependeu de muitas pessoas, de estar junto com minha família, sobretudo com o meu pai, Poriciwi, que sabia muito mais do que eu e tantos outros jovens sobre nossas histórias antigas.

Então, antes mesmo de começar a realizar essa pesquisa, eu sabia que meu pai já tinha ensinado outros sobre nossa história, só que não estava escrita. Por isso mesmo, eu não iria escrever, fazer pesquisa de campo sem essas pessoas. Foi por meio delas que eu conheci os lugares e as paisagens antigas e atuais, tudo o que meu pai sabia. Se eu não fosse junto com ele e com outros parentes e amigos a estes lugares (que hoje não é mais habitado permanentemente pelos Wai Wai, embora cada ano eles façam para lá expedições de caça, pesca, coleta), se eu não tivesse escrito sobre isso tudo, provavelmente meu pai ia levar com ele (após sua morte) muitos desses conhecimentos, sem transmitir para as futuras gerações.

A viagem que relatei nesta dissertação, junto com meu pai e minha família (além de meu orientador e dois amigos antropóloga/arqueólogo) foi importante não somente para esta pesquisa e para coletar dados (que não seriam obtidos por uma escavação ou entrevista), mas também para ouvir diretamente no local as histórias a partir do que o meu pai lembrava. Ao permitir ver diretamente aqueles lugares e aquelas paisagens, essa viagem despertou e provocou a memória do meu pai, ativou histórias e lembranças do passado. Aliás, muito deste passado estava ali presente por meio dos marcadores: vegetação, pedras, portos, capoeira, floresta, rio, ilhas e tantos outros lugares por onde passaram meus antepassados e deixaram suas marcas, lugares nos quais ainda vivem nossos espíritos e seres encantados.

Assim fiz a minha arqueologia indígena, a arqueologia wai wai. Não precisei escavar - o meu pai falava que não deveria desenterrar os restos dos seus

antepassados, incluindo a mãe dele, a minha vó -, mas, sim, fazer uma expedição, ouvir histórias, coletar informações. Ou seja, não escavar a terra, mas escavar a memória de meus familiares, esse foi o meu método.

No começo tive muitas dificuldades, pois não sabia bem identificar, por exemplo, a vegetação de uma aldeia antiga, onde estava situado no leito do rio os seres encantados os quais meu pai e minha família falavam. Aprendi um pouco com eles, não tudo. Para um bom identificador destas paisagens, há marcas no rio que falam de um ser do tempo antigo, há marcas de ocupação humana no tipo de vegetação que cresce na aldeia abandonada (recentemente ou há mais de 70 anos), nas sementes das frutas que os antigos comiam e que eram deixadas no pátio da aldeia ou nos acampamentos, nas pedras que existem no curso do rio Kikwo. Aqui, por exemplo, o xamã Mapoño (avô de Poriciwi, meu tataravô), vinha buscar os seus amuletos (espíritos auxiliares) para curar pessoas doentes ou para realizar um outro tipo de pajelança.

A nossa arqueologia indígena ou wai wai é muito diferente daquela praticada por não indígena, acredito. Nossa arqueologia (ou nossa ciência) é nossa história, e ela não está visível prioritariamente nos sítios, que precisariam ser escavados para revelar uma historicidade ou verdade, mas está presente ao longo dos rios, dos lagos, das pedras, das montanhas. Estas paisagens são partes de nossas histórias. Enfim, este trabalho é coletivo, os resultados aqui obtidos são frutos não só do meu trabalho, mas de meu orientador antropólogo e de colegas-amigos antropóloga-arqueólogo e, sobretudo, de minha família e de de meu pai, Poriciwi, que faleceu de Covid-19 quando começava a escrever esta dissertação, em junho de 2020.

Além disso, este trabalho de campo e de escrita, foi intensamente compartilhado com meu sobrinho, Roque Yaxikma Wai Wai, que também fazia ao mesmo tempo que eu e na UFMG uma dissertação de mestrado em antropologia social sobre as flautas e as músicas do povo wai wai.

Dito tudo isso, gostaria de dizer que não desconsidero o conhecimento científico ou um tipo de arqueologia que tenha a escavação como método de pesquisa prioritário (eu mesmo já escavei sítios em outros contextos). Tudo que quero afirmar é que o conhecimento tradicional deve ser levado em conta, não subestimado, quando se quer fazer pesquisa nestas áreas do conhecimento (arqueologia e antropologia), que é preciso aprender com nossas histórias, com o nosso modo de reconhecimento de paisagens, modo de ver, modo de separar (ou não separar) o que é artefato

humano e natural, o que é marca "natural" ou dos humanos, o que é obra dos seres espirituais ou dos humanos.

Por fim, o que fiz e o que almejo fazer como arqueologia não é um tipo de conhecimento só para mim ou para uso na academia, é para nossos filhos e para a futura geração de nosso povo, o que aprendi quero passar para meus filhos e netos, como meu pai me passou. Por isso, nossa floresta e nossos rios, onde viveram e vivem nossos antepassados, onde vivem nossos seres encantados, tudo isso precisa continuar a existir e estar vivo. Por isso, precisamos de nossa terra reconhecida e demarcada pelo Estado brasileiro! Precisamos manter nossa história para preservar nosso passado, nossos lugares de memória, esse é o legado que quero deixar para as futuras gerações.

9 BIBLIOGRAFIA

- BORO, J. *Caminhos para o passado: Oca'õ, Agukabûk e Cultura Material Munduruku*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2019.
- CABRAL, Mariana Petry. "E se todos fossem arqueólogos?": experiências na Terra Indígena Wajãpi". *Anuário Antropológico*, UnB, vol.39 (2): 115-132, 2013.
- CABRAL, Mariana Petry. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Pará, 2014.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. R. "A saga de Ewká: epidemias e evangelização entre os Wai Wai". In R. M. Wright (Org.), *Transformando os Deuses: os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*, Campinas: Editora da Unicamp, pp. 255-284, 1999.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. *Trombetas-Mapuera: território indígena*. Brasília: FUNAI, 2008.
- CAIXETA DE QUEIROZ, Ruben. *Histórias de Mawari* (Encarte), filme, 52 min. Belo Horizonte: Associação Filmes de Quintal, 2009.
- COLARES, Paula de Mattos; CARNEIRO Denize de Souza; CALIXTO Hector Renan da Silva (orgs.). *Política, concepções e prática de ação afirmativa: reflexões a partir de uma universidade Amazônica [recurso eletrônico]*, Brasília: Rosivan Diagramação & Artes Gráfica, 2021.
- DIAS JR, Carlos M. *Entrelinhas de uma rede. Entre linhas Waiwai*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2006.
- GALLOIS, D. T (Orga.). *Rede de Relações nas Guianas*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, FAPESP, 2005.
- HOWARD, C. V. "Pawana: a farsa dos visitantes entre os Waiwai da Amazônia". In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. *Amazônia. Etnologia e História Indígena*. São Paulo: NHIIUSP, FAPESP, 1993.
- JÁCOME, C. & WAI WAI, J. X. "A paisagem e as cerâmicas na bacia Trombetas: uma discussão da Arqueologia Karaiwa e Wai Wai". *Botetim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 15 (3). Ciências Humanas, v. 15, n. 3, 2020. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2019-0140>.
- JÁCOME, C. P. *Pelo Rio Mapuera Reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais Blorizonte, 2011.

- JÁCOME, C. P. *Dos Waiwai aos Pooco – Fragmentos de história e arqueologia das gentes dos rios Mapuera (Mawtohrí), Cachorro (Katxuru) e Trombetas (Kahu)*. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2017.
- JESUS, H. R. *Patrimônio Tapajowara no Sítio Porto: Herança Cultural e Resistência Étnica na Região de Santarém, Rio Tapajós*. Trabalho de Curso de Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2018.
- MACHADO, Juliana Salles. "História(s) indígena(s) e a prática arqueológica colaborativa". *Revista de Arqueologia SAB*. 26 (1): 72-85, 2013.
- MILLION, Taro. "Developing an Aboriginal Archaeology: receiving gifts from the White Buffalo Calf Woman". In Claire Smith & Hans Martn Wobst (eds.), *Indigenous Archeologies: Decolonizing Theory and Practice*, Routledge. pp.43-55, 2005.
- RODRIGUES, Igor M. M. *Tramas da tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos traçados dos povos do rio Mapuera*. Tese de Doutorado em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2022.
- RODRIGUES, Igor M. M.; COSTA, Rodrigo L.; SILVA, Fabíola A. "Perspectivas Arqueológicas e Etnoarqueológicas sobre tecnologias perecíveis: uma introdução". *Revista de Arqueologia*, v. 34, n. 3, p. 3- 14, 2021.
- SILVA, Fabíola A. "Mito e Arqueologia: A interpretação dos Asurini do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu - Pará". *Horizontes Antropológicos*. 8 (18): 175-187, 2002.
- SILVA, Fabíola A. "Arqueologia e Etnoarqueologia na Aldeia Lalima e na Terra Indígena Kayabi: reflexões sobre Arqueologia Comunitária e Gestão do Patrimônio Arqueológico." *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. v. 19, p. 205-219, 2009.
- SOUZA da SILVA, Ana Caroline. *De mãe pra filhos: Transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico*. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 52 p., 2018.
- SOUZA, Alexandre Aniceto. *Waiwai Yana Komo. Rotas de transformações Ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, 2018.
- TSCHUCAMBANG, Copacãm. *Artefatos arqueológicos no Território Laklãnõ/Xokleng-SC*. Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Universidade Federal de Santa Catarina, 55p., 2015.
- WAI WAI, Cooni. *A cerâmica Wai Wai: modos de fazer do passado e do presente*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2019.

WAI WAI, Roque Yaxikma. *Uma descrição etnográfica sobre os instrumentos musicais Wai Wai Raafí*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2018.

WAI WAI, Walter Powci. *A mudança no ritual do povo Wai Wai*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2017.

WAI WAI, Otekmi Kunupira. *O Xmari Wai Wai: Produção de raladores pelas anciãs na aldeia Mapuera*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2021.

WAI WAI, Jaime Xamen. *Levantamento etnoarqueológico sobre a cerâmica Konduri e ocupação dos Wai Wai na região da Terra Indígena Trombetas-Mapuera (Pará, Brasil)*. Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2017.

10 CADERNO DE FOTOGRAFIA 1.

Fotos dos Wai Wai no tempo em que viviam nas proximidades da Missão Kanaxen, no sul da Guiana. Fonte de acervos: American Museum of Natural History, Peabody Museum, Coleção feita por Walter Roth (Väldskultur Museena), Horniman Museum.

Links:

<http://collections.si.edu/search/results.htm?q=Waiwai>

<https://anthro.amnh.org/collections>

[https://pmem.unix.fas.harvard.edu:8443/peabody/view/objects/aslist/search\\$0040?t:sate:flow=a4255902-0d80-4979-95ac-3c5135d89539](https://pmem.unix.fas.harvard.edu:8443/peabody/view/objects/aslist/search$0040?t:sate:flow=a4255902-0d80-4979-95ac-3c5135d89539)

<http://collections.smvk.se/carlotta-vkm/web/object/2389/CHILDREN/2>

<https://www.horniman.ac.uk/collections/browse-our-collections/keyword/Wai%20Wai>



Imagem 5: Missão de pesquisa dinamarquesa na aldeia Kanaxen, por volta de 1955



Imagem 6: vestimenta de *yamo* feita de entrecasca da árvore *wawku*



Imagem 7: Ewka E Ahmuri na aldeia Kanaxen



Imagem 8: Vestimenta do *xorwiko*, trançada de folha de buriti



Imagem 9: homem coloca pena de gavião no cabelo.



Imagem 10: Viagem entre aldeias



Imagem 11: dança no terreiro da aldeia



Imagem 12: Homens com cabelos compridos, penas amarradas no cabeça.



Imagem 13: Fabricação de cerâmica



Imagem 14: preparação para passar resina por dentro do vaso.



Imagem 15: um homem colocando ponta de flecha (*ciyaxkem*).



Imagem 16: homem chegando na aldeia com caça.



Imagem 17: mulher extraíndo suco venenoso da massa da macaxeira.



Imagem 18: Cesto (*pakara*), no qual o xamã guardava os seus amuletos de contato com os espíritos (*ñokwa*)

11 CADERNO DE FOTOGRAFIA 2

Fotografias de Ruben Caixeta de Queiroz (exceto a primeira, que é de autoria de Jaime Xamen Wai Wai)



Imagem 19: Saída da expedição da aldeia Mapuera em direção a Roroymo, 13 de janeiro de 2020



Imagem 20: Xamen e Poriciwi Wai Wai, na canoa, já chegando na aldeia Yowtho



Imagem 21: Xamen Wai Wai anotando no seu caderno de campo as paisagens, na antiga aldeia de Ahrumîti. Roque Wai Wai sentado na beira do porto antigo da aldeia, segura ouriço de castanha.



Imagem 22: Ouriço de castanha do pará, nas proximidades da aldeia Ahrumĩtĩ

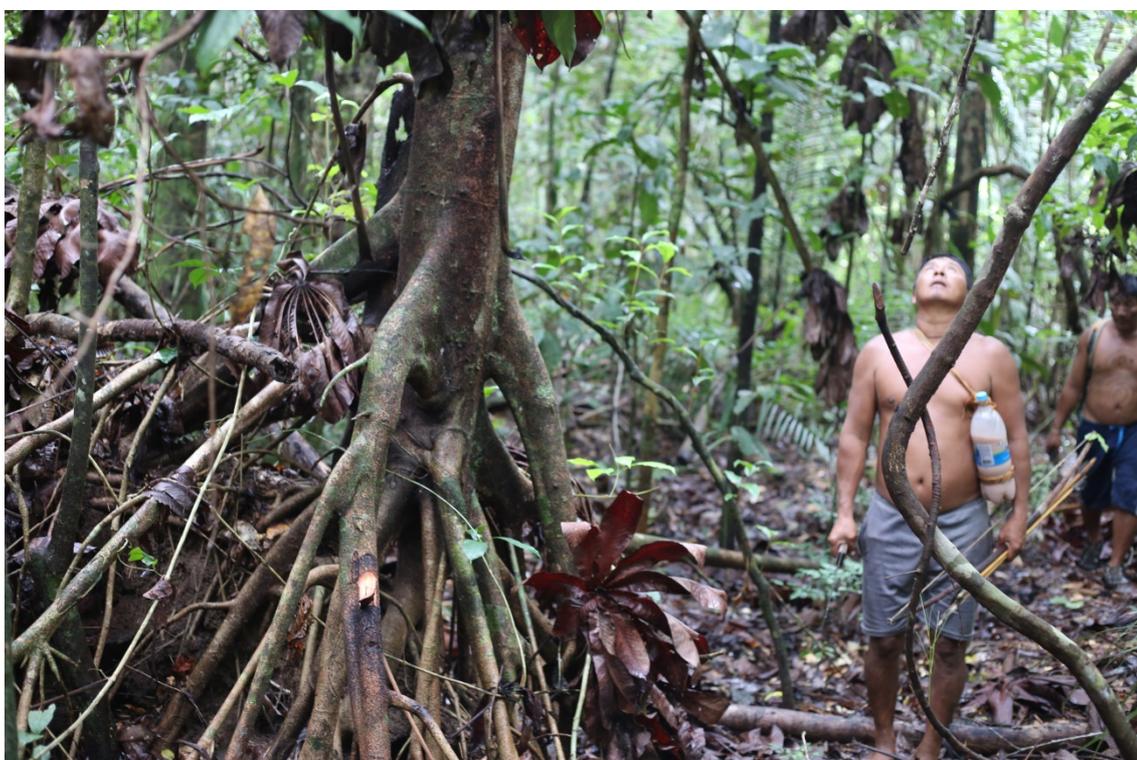


Imagem 23: Pirimaw olhando a vegetação de embaúba (*taratara*) no caminho de Roroymo para Ahrumĩtĩ. Perguntei para ele, onde estão as cerâmicas? Ele respondeu: esquece, elas estão debaixo da terra, olha as paisagens na floresta!



Imagem 24: Sapinho chamado *kepeti* (nas costas do Ruben), a partir do qual se tirava remédio (veneno) para aplicar no cachorro e torná-lo bom caçador (o *kepeti* é encontrado no chão da floresta). Para aplicar nos homens caçadores, usava-se um outro tipo de sapo, *dawaru*, que fica nos galhos ou buracos das árvores.



Imagem 25: Pedra no porto de Roroymo, sulcada pelos polimentos feitos ali em objetos de corte (de pedra ou de metal) para amolá-los ou afiá-los.



Imagem 26: Pé de jenipapo no meio de uma ilha, onde se vê os ninhos de japim (*xakwaru*) nos galhos: *xakwaru kahñeme kiñe, yîhtînoñeme marha*. Japim que dá conhecimentos aos humanos, como fazer casa, ou tipiti (*kwarsî*) ou aprender línguas. Faz-se um chá da casa do japim para tomar, e receber o seu dom. Além de excelente artesão, o japim é tido sabedor de várias línguas (ele fala igualmente a língua de outros animais).



Imagem 27: Japim, o artesão *xakwaru* (*kahñeme kiñe yîhtînoñeme marha*).



Imagem 28: A aldeia do *xakwaru*.



Imagem 29: Vista de longe da casa do *xakwaru* (situada entre as árvores no meio do rio).



Imagem 30: Pedra de *xamataymo*, local perigoso que não deve ser visto pelos jovens, só as pessoas experientes podem vê-lo (acima de Roroymo)



Imagem 31: Pirimaw sentado na pedra de *worokyam toopu* (espírito da pedra) (acima de Xamataymo)



Imagem 32: Lugar e aldeia (Apoxiri) onde o urubu rei tinha levado o menino chamado Yiwixi, conforme história que relatei no capítulo 4 (acima de *worokyam toopu*)



Imagem 33: Cachoeira Gavião (Yaimo), acima de Apoxiri



Imagem 34: Construindo um acampamento de nome *pawxi matko*, no sítio de Roroymo.



Imagem 35: Casa no acampamento de Roroymo para defumar (*kanipo*) peixe e carne.



Imagem 36: Defumação de peixe e macaco guariba no acampamento de Roroymo.



Imagem 37: Poriciwi, no acampamento de Roroymo.



Imagem 38: Folha de uma árvore chamada *paru*, que fica sempre no igapó e perto do rio, nunca na terra firme.



Imagem 39: Amostra de casca e de folha de *paru*.



Imagem 40: Porto da aldeia Ahrumîfî



Imagem 41: Pirmaw fazendo um corte para reconhecer uma árvore paru, próxima a aldeia Yowtho



Imagem 42: Pé de tucumã, em Yowtho



Imagem 43: Toco de uma *matapa*, possivelmente usada como esteio de casa, na antiga aldeia de Yowtho



Imagem 44: Árvore *warma* ainda jovem, nasceu das sementes numa aldeia antiga (Yowtho)



Imagem 45: Folha da árvore *warma* (aldeia Yowtho)



Imagem 46: Árvore nova de *karakru yepu* (da qual se retira a semente para fazer vários tipos de artesanato, a madeira pode ser usada na fabricação do banco (*rere*))



Imagem 47: Folha árvore *kamuywa*, da qual se colhe uma frutinha para alimentação (aldeia Yowtho).



Imagem 48: Toco de uma árvore cortada por machado (o corte era muito bem arrematado) na antiga aldeia Yowtho



Imagem 49: Árvore *katuwaru* (madeira para fazer canoa, ou entrecasca para fazer tipoia), ainda pequena, esse tipo cresce na aldeia abandonada.



Imagem 50: Carvão achado na aldeia Yowtho



Imagem 51: Carvão na superfície da aldeia Yowtho



Imagem 52: Pé de castanheira, ainda jovem, na aldeia antiga de Yowtho



Imagem 53: Palmeira de tucumã (*mentho*), aldeia Yowtho.



Imagem 54: Patauá (*kwanamari*), na aldeia Yowtho.



Imagem 55: Eu e meu sobrinho, Roque Yaxikma, numa visita a aldeia antiga de Ahrumîti. No fundo, a árvore chamada *wawku* (da sua entrecasca fabrica-se a máscara para a festa do Yamo)



Imagem 56: Roque Yaxikma, Leonor Valentino (antropóloga) e eu, Jaime Xamen Wai Wai



Imagem 57: O arqueólogo Igor Mariano, junto com o meu sobrinho, Roque Yaxikma, na canoa, aprendendo a fazer *yamata* de folha da palmeira *cawana*, uma peça para guardar amuletos usada pelo xamã.



Imagem 58: O antropólogo Ruben Caixeta, conversando com o meu Pai, Poriciwi, e minha Mãe, Wahciki, no sítio Roroymo.



Imagem 59: Eu, Jaime Xamen, sentado com o pai Poriciwi, ouvindo histórias no sítio Yowtho

12 CADERNO DE FOTOGRAFIA 3: MINHA EXPERIÊNCIA NA UNIVERSIDADE



Fig. 10. Jaime Xamen Wai Wai, primeiro arqueólogo indígena formado no Brasil pela Ufopa, recebendo seu diploma das mãos da reitora Raimunda Monteiro.

Fonte: Fotografia de Camila Jácome.

Imagem 60: Minha formatura na UFOPA, 2017.



Imagem 61: Participação na VI Semana Internacional de Arqueologia Discente MAE/USP.



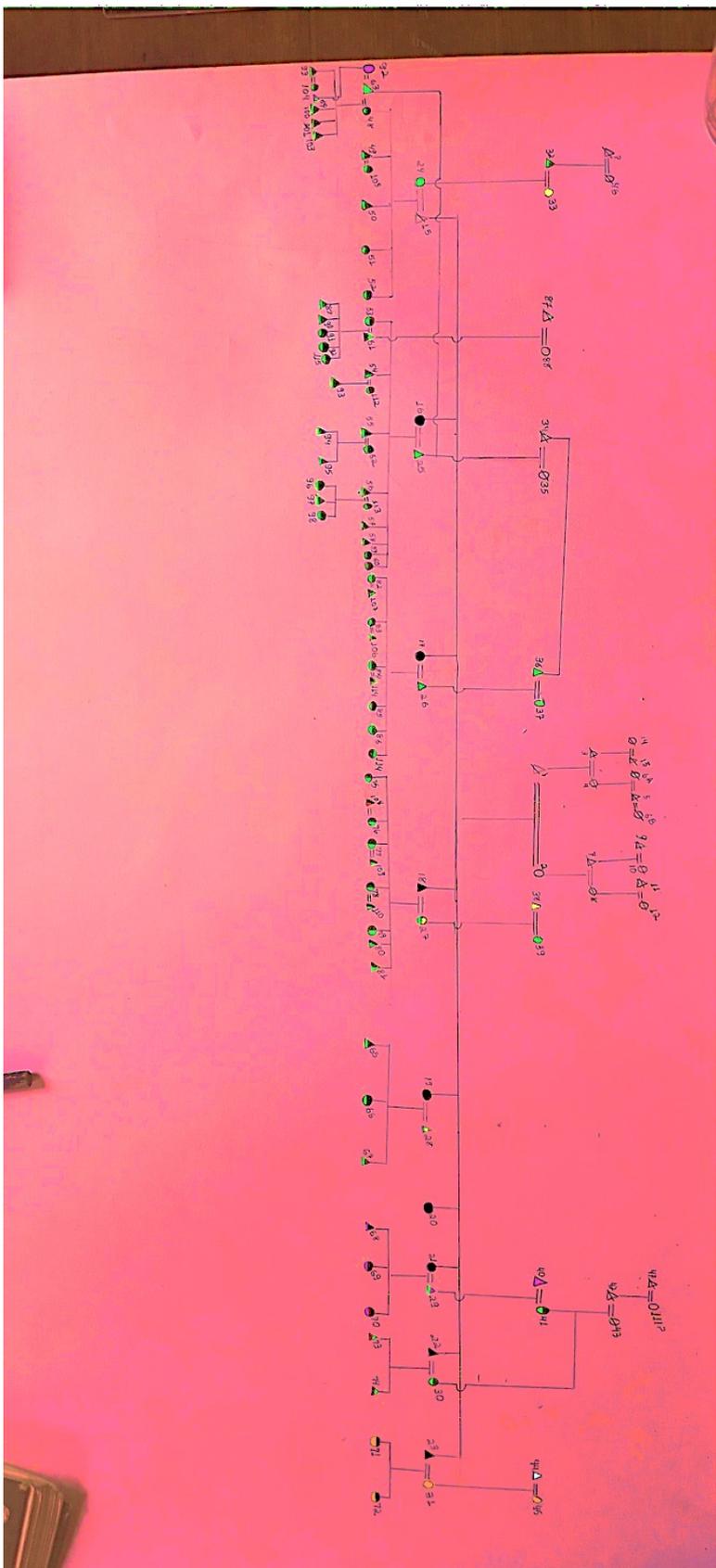
Imagem 62: Participação na VI Semana Internacional de Arqueologia Discente MAE/USP.



Imagem 63: Minha participação no Primeiro Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas, UFPEL, em 07/08/2019

13 ANEXO 1: (DIAGRAMA 5) GENEALOGIA DE PARENTESCO WAI WAI, DE ACORDO COM OS CASAMENTOS INTERÉTNICOS

Legenda: Wai Wai (preto); Hixkayana (amarelo); Xereu (vermelho); Mawayana (verde); Katwena (vinho); Karaiwa ou não indígena (laranja); Katwena-Wai Wai (vinho e preto); Mawayana-Wai Wai (verde e preto)



Nomes das pessoas dos Diagramas 5 e 6:

1) Poriciwi, 2) Wahciki, 3) Acamu, 4) Mihña, 5) Maporo, 6) Wositama A e Tamaru B, 7) Caramca, 8) Ahyaciki, 9)?, 10) Arapo, 11) Makari, 12) ?, 13) ?, 14) Wapu, 15) Makari, 16) Wosikra, 17) Wosîsî, 18) kaywere, 19) Rohsen, 20) Irene, 21) Luiza, 22) Oxiyasa, 23) Jaime, 24) Tacihwo, 25) Yaxikma, 26) Zacarias, 27) Kimu, 28) Salomão, 29) Pirimão, 30) Diana, 31) Rubiane, 32) Xama, 33) Wosîna, 34) WaiWai, 35) Eñewa, 36) Yarka 37) Yakamay, 38) Porohxa, 39) Kuhku, 40) Waykara, 41) Kaynaru, 42)Makasu, 43) Pacaca, 44) Nildo, 45) Ana, 46) Macayama, 47) Macere, 48) Leira, 49) Nikano, 50) Laira, 51) Silvio, 52) Silvia, 53) Rosilda, 54) Walter, 55) Roque, 56) Altair, 57) Efecio, 58) Clovis, 59)Ratija, 60) Miriyan, 61) Matateya, 62) Alesandra, 63) Aska, 64) Almir, 65) Roserino, 66) Rosenilda, 67) Rosenildo, 68) Welson, 69) Lucia, 70) Luiza, 71) Jamyle, 72) Raika, 73) Clenio, 74) Xakrei, 75) Romilda, 76) Nena, 77) Liane, 78) Liana, 79) Marci, 80) Mario, 81) Marilso, 82) Asena, 83) Michele, 84) Vania, 85) Alcinea, 86) Delmira, 87) Iyana, 88) Pawaci, 89) Clauber, 90) Rosildo, 91) Roserena 92) Lena, 93) Elter, 94) Rasave, 95) Ravi, 96) Dane, 97) Ronei, 98) Daile, 99) Mirano, 100) Jardel, 101) Jardeson, 102) Erano, 103) Diorle, 104) Gabriela, 105) Pesuri, 106) Ariyasa, 107) Esequiel, 108)Dario, 109) Panwel, 110) Tita, 111) ?, 112) Elezangela, 113) Liliane, 114) Bete, 115) Roseane.